

REVISTA DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS



ANO 4 • N° 10 • DEZEMBRO • 2023



ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Praça da República, nº 7

Centro – Niterói – RJ

CEP 24020-099

site: www.academiafluminensedeletras.com.br

e-mail: academiafluminensedeletras@gmail.com

Diretoria 2022/2024

Presidente: Márcia Maria de Jesus Pessanha

Vice-Presidente: Eduardo Antônio Klausner

1ª Secretária: Eneida Fortuna Barros

2ª Secretária: Lucia Maria Barbosa Romeu

1º Tesoureiro: Cleber Francisco Alves

2º Tesoureiro: Célio Erthal Rocha

Diretora de Acervo Documental e Bibliotecas:

Maria do Carmo Soares Cordeiro

A Revista Fluminense de Letras é publicação oficial da AFL em formato digital, com previsão de duas edições por ano (além de eventuais edições extras). Ela tem por objetivo divulgar as atividades literárias, artísticas e científicas desenvolvidas pelo corpo acadêmico, além de artigos e trabalhos que contribuam para a difusão das finalidades desta mais que centenária instituição. Todos os textos são apreciados pelos membros do Conselho Editorial antes de sua publicação. As matérias assinadas são de inteira responsabilidade dos autores.

A Academia Fluminense de Letras agradece a todos os(as) acadêmicos(as) que ajudaram e ajudam a manter e divulgar suas finalidades, desde a fundação desta Casa de Amor à Cultura, Guardiã da Memória e da História.

Publicação Ano 4 nº 10 dezembro 2023

REVISTA DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Editora

Márcia Maria de Jesus Pessanha

Comissão da Revista

Alba Helena Corrêa

Antônio Machado

Célio Erthal Rocha

Cleber Francisco Alves

Eduardo Antonio Klausner

Eneida Fortuna Barros

Lucia Maria Barbosa Romeu

Maria do Carmo Soares Cordeiro

Matilde Carone Slaibi Conti

Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva

Waldenir de Bragança

Redação e Revisão

Christiane Braga Victer

Projeto Gráfico

Cleide Villela Abib

Foto da Capa

Solar do Jambeiro, foto de Paulo Roberto T. Barbosa classificada em 2º lugar no Concurso Fotográfico Arquitetura Histórica de Niterói

Créditos Editoriais

Christiane Braga Victer

Cleide Villela Abib



O conteúdo completo da Revista está disponível no site

www.academiafluminensedeletras.com.br/revistafluminensedeletras

Seu conteúdo é de propriedade exclusiva da Academia, não podendo ser reproduzido de nenhuma forma, em parte ou totalmente, sem autorização prévia por escrito da diretoria da instituição.

Distribuição gratuita / esta publicação não pode ser vendida ou comercializada



SUMÁRIO

EDITORIAL	08	CONGRESSO BRASILEIRO DAS ACADEMIAS ESTADUAIS DE LETRAS	35
<i>Márcia Pessanha</i>			
AGRADECIMENTOS	09	CARTA DE CAMPO GRANDE	38
PRÓXIMO NÚMERO	09	MEMÓRIA	
HOMENAGENS DE SAUDADE		JOAQUIM JOSÉ RODRIGUES TORRES, VISCONDE DE ITABORAÍ	41
CRÔNICA AFETIVA E SAUDOSA AO PROFESSOR LUIZ CARLOS LESSA	11	<i>Erthal Rocha</i>	
<i>Eneida Fortuna Barros</i>		JOAQUIM NABUCO	43
JOSÉ RAYMUNDO MARTINS ROMÊO, MENSAGEIRO DA PAZ	13	<i>Eduardo Antônio Klausner</i>	
<i>Waldenir de Bragança</i>		MARTINS D'ALVAREZ	50
MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA – AO MESTRE, COM CARINHO	16	<i>Leda Mendes Jorge</i>	
<i>Márcia Pessanha</i>		QUARESMA JÚNIOR	52
REGISTROS DA VIDA DE LUIZ CARLOS DE ALBUQUERQUE SANTOS	18	<i>Eneida Fortuna Barros</i>	
<i>Waldenir de Bragança</i>		TEMPLO DA PALAVRA	
SANDRO PEREIRA REBEL – HOMENAGEM PÓSTUMA	20	A FREIRA	55
<i>Márcia Pessanha</i>		<i>Eduardo Antônio Klausner</i>	
ACADEMIA EM AÇÃO		A MÁQUINA DO TEMPO E OS TEMPLOS DA CULTURA	58
PALESTRA “CASIMIRO DE ABREU, O POETA DAS PRIMAVERAS”	23	<i>Sara Rifer</i>	
SOLEINIDADE CONJUNTA DE REABERTURA DAS ATIVIDADES CULTURAIS	24	ANTES QUE SEJA TARDE	59
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA	25	<i>Leda Mendes Jorge</i>	
SOLEINIDADE DE POSSE DO ACADÊMICO JOAQUIM ELOY DUARTE DOS SANTOS	26	GRATIDÃO PELA CAMINHADA	59
SOLEINIDADE DE POSSE DA ACADÊMICA LUIZA CRISTINA PINTO SASSI	28	<i>Lucia Maria Barbosa Romeu</i>	
DIA DE CAMÕES, DE PORTUGAL E DA COMUNIDADE LUSÍADA	30	OS RABISCOS DE NILZA MORAES ROLIM	60
106º ANIVERSÁRIO DA AFL – XVIII JORNADA SOCIOCULTURAL DA FALERJ	31	<i>Maria do Carmo Soares Cordeiro</i>	
CONCERTO LA BELLE ÉPOQUE	34	TRIBUTU À CIDADÃ NACIONAL	62
		<i>Alba Helena Corrêa</i>	
		ARTE DE ESCREVER	
		DA PRODUÇÃO LITERÁRIA	64
		<i>Eneida Fortuna Barros</i>	
		VOCAÇÃO E INSPIRAÇÃO	66
		<i>Alba Helena Corrêa</i>	
		CULTURA E HISTÓRIA DA TERRA FLUMINENSE	
		130 ANOS DA ESCOLA DE MÚSICA SANTA CECÍLIA DE PETRÓPOLIS	68
		<i>Joaquim Eloy Duarte dos Santos</i>	

XVII JORNADA CULTURAL FALERJ – VOLTA REDONDA	70	MEUS VERSOS DE SANDRO PEREIRA REBEL	118
<i>Comissão de Redação</i>			
UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE DE NITERÓI – UMA OBRA DE AMOR	72	O PROTESTO DE TÍTULOS E OUTROS DOCUMENTOS DE DÍVIDA DE ALEXANDRE CHINI	119
<i>Waldenir de Bragança</i>			
DISCURSOS		TROVAS E HAICAIS DE ALBA HELENA CORRÊA E UYÁRA SCHIEFER	119
SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO LUIZ ALBERTO BARBOSA ROMEU	78	AUTORES DESTE NÚMERO	121
2 DE JUNHO DE 2022			
<i>Lucia Maria Barbosa Romeu</i>		NOMINATA	
DISCURSO DE POSSE	83	CLASSE DE LETRAS	126
2 DE JUNHO DE 2022		CLASSE DE BELAS ARTES	128
<i>Luiz Alberto Barbosa Romeu</i>		CLASSE DE CIÊNCIAS	129
SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO JOAQUIM ELOY DUARTE DOS SANTOS	88	CLASSE DE CIÊNCIAS SOCIAIS	129
13 DE MAIO DE 2023		MEMBROS HONORÁRIOS	130
<i>Cleber Francisco Alves</i>			
DISCURSO DE POSSE	95		
13 DE MAIO DE 2023			
<i>Joaquim Eloy Duarte dos Santos</i>			
SAUDAÇÃO À ACADÊMICA LUIZA SASSI	104		
27 DE MAIO DE 2023			
<i>Márcia Pessanha</i>			
DISCURSO DE POSSE	106		
27 DE MAIO DE 2023			
<i>Luiza Sassi</i>			
SAUDAÇÃO PELOS 106 ANOS DA AFL – EXALTAÇÃO À FALERJ	109		
22 DE JULHO DE 2023			
<i>Erthal Rocha</i>			
A IMPORTÂNCIA DAS ACADEMIAS DE LETRAS NO CENÁRIO CULTURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	113		
22 DE JULHO DE 2023			
<i>Antônio Torres (ABL, APL)</i>			
OBRAS DOS ACADÊMICOS			
DEFENSORIA PÚBLICA NO SÉCULO XXI DE CLEBER FRANCISCO ALVES	118		



Academia Sul-Mato-Grossense de Letras



BRASIL LETRAS | 2023

Congresso Brasileiro das Academias Estaduais de Letras



Academia Sul-Mato-Grossense de Letras



FUNDAÇÃO DE CULTURA DE MATO GROSSO DO SUL

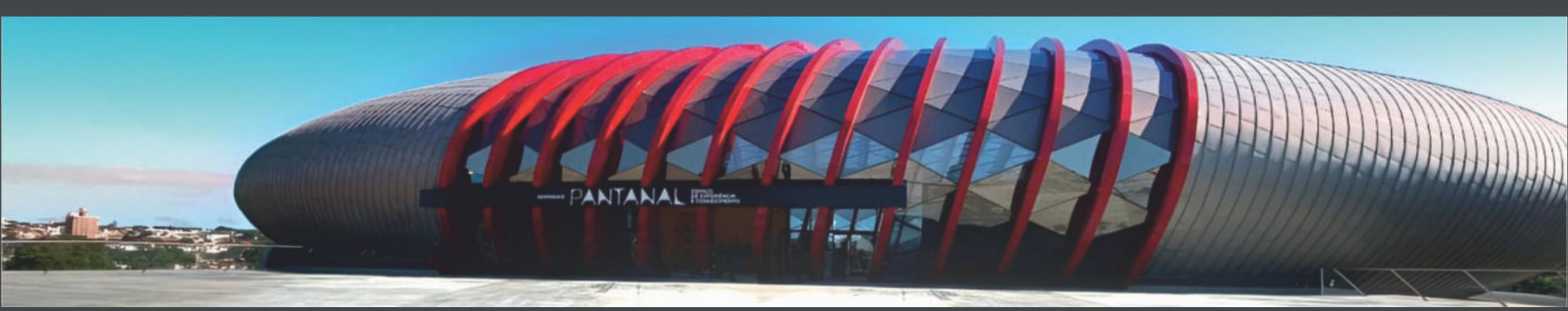
SETESCC
Secretaria de Estado de Turismo, Esporte, Cultura e Cidadania



GOVERNO DE Mato Grosso do Sul



Mato Grosso do Sul



Congresso Brasileiro das Academias Estaduais de Letras (adaptado)

CAMINHOS PERCORRIDOS E A PERCORRER NA HISTÓRIA DA AFL



MÁRCIA PESSANHA*

Presidente da Academia Fluminense de Letras
Acadêmica Titular da Cadeira nº 6
Classe de Letras

2023, um ano repleto de atividades e realizações da AFL. E neste ano em que Niterói celebra seus 450 anos, cumpre-nos também saudar nossa cidade, com a bela expressão de Gomes Filho, designada como "cidade sorriso".

Motivo de orgulho por sua efervescência cultural, celeiro de escritores, poetas, intelectuais de diferentes áreas do conhecimento e artistas renomados, Niterói emerge das "águas escondidas entre pedras", origem de seu nome e brilha no horizonte da cultura fluminense. Diversas Academias de Letras e demais entidades congêneres compõem o cenário cultural da cidade, o que precisa ser mais visibilizado e valorizado pelo poder público.

Vale lembrar a Carta de Educação, Cultura e Ética de Niterói, decorrente do I Congresso Brasileiro de Academias de Letras, promovido pela AFL por ocasião da comemoração de seu centenário, no dia 22 de julho de 2017, em que foram destacadas importantes pautas, tais como: "Contribuição das Academias para Preservação do Patrimônio Cultural"; "Valorização do idioma Português como Patrimônio Nacional"; "A Relevância da Leitura no Século XXI" etc. tudo isso visando à melhoria dos padrões da Educação e o incentivo às iniciativas de preservação da Memória e de difusão da Cultura em nosso solo

pátrio. E à semelhança do evento ocorrido em 2017, neste ano, no mês de outubro, a presidente da AFL participou do Congresso das Academias Estaduais de Letras em Mato Grosso do Sul, estreitando os laços com as instituições de outros estados, discutindo questões de interesse comum, trocando experiências e saberes.

E continuamos firmes em nossa caminhada, buscando aprimorar nosso trabalho acadêmico, pois a AFL com seus 106 anos merece ser cada vez mais atuante e gloriosa "Per Astra". Ao longo dos anos, construiu sua história com persistência e dedicação. Seus fundadores merecem nosso reconhecimento e aplausos. O traçado histórico de nossa instituição há de ser preservado.

Ainda há muito o que laborar. Sementes vão sendo lançadas, novos projetos hão de vir em 2024 e, aos poucos, vamos inserindo os frutos da colheita, com o apoio e participação das diversas Classes de Titulares que compõem nosso quadro acadêmico.

BOLETRAS/AFL
BOLETIM DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS
ANO III / Nº 23 / AGOSTO DE 2023
Academia Oficial do Estado do Rio de Janeiro: Lei nº 7.588 / 2017

AGOSTO COM GOSTO DE COMEMORAÇÕES

No carrossel do tempo, agosto passou, mostrando sua dupla face. Além de ser celebrado como mês do folclore, com suas lendas, histórias e tradições, é também visto sob o aspecto esotérico como mês do desgosto, da má sorte. Porém, em direção oposta vislumbra-se uma metamorfose, podendo ser considerado um mês jardineiro, pois é dentro dele, na estação do inverno, que as sementes dormem, aguardando seu tempo de brotar. Assim, é guardador de boas-novas, preparador das flores primaveris de setembro.

E é nesse sentido alvissareiro que nós recebemos e vivenciamos a passagem do referido mês, com uma série de eventos culturais, sociais e científicos, muito significativos, envolvendo acadêmicos da AFL das diversas Classes, bem como promovendo o intercâmbio com outras instituições congêneres. Foi, realmente, um período muito afirmativo para nossa Academia, em pauta nos diversos movimentos socioculturais fluminenses e também em outros estados. Algumas ilustrações fotográficas, a seguir, traduzem a dimensão dos eventos do mês e o valioso desempenho intelectual de alguns de nossos confrades e conterrâneos.

Que possamos unidos, participando das reuniões ordinárias, das sessões festivas e de outras atividades promovidas pela nossa Casa de Cultura, contribuir para sua continuidade e engrandecimento.

A participação dos Senhores Acadêmicos é muito valiosa. E que os bons ventos festivos deste agosto nos levem, entusiasmados, à primavera que está para chegar...

Márcia Pessanha, Presidente da AFL

Acadêmicos e artistas no Concerto La Belle Époque, que aconteceu na sede da AFL, no dia 14 de agosto, no qual se apresentaram o pianista Felipe Numa e coral de seus seminaristas sob a direção do maestro João Ferreira.

"Música é a linguagem universal da humanidade." Henry Wadsworth Longfellow

Na era da comunicação, é preciso ampliar nossos elos com outros segmentos culturais da sociedade e divulgar nossas atividades. Por isso, além do site da AFL, do Facebook, temos o BOLETRAS que sai mensalmente e é difundido nas redes sociais e a nossa REVISTA, um registro do que fazemos e representamos em nossa Casa de Cultura, Templo da Palavra e do Saber, segundo palavras de nosso Presidente de Honra Waldenir de Bragança. E na presente edição, foram abertas

novas seções, com o intuito de melhor atender às demandas de nossos acadêmicos e leitores.

E para finalizar, cito Cecília Meireles: “Estou vendo aquele caminho cheiroso da madrugada... Estou diante daquela porta...” Tais versos do poema *Excursão* da referida autora nos conduzem a um espaço evocativo, emoldurado de boas lembranças. Mas trata-se, principalmente, de um

convite, diante da visão de um caminho promissor para todos os acadêmicos: os que já se encontram há bastante tempo nesta memorável instituição, os que estão ingressando e os que ainda hão de vir, para que compartilhem conosco vivências e conhecimentos, dando continuidade às nossas atividades e preservando nossa fraterna união.



*Representantes das Academias participantes do Congresso Estadual de Academias de Letras em frente ao Centro de Convenções do Bioparque Pantanal, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em 19 de outubro de 2023
Divulgação: Academia Sul-Rio-Grandense de Letras*

AGRADECIMENTOS

A Comissão de Redação da Revista da Academia Fluminense de Letras agradece a especial colaboração de:

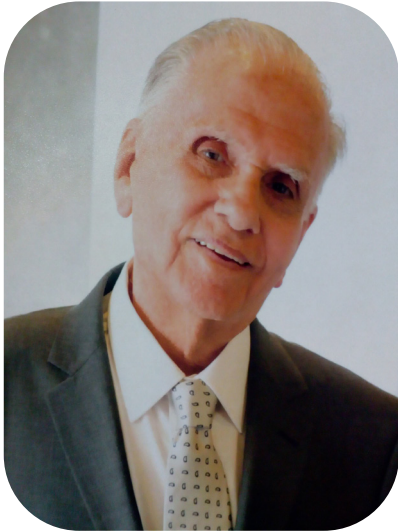
- Acadêmico Antônio Machado (Classe de Belas Artes) e Srs. Aldo Pessanha, Murilo Lima e Roberto Aylmer, cedendo fotos de sua autoria para abrilhantar mais este número de nossa Revista;*
- Acadêmico Célio Erthal Rocha (Classe de Letras), no artigo sobre a memória do Patrono da Cadeira nº 47 da Classe de Letras, Visconde de Itaboraí.*

REVISTA AFL Nº 11

Contamos com as colaborações dos Acadêmicos e Acadêmicas para o próximo número de nossa Revista, previsto para julho de 2024. Trabalhos ressaltando a memória dos Patronos e antecessores são prioritários, mas contamos também com seções para trabalhos literários sobre temas gerais, fatos históricos, atualidades e informes sobre obras dos Acadêmicos e atividades culturais de entidades congêneres.

Os textos devem ser enviados para o e-mail revista.afl.2020@gmail.com até o dia 15 de maio. O respeito ao prazo é importante para que a revisão, diagramação e pesquisa de imagens sejam realizadas da melhor forma possível.

HOMENAGENS DE SAUDADE



LUIZ CARLOS LESSA

1928-2023

3º Ocupante da Cadeira nº 18
Patrono Fagundes Varela
Classe de Letras

CRÔNICA AFETIVA E SAUDOSA AO PROFESSOR LUIZ CARLOS LESSA

ENEIDA FORTUNA BARROS*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 19
Classe de Letras*

Crônica, gênero literário relativamente novo, saído do jornalismo, não toca a notícia, mas comenta o acontecido.

A Academia Fluminense de Letras, dessa forma, vem dar testemunho da vida e obra de um de seus membros mais antigos e dignos de todo o preito, pelo que foi e pelo que será no mundo da imortalidade: o Professor Lessa, conforme era chamado, que nos deixou em 14 de junho de 2023.

Deus o quis e o levou. Deixou vaga a sua Cadeira nº 18 da Classe de Letras da AFL, patronímica do poeta Fagundes Varela, que tem como Fundador Emílio Kemp e Luiz Reid como segundo ocupante. Foi saudado pelo Ministro Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes.

Honrou seu lugar de terceiro ocupante, ao

* *biografia dos autores nas págs. 121-124*

compor a cadeia dos elos acadêmicos fraternos, gloriosos e eternos, que hoje passam a pertencer aos milagres cósmicos, na lenta agregação do passado.

Fez parte, ainda em vida, dos cem anos de Fundação da Academia – em 22.07.1917 – com a publicação do resumo de seu Curriculum, no livro *As vidas que dão vida à casa centenária* (2019, pág. 37), organizado por mim.

Bacharel em Direito e formado em Português no Curso de Letras Clássicas da antiga Faculdade Fluminense de Filosofia, dedicou-se ao ensino de Português e de Direito e Legislação, em diversas instituições de ensino públicas e particulares de Niterói.

Procurador-geral do Estado/RJ e chefe da Assessoria Jurídica da Secretaria de Educação/RJ, especializado em Direito Educacional, pôde dar assessoria a diversos secretários com seu saber e fé no valor da Educação. Membro do Conselho Estadual por oito anos, presidiu a Câmara de Ensino Médio desse Conselho, por outros seis anos. Sempre ligado à Educação e à Língua Portuguesa, foi sócio colaborador, por eleição, da Academia Brasileira de Filologia e presidente, por eleição, do Sindicato dos Professores de Niterói e São Gonçalo.

Membro de diversas comissões de natureza técnico-pedagógica e de consultoria jurídico-administrativa, participou de serviços de assessoramento na área educacional da Prefeitura de Niterói. Recebeu, inclusive, em 12 de março de 2012, da Câmara Municipal de Niterói, o Diploma de "Honra ao Mérito", por suas "inegáveis qualidades de que é possuidor".

Foi escritor premiado pela Academia Brasileira de Letras (1970) e, no mesmo ano, pelo Instituto Nacional do Livro.

Gerou polêmica com a publicação do livro *O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*, prefaciado pelo Professor Ismael Coutinho, com duas edições esgotadas, em que seguiu as tendências modernistas difundidas por Mário de Andrade de valorização da língua falada no Brasil.

Foi autor de outras obras e de artigos no *Jornal do Comércio*, em *O Fluminense*, e na *Ocidente*, revista editada em Lisboa.

Tive a grata satisfação de ter merecido o seu Prefácio no meu livro *Registros de memória*:

momentos da prática acadêmica (2017), considerado por ele “precioso livro que ela me concedeu a honra de prefaciá-lo”. Esse livro pôde contar também com outro Prefácio, da Editora Parthenon, assinado pela Professora Dalma Nascimento, da UFRJ.

No seu livro *Poesias... Talvez* (1995), escreveu no poema *O cantor que não fui*:

*Eu quisera ter sido um pregoeiro
Da justiça e da paz, terno cantor.*

Acontece que o Professor Lessa foi, sim, um pregoeiro da justiça e da paz, sempre com sua fisionomia meiga, de olhar tranquilo de católico praticante, fervoroso, próprio de um verdadeiro cristão. Pertenceu, desde cedo, à Congregação Mariana e coordenou o Curso da Palavra na Paróquia de Nossa Senhora das Dores do Ingá. Transmitia mensalmente no *Jornal Unidade* os ensinamentos e as mensagens da Igreja. Teve até um lema: OCULI MEI SEMPER AD DOMINUM (meus olhos estão sempre voltados para o Senhor).

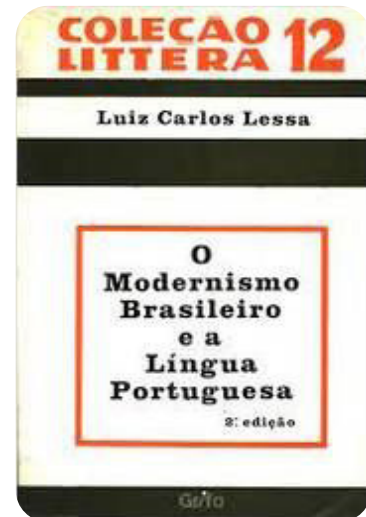
Nesse mesmo livro de poesias já citado, confessa ter amor por Niterói, sua cidade natal, e no poema *Niterói dos anos pré-dourados* (1935-1945), diz:



Liceu Nilo Peçanha, onde funcionou a Faculdade Fluminense de Filosofia de 1947 a 1952

Fonte: <https://www.facebook.com/carlos.benites2>

*Tenho saudade sim, tenho saudade,
Da Niterói da minha meninice.*



E em sessenta e quatro quadras de decassílabos em rima alternada, o poeta passa a recordar fatos, anúncios, eventos, a Faculdade de Medicina com seus trotes grotescos, o Clube Canto do Rio, e até o “queridíssimo” fotógrafo Fonseca, presença constante nos acontecimentos sociais da cidade. Ao referir-se às lojas comerciais, não se esqueceu da Casa Fortuna, que pertenceu ao meu avô, Alberto da Cruz Fortuna, conhecido comerciante da cidade, eleito vereador, no mandato de 1918 a 1922:

*A Fuscaldeza, que vendia massas;
Casa Fortuna, que vendia móveis.
Livrarias pequenas, muito escassas.
Não me lembro de agências de automóveis.*

Pelos serviços prestados a Niterói, em que deixou rastros de luz em todas as suas atividades de caráter particular, profissional ou intelectual, e pelo Acadêmico de postura exemplar que sempre foi, envio ao Professor Lessa, com saudosa memória e em nome de todos os nossos confrades e congreiras, o meu Aplauso de Pé!

Referências:

- ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS. **As vidas que dão vida à casa centenária**. Niterói, 2019. 150 p.
- FAGUNDES, Paulo Alexandre. Luiz Carlos Lessa. **Unidade**, Niterói, p. 8, junho de 2023.
- LESSA, Luiz Carlos. **Poesias... Talvez**. Niterói: [s.ed.], 1995.
- _____. Diploma de “Honra ao Mérito”. Câmara Municipal de Niterói, Sala das Reuniões, em 26 de junho de 1980, ass. João Baptista da Costa Sobrinho, Presidente.



JOSÉ RAYMUNDO MARTINS ROMÊO

1940-2022

3º Ocupante da Cadeira nº 3
Patrono Alberto Torres
Classe de Letras

MENSAGEIRO DA PAZ

WALDENIR DE BRAGANÇA*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
Classe de Letras*

**Como são belos os pés do mensageiro que
anuncia a Paz** (Is 52:7)

Tive a honra de proferir a saudação ao Acadêmico Educador ex-Reitor Prof. José Raymundo Martins Romêo em sua posse na Cadeira nº 3 da Academia Fluminense de Letras, no dia 5 de novembro de 2008. Na ocasião, louvei a feliz iniciativa da Academia de celebrar o Dia da Cultura e da Língua Portuguesa acolhendo o já laureado niteroiense, conhecido e respeitado pelos seus méritos de líder educador e nas ações universitárias, nacional e internacionalmente.

Agora, cumpro o triste dever de homenagear meu querido companheiro nos embates da vida, depois de sua partida precoce de nosso convívio, em 29 de dezembro de 2022.

1º ex-reitor de nossa Universidade Federal Fluminense a integrar a AFL, José Raymundo acreditava na fundamental influência das universidades como vigoroso instrumento de

transformação do mundo.

Nascido em 15 de agosto de 1940, filho de D. Inah e de Luís José Martins Romêo, teve como irmãos o ilustre Professor Cardiologista Luís José Martins Romêo Filho e o saudoso Administrador Odilon Martins Romêo. Casou-se com Maria Lucia Itabaiana Martins Romêo, que lhe deu os filhos Christiane e Luiz André.

José Raymundo cresceu na Rua Dr. Sardinha, ao lado do secular Colégio Salesiano de Santa Rosa. Os sinos da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora badalaram todos os dias de sua infância e o instigaram para os voos mais altos de sua trajetória de vida. Desde cedo vocacionado para o Magistério, passou de aluno a professor do Colégio Salesiano Santa Rosa; lecionou, também, no Liceu Nilo Peçanha e outras escolas da cidade.

Formado em Engenharia e Física, foi convidado a juntar-se à UFF em 1968, como professor do Instituto de Física, do qual se tornou diretor em 1975. Foi reitor por duas vezes, em 1982-86 e 1990-94 – dois períodos notáveis para a história da instituição. Na primeira gestão, estimulou a melhoria da qualidade do ensino, incentivou a pesquisa, criou o Departamento de Difusão Cultural, trouxe a Orquestra Sinfônica Nacional para a UFF, deu início à criação do Campus do Gragoatá. Na segunda, investiu em pesquisa e extensão, criou novos institutos, as Pró-Reitorias, o Núcleo de Estudos Estratégicos e a Assessoria de Relações Internacionais, dando ainda mais projeção à universidade, no Brasil e fora dele.

O amado amigo-irmão com quem partilhei a caminhada por mais de 50 anos foi um professor convicto de que é com educação que se alcança a compreensão, a tolerância, a boa vontade, a valorização da dignidade da pessoa humana e a paz. E, em decorrência de suas meritórias ações, tornou-se expressivo membro da Academia Brasileira de Educação; diretor-geral do Colégio do Brasil; presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

Recebeu o título de Doutorado *Honoris Causa* na 1ª Reunião Internacional de Universidades e Associações Universitárias, concedido pelo Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e Caribe, da UNESCO, que o fez Personalidade da Educação do Ano; foi o 20º brasileiro a integrar o Conselho de Administração

* *biografia dos autores nas págs. 121-124*



*Foto aérea do Campus do Gragoatá - UFF, em destaque o prédio da Biblioteca Central
Foto: Diego Baravelli*

da Associação Internacional de Universidades, sucedendo a Carlos Chagas; vice-presidente da Organização Universitária Interamericana; presidente do Conselho Latino-Americano da Associação Internacional de Presidentes de Universidades; fundador, ao lado de outros reitores, da Associação das Universidades de Língua Portuguesa; conselheiro e presidente do Conselho da Universidade das Nações Unidas; presidente da Fundação Miguel de Cervantes de apoio à leitura na Biblioteca Nacional; membro do Conselho da União das Universidades da América

Latina.

Foi, ainda, reitor da Universidade Santa Úrsula; pró-reitor para Assuntos Internacionais da Universidade Cândido Mendes; secretário de Cultura e, mais tarde, de Ciência e Tecnologia de Niterói; diretor-presidente da Associação Pestalozzi de Niterói, da qual foi feito Benemérito, assim como da Academia Fluminense de Medicina e da Universidade Aberta da Terceira Idade – que apoiou sempre, inclusive cedendo o espaço para suas atividades na Faculdade de Direito da UFF.

Publicou inúmeros trabalhos e artigos sobre educação, ciências, universidades, cultura. Executou as melhores ações distribuídas em 50 anos de magistério e de prestação de serviços educacionais e humanitários. Ressalte-se, nesse conjunto, poesias elaboradas pelo trabalho revelador do servir com amor e sensibilidade para realizar sonhos de interesse coletivo...

Há, em verdade, um lindo e permanente poema musical, pragmático, sensível, audível, emocional – o de salvar e manter a maravilhosa Orquestra Sinfônica Nacional, desprestigiada

*José Raymundo no Conselho da Universidade das Nações Unidas
Foto: Arquivo Pessoal*





Os diretores da Pestalozzi Pietro Acceta e José Raymundo Martins Romeo receberam o Acadêmico Marco Lucchesi (centro) então Presidente da Academia Brasileira de Letras, 2018.

Fonte: pestalozzi.org.br

desde 1980, seus valorosos músicos colocados em disponibilidade, inativos e condenados à ociosidade. O então Magnífico Reitor da UFF José Raymundo Martins Romeo, sabedor da ocorrência, dispôs-se a equacionar o desafio, colocando-se todo por inteiro para dar à OSN uma posição condigna, para instalar-se adequadamente, podendo reequipar-se com instrumentos musicais e reorganizar-se, elevando a autoestima dos que a integravam para irradiar o idioma dos anjos. Trouxe-a para Niterói, para dotar a cidade de uma Orquestra Sinfônica – ao lado de apenas uma outra cidade fora de capital, Campinas.

Tive a satisfação de poder oferecer o apoio do Município à iniciativa, encontrando-me à época como prefeito de Niterói. Da mesma forma, estive ao seu lado quando projetou a criação do Campus Urbano da Universidade em Gragoatá, em terreno desapropriado e cedido pelo Poder Público Municipal, com recursos obtidos do BID – obras que ampliaram as instalações e a capacidade operacional, e colocaram a nossa Universidade como uma das melhores do Brasil, dando sede a: Educação, Serviço Social, Física, Letras, Ciências Humanas, Geociências, Filosofia, Biblioteca Central.

Na solenidade telepresencial promovida pela AFL em 18 de dezembro de 2020 em

comemoração pelos 60 anos da UFF, com a participação do Reitor Antônio Claudio Lucas da Nóbrega e do Acadêmico Marco Lucchesi, então na presidência da Academia Brasileira de Letras, José Raymundo ressaltou: “Não há instituição tão importante quanto uma universidade. No final do século passado, em 1998, cientistas, reitores, participaram de uma reunião na cidade de Glion, na Suíça, e depois de dias de discussão, redigiram um documento que é importante que seja lido por todos que se interessam pelo mundo, pelo futuro, pela educação. Esse documento, Declaração de Glion, está disponível e uma importante manifestação desse documento foi que os reitores e cientistas afirmaram que, não no século que terminava, mas no milênio que



*Waldenir e José Raymundo
Foto: Arquivo Pessoal*

terminaria no ano 2000, a maior contribuição da inteligência humana para o ser humano e para a humanidade foi a criação da universidade”.

O admirável Acadêmico José Raymundo Martins Romêo, que se inseriu definitivamente na História em sua missão em favor da Educação e da construção da Paz da Humanidade, passou para a Eternidade deixando as marcas do bem derramado através de sua vida e sua obra.



MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA

1926-2022

4º Ocupante da Cadeira nº 22
Patrono Guilherme Briggs
Classe de Letras

AO MESTRE, COM CARINHO

MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 6
Classe de Letras*

**“Um professor afeta a eternidade. Ele nunca
saberá onde sua influência termina.”**

Palavras de Henry Adams que podem ser atribuídas a Maximiano de Carvalho e Silva, Professor Emérito da UFF, a quem dedico esta saudação, recolhendo as sementes de seu notório saber, disseminadas em mais de vinte mil alunos das diversas instituições em que lecionou. Ou seja, a influência de seu legado continua, permanece entre nós pelo patrimônio cultural que representou, pela postura humanista e visão social, pelas ações profissionais no magistério e na valorização do idioma português.

Tive o privilégio de ser sua aluna no Instituto de Letras da UFF, nos cursos de Língua Portuguesa, Revisor de Textos e Crítica Textual, ressaltando que ele foi o fundador da Cadeira de Crítica Textual na UFF.

Cito algumas frases que costumava falar

em suas aulas de maneira quase paternal: “Não esmorecer para não desmerecer” (Oswaldo Cruz). E continuava com seu habitual entusiasmo pelo magistério, apesar da idade avançada. E sentia-se realizado ao dizer que os livros que ajudou a fazer, que editou e fez chegar às mãos de seus alunos estavam sendo lidos e utilizados por eles.

Segundo Joaquim Nabuco, “a felicidade é o devotamento a um sonho ou a um dever”. E o Professor Max sempre foi um devotado cumpridor do dever, que buscava a realização de seus sonhos. Daí seu extenso e rico currículo, em que destaco alguns itens: livre docente em Filologia Portuguesa, UFF; membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia; professor titular de Filologia e Crítica Textual, UFF; professor de Língua Portuguesa dos Cursos de Jornalismo da PUC; diretor do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa; professor de Língua Portuguesa de vários educandários do Rio: Colégio São Bento; Pedro II; Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia; diretor Bibliotecário do Liceu Literário Português, RJ; membro do Real Gabinete Português de Leitura; e muito mais...

Em 2017, foi eleito Intelectual do Ano de Niterói. Ao longo de sua vida recebeu muitas premiações, moções, medalhas. Organizou, fez revisão crítica e publicou vários livros. Citarei apenas alguns, pois sua produção encontra-se divulgada em diversos meios de comunicação e nas editoras: *Sousa da Silveira / O Homem e a Obra / Sua Contribuição à Crítica Textual no*

*Márcia Pessanha e Maximiano de Carvalho e Silva na
solenidade de entrega do título Intelectual do Ano 2017
Foto: Deborah Eltz*



* *biografia dos autores nas págs. 121-124*



*Maximiano de Carvalho e Silva em palestra na Academia Niteroiense de Letras, 2011. Entre os presentes, seus ex-alunos que se tornaram professores: Dalma Nascimento, Márcia Pessanha e Luiz Antônio Barros.
Fonte: literaturavivencia.blogspot.com*

Brasil. Coleção Linguagem, nº 24. RJ: Editora Presença, 1984; O Romance Dom Casmurro de Machado de Assis: Edição Crítica e Comentada / Estudos Bibliográficos. Niterói: EdUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense, 2014; Gramática Histórica de Língua Portuguesa de Said Ali. Revisão, notas e índices. São Paulo: Melhoramentos, 1964; Sousa da Silveira e suas Lições de Português. RJ: Livros de Portugal, 1960. E como era católico e muito ligado à família escreveu O Poder da Oração e o Ideal de Servir na Vida de Meus Pais, Niterói: 2006.

Professor, pesquisador, escritor, editor, filólogo, crítico textual, nosso mestre desempenhava muito bem todas essas funções. E fiz parte de seu grupo de pesquisa, na época organizando o índice onomástico da obra do memorialista Pedro Nava, seu amigo, também frequentador do Sabadoyles. Este nome refere-se aos encontros de um grupo de escritores que se reunia aos sábados na casa de Plínio Doyle, para discutir questões filosóficas, literárias, linguísticas, culturais...

O estudo e pesquisa sobre a obra de Pedro Nava nos aproximou bastante. Foi uma aprendizagem que gerou bons frutos em minha formação acadêmica. Por isso, quando estive presidente da Academia

Niteroiense de Letras, o Professor Max foi convidado para fazer uma palestra sobre "Alguns aspectos da vida cultural de Niterói" e fiquei muito emocionada, quando ele disse: "Senhora Presidente da ANL, minha querida ex-aluna, colaboradora em meus projetos de pesquisa, que até pouco tempo, via como diretora da Faculdade de Educação da UFF".

Foi um encontro memorável, afetivo, do Mestre com a ex-aluna. E outro reencontro também inesquecível foi quando ele tomou posse na AFL, na Cadeira 22, patronímica de Guilherme Briggs, em que o conduzi, para entrar no salão, com mais duas acadêmicas, também da UFF: Eneida Fortuna Barros e Lucia Romeu. E quando a AFL festejou seus 105 anos, em julho de 2022, no mesmo mês do nascimento dele, 05 de julho de 1926, ele compareceu e muito feliz participou da cerimônia, ao lado de sua companheira Dirce. Chegou até a cantar e possuía uma bela voz. E para mais uma coincidência eu estava e estou como presidente da AFL. E ele brincando disse: "minha ex-aluna está sempre presente". Quanta emoção, ao lembrar tais fatos!

E no girar do carrossel da vida/morte, ele partiu no dia 22 de dezembro de 2022. Por isso, aqui estamos prestando-lhe esta merecida homenagem. Uma página de saudades e de gratas recordações...

*Maximiano cercado pelos confrades e confreriras na solenidade dos 105 anos da AFL
Foto: Murilo Lima*





LUIZ CARLOS DE ALBUQUERQUE SANTOS 1929-2023

5º Ocupante da Cadeira nº 38
Patrono Saldanha da Gama
Classe de Letras

REGISTROS DA VIDA DE LUIZ CARLOS DE ALBUQUERQUE SANTOS

WALDENIR DE BRAGANÇA*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
Classe de Letras*

No dia 7 de março partiu nosso querido confrade e amigo Luiz Albuquerque, exemplo de vida honrada, dedicada ao serviço da pátria e à nobre vocação de ensinar.

Conheci Luiz Albuquerque quando fiz o Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia da Escola Superior de Guerra / ESG, onde ele era professor, com ilustre carreira na Marinha Brasileira. Formamos ali uma amizade baseada em valores e ideais comuns.

Mais tarde, estando eu na presidência da AFL, nos reaproximamos. Dedicando-se à atividade de escritor após a aposentadoria da vida militar e do magistério, ele demonstrou seu interesse em tomar parte mais ativa no movimento cultural fluminense. Passou a frequentar sessões da Academia, inclusive tomando parte em

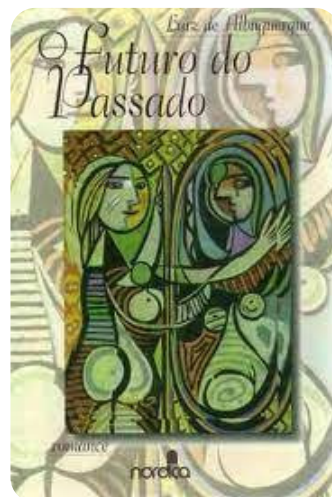
concursos literários promovidos pela instituição. Gentilmente nos ofertava, também, exemplares de seus livros para distribuição gratuita.

Comprovando o pensamento da freira francesa Marguerite Heilhard de Chardin – “Vidas esplêndidas podem começar aos 50 e 60 anos, desabrochar na última hora e frutificar em alguns minutos” – Luiz Albuquerque costumava dizer que se descobriu escritor e poeta no outono da vida, depois dos 60 anos. Dando oportunidade ao talento que estivera aguardando a oportunidade para despertar, já no romance de estreia, *O Futuro do Passado*, conquistou o prêmio do Concurso Nacional da Secretaria de Cultura do Paraná.

No dia 11 de julho de 2013, Luiz Carlos de Albuquerque Santos tomou posse na Cadeira nº 38 da Classe de Letras, patronímica de Saldanha da Gama, em concorrida solenidade que contou com representação da Escola Naval. Nosso querido e saudoso confrade José Raymundo Martins Romêo, outro luminar do magistério fluminense, fez-lhe a saudação, ressaltando sua vocação de professor, dedicado à formação de novas gerações.

Como vizinhos de bairro, Luiz Albuquerque era minha companhia constante no retorno após sessões da AFL. Vínhamos sempre conversando, trocando ideias; assim pude recolher alguns elementos de sua vida literária, da cultura, da vivência extraordinária no magistério na Escola Naval, e na Universidade Federal Fluminense.

Muitas vezes falávamos sobre seus planos e projetos literários. Lembro-me da ocasião em que me falou sobre seu propósito de escrever um livro sobre a participação das cunhadas na vida de um casal; eu manifestei alguma preocupação sobre possíveis repercussões do tema, mas ele persistiu: “É só mudar os nomes, não haverá problema...”. E pouco depois veio o anúncio da nova obra: *As*



*Capa do Livro
O Futuro do
Passado, premiado
no Concurso
Nacional
da Secretaria
de Cultura do
Estado do Paraná.
(Editora Nórdica,
1995)*

Escola Superior de Guerra - RJ
 Fonte: Ministério da Defesa / gov.br



Cunhadas.

Em sua exposição sobre o Patrono Saldanha da Gama, publicada no 3º número da Revista Digital da AFL (novembro de 2020), mostrou a profundidade de seu conhecimento sobre o grande líder da nacionalidade brasileira, ressaltando a nobreza da sua vocação, caráter, lealdade e convicção democrática, retratada no pensamento: "Por mais ilustradas que sejam as classes militares de qualquer país e elevado o seu efetivo numérico, não está na essência do seu papel a direção política dos destinos da pátria". Enaltecendo, ainda, a coragem demonstrada pelo grande personagem em sua última luta, toma emprestadas as palavras de Joaquim Nabuco ao descrever como o almirante transforma-se em general, deixa "o dorso das ondas bravias e, como um herói das Cruzadas, monta um cavalo e parte para a batalha que sabia perdida".

Luiz Albuquerque casou-se em primeiras núpcias com a também professora Vera Reis, mãe de seus três filhos: o economista e advogado Maurício e os médicos Gilson e Luís Abelardo Reis Santos. Viúvo, encontrou o amor novamente com a musa Irma Bosch, que o encorajou a prosseguir na senda literária. Após sua partida, Irma o inspirou ainda uma última vez, na coletânea *O Nome da Flor*, seu décimo primeiro livro, o terceiro de poesias, no qual recorda o momento do encontro com a amada:

(...)

De novo, mais uma vez de novo.

*O sonho feito vigília irisou tons que a vida
 esmaecera,*

*O lapso adquiriu fulgor de uma
 nanoeternidade.*

Foi assim que aconteceu. Simples assim.

*E deste modo será até o final dos tempos
 que não têm fim.*

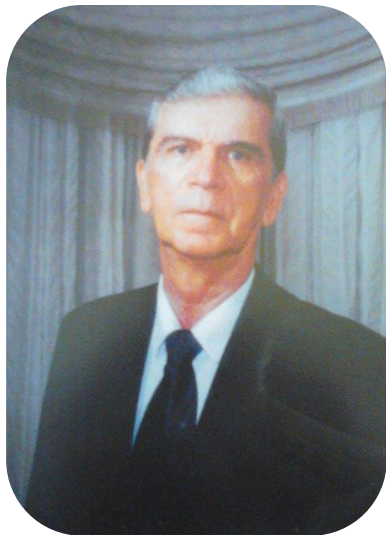
Além do premiado romance *O futuro do passado* e da mais recente coletânea poética *O Nome da Flor*, Luiz Albuquerque publicou: *Encontro de Paralelas*; *A sombra colorida*; *A transparência velada*; *No inverno, talvez...*; *As cunhadas*; *Peregrino*; *A saga de Valquíria*; *Sinfonia para piano solo*; e *O caderno de Nize*.

Assim o próprio autor se refere às diversas recordações e impressões pessoais reunidas em seus livros: "A vida passou depressa, mas, olhada com lupa, deixou alguns registros."

*Luiz de Albuquerque (dir.) com os filhos
 Maurício, Abelardo e Gilson.*
 Fonte: colunadogilson.com.br



E na constelação de imortais da Academia Fluminense de Letras estarão também registradas, pela eternidade, a vida e a obra do Acadêmico Luiz Carlos de Albuquerque Santos.



SANDRO PEREIRA REBEL

1934-2023

5º Ocupante da Cadeira nº 47
Patrono Visconde de Itaboraí
Classe de Letras

HOMENAGEM PÓSTUMA A SANDRO PEREIRA REBEL

MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 6
Classe de Letras*

Nos vãos da memória / saudades são relembranças / imortalizadas.

No haicai de Sandro Pereira Rebel, encontramos os fios que nos conduzem ao seu encontro, revisitando sua vida e obra. Haja vista que as saudades que hoje nos invadem são "relembanças imortalizadas" de sua convivência, de sua venturosa passagem entre nós. Imortalidade acadêmica ao ser, de agora em diante, lembrado por seus sucessores na Cadeira nº 47, Patronímica do Visconde de Itaboraí. Sandro teve como antecedentes ilustres representantes: Oliveira Vianna (fundador), Saboia Lima, Alcydes Machado Gonçalves e Ângelo Longo.

Eis alguns dados de seu rico legado cultural e de suas origens. Filho de Nelson Pereira Rebel e Zilá Peixoto Rebel, nasceu em 17/03/1934, em Campos dos Goytacazes. Lá, estudou no Colégio Rui Barbosa e no Liceu de Humanidades. Tempos felizes, bem registrados em versos do autor:

*Parque, igreja, pedalinho,
circo, menina de trança...
Lembrança com que acarinho
o meu pedaço criança...
Pensando, viajo:
a igreja, a praça, o coreto...
a infância me abraça...*

Em 1952, veio para Niterói. Cursou Direito na UFF, diplomando-se em 1956. Casou-se com a Professora Nicoleta Cavalcanti Pereira Rebel em 1961 e dessa abençoada união nasceram quatro filhos: Sandra Maria, Nelson, Leila e Sandro Júnior. Pai amoroso, no livro *Verdes e Maduros*, fez bela dedicatória para eles: "verdes ou maduros, os filhos são frutos sempre doces". E à sua querida esposa dedicou-lhe várias composições poéticas, inclusive a bela dedicatória do livro *Arco-Íris*: "Para alguém a quem já dediquei uma vida inteira, terá algum valor dedicar-lhe um livro? De qualquer forma, é também para você Nicole, este meu arco-íris". Avô de oito netos e uma bisneta, Sandro sentia-se "adocicado" pela afetividade familiar.

Denominado escritor polígrafo, no haicai que lhe dedicou Luís Antônio Pimentel, ou multifacetado, pelo bom uso da palavra literária: cronista, contista, poeta, trovador, haicaísta, jornalista. Iniciou suas atividades literárias em Campos, anos 50, publicando crônicas, artigos nos jornais: *Folha do Povo*, *do Comércio*, *Monitor Campista*. Em Niterói, a partir da década de 60: *O Fluminense*, *Folha de Niterói*, *Opção*.

Sandro Rebel também exerceu várias funções no serviço público: funcionário da Administração Pública Estadual, ocupando cargos de



*Sandro Rebel e a Professora Nicoleta Rebel na cerimônia de premiação do Intelectual do Ano de 2014.
Foto: Alberto Araújo*



*Acadêmico Sandro Pereira Rebel em sua solenidade de posse na Academia Fluminense de Letras, com o então Presidente Waldenir de Bragança e as Acadêmicas Márcia Pessanha e Eneida Fortuna Barros (19/10/2011)
Foto: Murilo Lima*

oficial administrativo, escriturário-datilógrafo, técnico de Administração e procurador do Estado e, também, diretor do Departamento de Pessoal da Secretaria de Administração, assessor técnico de Planejamento e Orçamento, chefe de Gabinete do Secretário de Educação e, de 1970 a 1971, secretário de Administração do Estado e de 1974 a 1975 chefe da Procuradoria Administrativa da Procuradoria Geral do Estado.

Com a fusão da Guanabara/Rio de Janeiro, integrou Grupo de Transição para definir diretrizes básicas do 1º governo do novo Estado, exerceu cargo de representante do secretário de Administração em Niterói (1975/1979), e no biênio 1976/1978 de vice-presidente e presidente do Conselho de Recursos Administrativos dos Servidores do Estado (CRASE-RJ). Ainda na administração do antigo Estado do Rio, foi membro do Conselho Executivo do Departamento de Portos e Navegação da Secretaria de Transportes e Comunicação; da Comissão Executiva para implementação do Plano Nacional de Educação do MEC (1960/70); do Conselho de Curadores do Centro de Processamento de Dados do Estado do Rio (1970/71) e do Conselho de Procuradores do Estado (1974/75). Também na Prefeitura de Niterói teve o cargo de diretor do Departamento de Administração e integrou a Comissão de Elaboração do Estatuto do Magistério e o GT para implantar a reestruturação dos quadros funcionais do município.

Se vasta foi sua atuação no serviço público, mais extensa e brilhante foi sua participação nos espaços literários e culturais. Agraciado com inúmeros prêmios, mais de cem, entre eles moções de louvor, Medalhas José Cândido de Carvalho e José Clemente Pereira, Título de Cidadão Nite-

roiense e de Intelectual do Ano de Niterói e muito mais. Membro Titular da Academia Fluminense de Letras, Niteroiense de Letras, União Brasileira de Trovadores e várias outras.

Em destaque algumas de suas produções literárias: *Geografia do Estado do Rio de Janeiro; Subsídios para a História de um Calçadão; Dois Tempos; Contos de outros tempos; Cronicontando; Arco-Íris; Verdes e Maduros; Lampejos; Minidicionário anticonvencional; Dez Andamentos do haikai; Dez andamentos da trova; Meus trezininhos poéticos; Cem trovas com humor e cem sem humor; Meus Versos.*

*Acadêmico Sandro Pereira Rebel com a Acadêmica Márcia Pessanha, que o saudou em sua cerimônia de posse na AFL
Foto: Murilo Lima*



Sandro, sua passagem entre nós deixou *Lampejos* de sua luz, com as cores do *Arco-Íris* e com sabor de frutos *Verdes e Maduros*. Para sempre lembrado por seus familiares e amigos acadêmicos, reiteramos seus versos: "Nos vãos da memória / saudades são lembranças / imortalizadas".

**ACADEMIA
EM AÇÃO**

PALESTRA “CASIMIRO DE ABREU - O POETA DAS PRIMAVERAS”

No dia 4 de janeiro, data do nascimento de Casimiro de Abreu (1839) a Presidente Márcia Pessanha representou a Academia Fluminense de Letras em evento comemorativo do aniversário do poeta realizado no Museu Casa Casimiro de Abreu, a convite do coordenador Cristiano Pereira.

Na ocasião, ela proferiu a palestra “Casimiro de Abreu, o Poeta das Primaveras”, com elementos de seu livro de mesmo título, no qual faz uma análise literária da obra do grande expoente do romantismo brasileiro.

O museu funciona na casa onde o poeta nasceu e viveu parte da sua infância, localizada no município que leva seu nome. Além de servir como espaço para a realização de eventos multiculturais, contém acervo com peças de período e produções de artistas locais importantes para a identidade cultural local.

Casimiro de Abreu é Patrono da Cadeira nº 13 da Classe de Letras da AFL, que atualmente tem como titular a premiada poetisa Alba Helena Corrêa.

A Presidente Márcia Pessanha com a equipe coordenadora do Museu Casa de Casimiro de Abreu e outros palestrantes convidados.
Foto: Aldo Pessanha



Acima: A Acadêmica Márcia Pessanha proferindo palestra junto a peças do acervo do museu
Foto: Aldo Pessanha

Abaixo: Museu Casa de Casimiro de Abreu
Fonte: culturacasimiro.rj.gov.br



SOLENIIDADE CONJUNTA DE REABERTURA DAS ATIVIDADES CULTURAIS

No dia 2 de março a Academia Fluminense de Letras e a Academia Brasileira Rotária de Letras / Seção do Estado do Rio de Janeiro, presidida pela Acadêmica Matilde Slaibi Conti, promoveram solenidade festiva conjunta na Casa da Amizade dos Clubes Rotários de Niterói marcando a reabertura das atividades das entidades culturais em 2023. O evento contou, ainda, com a parceria do Rotary Club de Niterói, presidido por Maria Helena Pereira.

Estiveram presentes, também, representantes da Academia Niteroiense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, do Cenáculo Fluminense de História e Letras, da Federação de Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro e do Elos Internacional da Comunidade Lusíada.



Acima: Eneida Fortuna Barros, Paulo Roberto Cecchetti e Leda Mendes Jorge;

Abaixo: Lucia, Luiz e Sheila Romeu.
Foto: Aldo Pessanha



Na ocasião, a Presidente da AFL Márcia Pessanha ressaltou a importância da união e parceria entre as entidades congêneres para o sucesso das atividades culturais.

A programação incluiu as posses solenes dos novos Acadêmicos Ricardo Pinho e Carla Vorsatz na ABROL-Estado do Rio, assim como homenagem ao jornalista Edgard Fonseca, Presidente da Academia Niteroiense de Letras.

Seguiu-se jantar de confraternização.



Acima: Maria Helena Pereira, Matilde Slaibi Conti, Márcia Pessanha, Edgard Fonseca e seu sucessor na presidência da ANL, Paulo Roberto Cecchetti.

Foto: Aldo Pessanha

Abaixo: Nagib Slaibi Filho, Matilde Slaibi Conti, Maria Helena Pereira, Márcia Pessanha e Edgard Fonseca.

Foto: Ismail Ferreira / IHGN



Erthal e Mânia Rocha

Foto: Aldo Pessanha



ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA AFL

No dia 23 de março de 2023, logo após a reunião da Diretoria, aconteceu a Assembleia Geral Ordinária da Academia Fluminense de Letras, a princípio dirigida aos Acadêmicos Titulares da Classe de Letras, seguida por Reunião Plenária com a participação, também, dos Titulares das Classes de Belas Artes, Ciências e Ciências Sociais.

Conforme prescrevem os dispositivos estatutários, dentro dos trabalhos da Assembleia a Presidente Márcia Pessanha apresentou Relatório de Atividades referente ao período 2022-23 e o 1º Tesoureiro Cleber Alves, Prestação de Contas sobre as finanças da instituição; ambos receberam a aprovação dos presentes.

A Presidente citou as sessões promovidas na sede da AFL, em especial as concorridas solenidades de retomada das atividades presenciais e do 105º aniversário; os eventos conjuntos com outras entidades, como as jornadas culturais da FALERJ; a responsabilidade no processo de eleição para Reitor e Vice-Reitor da UFF; a posse do Acadêmico Luiz Alberto Romeu e a eleição dos Acadêmicos Joaquim Eloy Duarte dos Santos e Luiza Sassi. Destacou, ainda, as providências para a continuidade dos projetos previstos no Termo de Fomento com a Secretaria de Cultura de Niterói: conclusão e premiação dos concursos literários e fotográficos (para adultos e estudantes), catalogação do acervo bibliográfico da Academia, e a última edição do Táxi Literário – assim como providências administrativas para a elaboração dos relatórios que são exigidos pelo acordo.

A Acadêmica Maria do Carmo Soares Cordeiro, Diretora de Acervo Documental e



*Matilde Slaibi Conti, Erthal Rocha, Eneida Fortuna Barros, Lucia Romeu e Márcia Pessanha;
Fotos: Christiane Victer*

Bibliotecas, fez relatório sobre o trabalho de catalogação realizado pela bibliotecária Penha Maria Machado sob sua supervisão e apresentou pequena exposição de livros raros do acervo da AFL, ressaltando a importância da continuidade do trabalho para que o acervo possa ser preservado e consultado de forma eficiente.



*Alba Helena Corrêa, Maria do Carmo Cordeiro, Joaquim Eloy Duarte dos Santos e Cleber Francisco Alves.
Fotos: Christiane Victer*

A sessão plenária incluiu comemoração do Dia Internacional da Mulher, com declamação de poesia da Acadêmica Lucia Romeu, de trovas da Acadêmica Alba Helena e de haicais da Acadêmica Márcia Pessanha.

Também se pronunciaram os Acadêmicos Erthal Rocha, Matilde Slaibi Conti, Eneida Fortuna Barros, Maria do Carmo e o convidado Acadêmico Eleito Joaquim Eloy Duarte dos Santos – que tomou posse no dia 13 de maio seguinte.



*Acadêmicos Alba Helena Corrêa, Maria do Carmo Cordeiro, Lucia Romeu, Marcia Pessanha e Eneida Fortuna Barros, e a bibliotecária Penha Machado.
Fotos: Christiane Victer*

SOLENIDADE DE POSSE DO ACADÊMICO JOAQUIM ELOY DUARTE DOS SANTOS

No dia 13 de maio de 2023 o Acadêmico Joaquim Eloy Duarte dos Santos tomou posse na Cadeira nº 26 da Classe de Letras, patronímica de Lúcio de Mendonça, em sessão solene na sede da Academia Fluminense de Letras.

Decano e ex-Presidente da Academia Petropolitana de Letras, o advogado, historiador, jornalista, escritor, poeta, radialista e dramaturgo Joaquim Eloy foi prestigiado por numerosa caravana de petropolitanos, entre autoridades, familiares e amigos, que trouxeram belos arranjos de hortênsias azuis – tradicional flor de Petrópolis – para enfeitar a mesa diretora e a tribuna.

Marcaram presença o Acadêmico Fernando da Costa, representando a Academia Petropolitana e o Instituto Histórico de Petrópolis; o Acadêmico Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro, da Academia Nacional de Medicina; o Presidente da Academia Niteroiense de Letras Paulo Roberto Cecchetti; a Presidente do Instituto de Cultura de Petrópolis, Diana Iliescu, que representou o prefeito Rubens Bomtempo e, em nome dele, entregou placa de homenagem ao empossando pela sua dedicação à cultura brasileira; a 1ª Dançarina do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Bauerngruppe, Maristela Esch; entre outros.

A Presidente Márcia Pessanha lembrou a história das Academias Fluminense e Petropolitana de Letras e os laços de amizade que ligam as duas instituições centenárias. Citando o poema *Eu Sou Trezentos*, de Mário de Andrade, ressaltou as várias personas culturais assumidas pelo Prof. Eloy em sua notável biografia, dando as boas-vindas ao novo confrade “que vem mais enriquecer o capital cultural da nossa Academia”.

Os convidados fizeram especial homenagem ao empossando ao cantar o Hino de Petrópolis (letra e música de Geraldo Ventura Dias).

O Acadêmico Cleber Francisco Alves tentou resumir em sua saudação a extensa trajetória nas

Letras e nas Artes daquele que classificou como personificação da Academia Petropolitana de Letras, ressaltando sua inequívoca vocação para exercer o magistério e o especial carinho pelas atividades artísticas – no teatro, na música, no desenho.

Em seguida, o novel Acadêmico Joaquim Eloy fez o elogio às memórias de seu Patrono Lúcio de Mendonça – que foi colega de seu avô Joaquim Heleodoro no Jornalismo – e de seus antecessores na Cadeira 26, em especial a Sávio Soares de Sousa, a quem chamou de irmão de ideais, relatando que ao escrever a biografia do predecessor descobriu com ele vários pontos em comum (sendo ambos advogados, bancários, poetas, trovadores). Ao final, encantou os presentes recitando algumas trovas de Sávio em forma musical, usando melodias populares.

Após aplaudida apresentação da Acadêmica Leda Mendes Jorge ao piano, a Presidente Márcia Pessanha encerrou a sessão, agradecendo a presença de todos e, em especial, os pronunciamentos dos Acadêmicos Cleber e Eloy, enfatizando: “É assim que se preserva a imortalidade acadêmica”.

Nota: Os pronunciamentos dos Acadêmicos Cleber Francisco Alves e Joaquim Eloy Duarte dos Santos estão incluídos nesta edição, na íntegra, na seção “Discursos”.



Hortênsias azuis de Petrópolis

*Joaquim Eloy Duarte dos Santos com a esposa Shirley, familiares e amigos.
Foto: Murilo Lima*





Acadêmicos Erthal Rocha e Jussara Ferreira apresentam Joaquim Eloy dos Santos.
Foto: Christiane VICTER



Paulo Roberto Cecchetti, Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro, Diana Iliescu (Presidente do Instituto de Cultura de Petrópolis), Márcia Pessanha, Eneida Fortuna Barros, Joaquim Eloy Duarte dos Santos com a esposa Shirley e a filha Janine, Matilde Conti.
Foto: Christiane VICTER



Acadêmicos Erthal Rocha, Joaquim Eloy Duarte dos Santos, Márcia Pessanha, Matilde Slaibi Conti e Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro.
Foto: Christiane VICTER



Acadêmicos Fernando da Costa (Academia Petropolitana), Joaquim Eloy Duarte dos Santos e Cleber Francisco Alves.
Foto: Christiane VICTER



Joaquim Eloy e Maristela Esch, do Grupo de Danças Folclóricas Bauerngruppe.
Foto: Christiane VICTER



Acadêmicos Eneida Fortuna Barros, Márcia Pessanha, Joaquim Eloy Duarte dos Santos e Cleber Francisco Alves com a Presidente do Instituto de Cultura de Petrópolis, Diana Iliescu.
Foto: Christiane VICTER

SOLEINIDADE DE POSSE DA ACADÊMICA LUIZA CRISTINA PINTO SASSI

Em 27 de maio de 2023 a professora, pedagoga, psicóloga e escritora Luiza Cristina Rangel Pinto Sassi tomou posse na Cadeira nº 25 da Classe de Letras, patronímica de Júlio Maria (Padre), em solenidade que contou com a presença de várias autoridades e personalidades da cultura fluminense – entre elas, a atual Secretária de Cultura de Niterói, Júlia Pacheco, e dois de seus antecessores, Victor de Wolf e Leonardo Giordano; a Subsecretária de Educação Ana Lúcia Schilke; o Presidente da Academia Niteroiense de Letras, Paulo Roberto Cecchetti; a Presidente do Cenáculo Fluminense de História e Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, Matilde Conti; o Vice-Presidente da Associação Niteroiense de Escritores, Pedro Caldas; o Diretor da Biblioteca Parque de Niterói, Joel Dalese Gonçalves.

A Presidente Márcia Pessanha citou Clarice Lispector, uma das autoras preferidas da empossanda, para iniciar a sua saudação: “Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar”. Discorrendo sobre a trajetória da educadora Luiza Sassi, a classificou como um paradigma da profissional envolvida com as Letras, a Educação e a Cultura, destacando sua defesa da filosofia humanista para o desenvolvimento de valores na escola. E encerrou voltando a Clarice: “Luiza, chegou a sua Hora da Estrela em nossa instituição – seja bem-vinda!”.

A Acadêmica Luiza Sassi saudou os

Acadêmicos lembrando o Padre Antônio Vieira: “Aqui há pessoas que se consomem para iluminar os outros”. Falou sobre seu Patrono, o Padre Júlio César, e seus antecessores na Cadeira nº 25, J. Demorais, Nelson Rangel, Newton Perissé Duarte, Lourenço Luis Lacombe e, em especial, Roberto dos Santos Almeida, “cuja cadeira teve a honra de ocupar duas vezes”, no Colégio Gay Lussac e na Academia.

Descreveu o Prof. Roberto como um ícone da Educação: “Estar ao seu lado era garantia de ter sempre algo a aprender”. Destacou o privilégio de conviver com o grande educador, podendo observar e aprender com seu modo de ser e de transitar pelas instituições culturais da cidade que tanto valorizava e das quais foi membro atuante.

A novel Acadêmica falou, ainda, sobre a importância da convivência com professores e artistas na luta pelo ideal de humanização, citando Mário de Andrade: “Só quero caminhar perto de coisas e pessoas de verdade. Apenas o essencial faz a vida valer a pena”.

Durante a sessão foi exibido vídeo com saudação gravada pela atriz Giovanna Sassi, filha da Acadêmica Luiza Sassi, que se encontrava a trabalho em São Paulo e por isso não pôde comparecer à solenidade. Em breve mensagem, Giovanna falou de sua admiração pela mãe, ressaltando que em todos os papéis e funções por ela exercidos o denominador comum é sua humanidade, e que a família é muito feliz por poder conviver e sempre aprender com essa grandiosa humanidade.

Nota: Os pronunciamentos das Acadêmicas Márcia Pessanha e Luiza Sassi estão incluídos nesta edição, na íntegra, na seção “Discursos”.



Acadêmicos Andrea Ladislau, Erthal Rocha, Antônio Machado, Luiza Sassi, Aristeu Pessanha Gonçalves, Márcia Pessanha, Eneida Fortuna Barros, Aidyl Preis, Matilde Slaibi Conti, Lucia Maria Barbosa Romeu, Cleber Francisco Alves, Joaquim Eloy Duarte dos Santos e Luiz Romeu.

Foto: Christiane Victor



Acadêmicos Antônio Machado e Matilde Conti apresentam Luiza Sassi.

Foto: Murilo Lima



O Presidente da Academia Niteroiense de Letras Paulo Roberto Cecchetti, a Secretária de Cultura Júlia Pacheco e as Acadêmicas Luiza Sassi, Márcia Pessanha, Eneida Fortuna Barros e Matilde Slaibi Conti.

Foto: Christiane Victer



Pedro Caldas, Vice-Presidente da Associação Niteroiense de Letras e Acadêmico Cleber Alves.

Foto: Christiane Victer



Secretária de Cultura Julia Pacheco, Luiza e Fabrício Sassi e o Diretor do MAC Victor de Wolf.

Foto: Murilo Lima



Luiza Sassi recebe seu diploma ao lado do marido Fabrício, do filho Victor, das Acadêmicas Márcia Pessanha e Eneida Barros e da Secretária de Cultura Júlia Pacheco.

Foto: Christiane Victer



A Presidente da AFL Márcia Pessanha e o Vereador Leonardo Giordano.

Foto: Christiane Victer



Joel Dalese, Diretor da Biblioteca Parque de Niterói, e o Acadêmico Erthal Rocha.

Foto: Christiane Victer



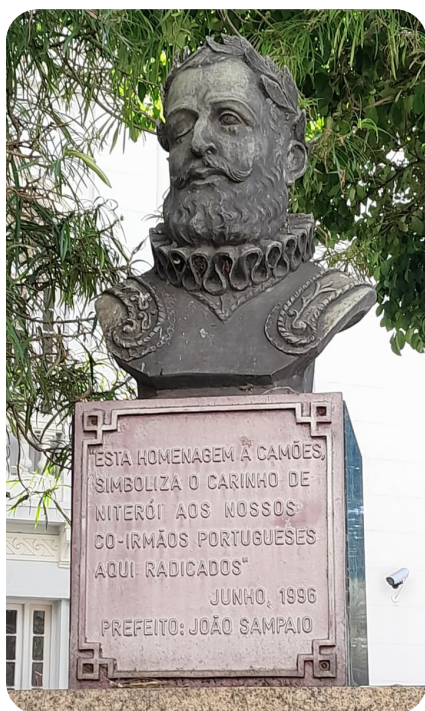
Vereador Jhonatan Anjos, Luiza Sassi, Subsecretária de Educação Ana Schilke, Cintia da Luz, do Conselho Municipal de Educação e Márcia Pessanha.

Foto: Divulgação Conselho Municipal de Educação

DIA DE PORTUGAL, DE CAMÕES E DA COMUNIDADE LUSÍADA

No dia 11 de junho de 2023 a Presidente Márcia Pessanha proferiu palestra em evento comemorativo do Dia de Portugal, de Camões e da Comunidade Lusíada, junto ao busto de Camões, no Centro de Niterói (atrás da sede da AFL), a convite do presidente do Centro da Comunidade Luso-Brasileira, Anselmo Dias.

Na ocasião, a Profa. Márcia, que também preside o Elos Clube de Niterói, recordou a viva



Acima: Busto de Luís de Camões na Rua Dr. Celestino, Centro de Niterói.

Abaixo: Nagib Slaibi Filho, Cecília Medeiros, Márcia Pessanha, Paulo Roberto Cecchetti, Erthal Rocha.
Fotos: Aldo Pessanha



presença da memória histórica e sentimental portuguesa no Brasil e ressaltou a importância de Camões: "10 de junho é uma data para celebrar Portugal, sua história, sua cultura, tradições, sua e nossa gente. E Luís Vaz de Camões, poeta máximo da língua portuguesa, deixou para sempre gravado em seu poema épico, publicado em 1572, *Os Lusíadas*, a saga de um povo, e realça, também, a contribuição das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo na valorização de Portugal".

Os Acadêmicos Erthal Rocha e Nagib Slaibi Filho representaram a AFL. Marcaram presença, entre outros, o Presidente da Academia Niteroiense de Letras, Paulo Roberto Cecchetti, o Presidente do Clube Português de Niterói, Orlando Cerveira, a Vice-Presidente do Elos Clube de Niterói Sara Rodrigues, a rotariana e elista Zeneida Apolônio Seixas, a trovadora Dulce Rocha de Mattos, da UBT-Niterói, e a Professora Cecília Medeiros. A cerimonialista Ana Ranhada organizou o evento.



Acima: Ana Ranhada, Anselmo Dias, membros do Rancho Folclórico Luís de Camões, Sara Rodrigues, Márcia Pessanha e Orlando Cerveira.

Abaixo: Sara Rodrigues, Zeneida Apolônio Seixas e Dulce Rocha de Mattos
Fotos: Aldo Pessanha



106 ANOS DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS XVIII JORNADA CULTURAL DA FALERJ

No último dia 22 de julho – data de seu 106º aniversário – a Academia Fluminense de Letras sediou a XVIII Jornada Cultural da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro / FALERJ. Foram anfitriões do encontro, além da Presidente da AFL e da FALERJ Márcia Pessanha, os Acadêmicos Paulo Roberto Cecchetti, Presidente da Academia Niteroiense de Letras, e Matilde Slaibi Conti, Presidente do Cenáculo Fluminense de História e Letras.

O Acadêmico Erthal Rocha fez pronunciamento homenageando os 106 anos da AFL, os 100 anos do CFHL (a se completarem em 1º de setembro de 2023) e os 80 anos da ANL (celebrados recentemente, em 14 de junho de 2023), falando sobre as trajetórias das três instituições e lembrando, ainda, que naquela data a FALERJ completava 6 anos desde sua fundação, durante o I Congresso Brasileiro de Academias de Letras, realizado em 2017 em comemoração ao Centenário da AFL.

Na programação da XVIII Jornada Cultural, foi palestrante convidado o ilustre jornalista, escritor e Acadêmico Antônio Torres, das Academias Brasileira e Petropolitana de Letras, que falou sobre “A Importância das Academias de Letras no Cenário Cultural Brasileiro Contemporâneo”, sendo portador das saudações de várias Academias do Brasil – inclusive a Academia Cearense de Letras, a mais antiga das academias literárias do país.

O Acadêmico Cleber Francisco Alves declamou o poema *Terra Fluminense*, de autoria do poeta niteroiense Emílio Kemp, que integrou a AFL. O momento musical foi abrilhantado pela Acadêmica Magda Belloti, soprano do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que interpretou canções populares, com apresentação da Acadêmica Lucia Barbosa Romeu. Foram elas:

Lua Branca – modinha da burleta de costumes cariocas *Forrobodó*, uma das mais célebres canções brasileiras e das mais conhecidas composições de Chiquinha Gonzaga;

As Rosas Não Falam – do compositor Cartola, gravada comercialmente pela primeira vez em

1976, pela cantora Beth Carvalho, a nona canção brasileira mais regravada de todos os tempos conforme dados do ECAD (2023);

Unforgettable – composta pelo norte-americano Irving Gordon, teve sua versão mais popular gravada por Nat King Cole em 1951. Em 1991, o diretor musical Joe Guercio usou a gravação original para criar um dueto de Cole, já falecido, com sua filha Natalie.

Durante a Sessão Plenária da FALERJ, marcando a significativa participação no evento de vários municípios fluminenses, cada presidente ou representante de Academia se apresentou e falou, por alguns minutos, sobre as atividades de sua instituição.

A Presidente Márcia Pessanha ressaltou a importância do encontro de entidades congêneres, ali reunidas em torno dos propósitos de intercâmbio e cooperação acadêmicos, que motivaram a criação da Federação.

Além da AFL, do Cenáculo Fluminense de História e Letras e da Academia Niteroiense de Letras, estiveram representadas no encontro: a Academia Petropolitana de Letras, a Confraria Sancristovense de História e Memória, a Academia de Letras pela Paz, a Academia Fidelense de Letras, a Academia de Letras de Vassouras, a Academia Friburguense de Letras, a Academia de Letras e Artes de Cambuci, a Academia Teresopolitana de Letras, a Academia Volta-Redondense de Letras, a Academia Campista de Letras, a Academia Gonçalense de Letras, Artes e Ciências, a Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada (de Paty do Alferes); a Academia Brasileira Rotária de Letras / Seção Estado do Rio de Janeiro; e o Real Gabinete Português de Leitura.

Um dos momentos mais emocionantes da solenidade foi a participação do Acadêmico Waldenir de Bragança, Presidente da AFL 2011-2022 e fundador da FALERJ, que após longo período de afastamento das sessões presenciais por motivos de saúde, compareceu à solenidade, recebendo o carinho, os aplausos e as homenagens de todos os presentes.

Estiveram presentes na ocasião: Júlia Pacheco, Secretária de Cultura de Niterói; Fernando Brandão, Presidente da Fundação de Arte de Niterói; Joel Dalese, Diretor da Biblioteca Pública; Namir Rosa Ribeiro, Assessora da Secretaria de Educação de Niterói; entre outras autoridades e

convidados. Após o encerramento da solenidade, os convidados dirigiram-se para restaurante próximo, onde participaram de almoço de confraternização.

Para encerrar, a Acadêmica Lucia Romeu declamou seu poema *Gratidão pela Caminhada*.

Durante toda a sessão estiveram expostas em painéis, para apreciação dos presentes,

fotografias classificadas no Concurso Fotográfico "Belezas Naturais de Niterói", promovido pela AFL em parceria com a Sociedade Fluminense de Fotografia.

Nota: Os pronunciamentos dos Acadêmicos Erthal Rocha e Antônio Torres estão incluídos nesta edição, na íntegra, na seção "Discursos"; o poema Terra Fluminense está na seção "Cultura e História da Terra Fluminense"; e o poema Gratidão pela Caminhada está na seção "Templo da Palavra".



*Acima: Leandro Garcia (Presidente Academia Petropolitana), Adailton Andrade (Presidente Confraria Sancrestovense), Dalva Frahllich (Presidente Academia Letras pela Paz), Ana Regina Seixas (Academia Fidelense), Sheila Guia (Presidente Academia Vassouras), Almir Azevedo (Presidente Academia Cambuci), Paulo Roberto Cecchetti (Presidente Academia Niteroiense), Márcia Pessanha (Presidente AFL e FALERJ), Cláudia Coelho (Presidente Academia Teresopolitana), Edmilson Lyra (Presidente Academia Paty do Alferes), Matilde Slaibi Conti (Presidente Cenáculo); Waldenir de Bragança (ex-Presidente AFL);
Abaixo: A Presidente Márcia Pessanha e o ex-Presidente Waldenir de Bragança cercados por Acadêmicos da AFL e das outras Academias;
Fotos: Roberto Aylmer*





Paulo Roberto Cecchetti, Eduardo Klausner, Antônio Torres, Márcia Pessanha, Eneida Fortuna Barros, Matilde Slaibi Conti.
Foto: Christiane Victer



Eduardo Klausner, Matilde Slaibi Conti, Erthal Rocha, Waldenir de Bragança e Márcia Pessanha.
Foto: Christiane Victer



Leda Mendes Jorge, Presidente da Associação Niteroiense de Escritores, e Julia Pacheco, secretária de Cultura de Niterói.
Foto: Christiane Victer



Cleber Francisco Alves, Gastão Reis (APL), Erthal Rocha, Márcia Pessanha, Antônio Torres e Joaquim Eloy Duarte dos Santos
Foto: Christiane Victer



Eneida Fortuna Barros, Waldenir de Bragança e Almir Pinto Azevedo.
Foto: Murilo Lima



Palestrantes Antônio Torres e Erthal Rocha.
Foto: Christiane Victer



Magda Belloti no Momento Musical; Sara Rifer, representante da Academia Campista; e Guto Mello, representante da Academia Volta-Redondense
Foto: Christiane Victer

CONCERTO LA BELLE ÉPOQUE

No dia 16 de agosto aconteceu na sede da Academia Fluminense de Letras o Concerto La Belle Époque, com apresentação de Felipe Naim ao piano e de coral de vozes femininas. O evento teve direção do Maestro Joabe Ferreira, que já participou de atividades conjuntas com a AFL anteriormente – em especial, regendo o Coral Rotarycanto em evento comemorativo do centenário da instituição, em 2017.

A apresentação, promovida pela Companhia



*Alba Helena Corrêa, Leda Mendes Jorge, Márcia Pessanha, Eneida Fortuna Barros, Regina Silveira e Silva, Wainer da Silveira e Silva e Mimi Lück;
Fotos: Murilo Lima*

Artística Cantate Diem – empresa de produção musical e gestão artística que busca divulgar a música de concerto – alcançou grande sucesso, reunindo numerosa assistência, entre membros da AFL e convidados.

Na ocasião, a Presidente Márcia Pessanha ressaltou a satisfação da Academia em apoiar as atividades valorizadoras da Cultura e das Artes, assim como a importância da parceria com outras instituições e grupos de difusão artística e cultural.



*Maestro Joabe Ferreira e Márcia Pessanha.
Foto: Aldo Pessanha*



*Acima: Acadêmicos e artistas no Concerto La Belle Époque.;
Abaixo: Coral Feminino Cantate Diem.
Fotos: Murilo Lima*



CONGRESSO ESTADUAL DE ACADEMIAS DE LETRAS CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL

A Academia Fluminense de Letras, Academia de Letras oficial do Estado do Rio de Janeiro, esteve presente no Congresso Brasileiro das Academias Estaduais de Letras realizado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, nos dias 19 e 20 de outubro de 2023.

A Presidente Márcia Pessanha participou do encontro a convite do Acadêmico Luiz Alberto de Medeiros Filho, Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, entidade promotora do evento, que foi projetado com os objetivos de promover o intercâmbio entre as instituições, discutir a produção literária e fortalecer o papel das Academias, incentivando maior integração e troca de experiências.

A belíssima cerimônia de abertura, no Centro de Convenções do Bioparque Pantanal, foi prestigiada por intelectuais, escritores, professores, estudantes e autoridades, entre elas o Governador do Estado de Mato Grosso do Sul, Eduardo Riedel; o Presidente do Tribunal de Justiça / MS, Desembargador Sérgio Fernandes Martins; a ex-Senadora e Acadêmica Marisa Serrano; o ex-Senador e Acadêmico Pedro Chaves dos Santos; os Secretários Estaduais de Governo

Pedro Caravina e Marcelo Miranda; e o Presidente da Fundação de Cultura / MS Eduardo Mendes Pinto.

Foi proporcionada aos congressistas visita às exposições do Bioparque, maior aquário de água doce do mundo, composto de dezenas de tanques que abrigam centenas de espécies de peixes. Um verdadeiro museu da vida aquática pantaneira.

A programação oficial incluiu, além das pautas voltadas às inter-relações das Academias Estaduais de Letras, o diálogo da literatura entre os estados brasileiros, a literatura como suporte das manifestações culturais, a contextualização da atual fragmentação caótica de textos na internet e os saltos e quedas da Literatura em função da tecnologia e da Inteligência Artificial.

As sessões da parte da tarde, realizadas no auditório do belo prédio sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, foram abertas ao público, que pôde participar dos debates. A Presidente Márcia Pessanha integrou mesa-redonda sobre "A importância das Academias Estaduais de Letras para o incentivo às atividades da educação, leitura e atividades literoculturais", onde discorreu sobre a importância fundamental da literatura para a formação do cidadão. Alguns trechos da sessão podem ser vistos em vídeo

Representantes das Academias Estaduais de Letras no auditório da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, anfitriã do Congresso.

Foto: Divulgação Academia Sul-Mato-Grossense de Letras





Boas-vindas do Presidente Luiz Alberto de Medeiros Filho, da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Foto: Divulgação Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

disponibilizado pelo divulgador cultural Alberto Araújo no canal do Focus Portal Cultural na plataforma YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=R3hmESY-POU>).

Além da AFL e da Academia Sul-Mato-Grossense outras quinze Academias estiveram representadas no encontro: Academia Alagoana de Letras, Academia Amazonense de Letras, Academia de Letras da Bahia, Academia Brasileira de Letras, Academia Espírito-Santense de Letras, Academia Maranhense de Letras, Academia Mineira de Letras, Academia Mato-Grossense de Letras, Academia Paraense de Letras, Academia Paraibana de Letras, Academia Paranaense de Letras, Academia Piauiense, Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Academia Rio-Grandense, Academia Catarinense de Letras.

Os Acadêmicos Ricardo Cavaliere e Antônio Cícero representaram a Academia Brasileira de Letras. Na ocasião, os dois imortais ressaltaram a importância do estreitamento dos laços entre as academias e a abertura de novos caminhos para o fortalecimento da Cultura como bem essencial, de acesso universalizado.

Foi destacada a presença da mulher Acadêmica, representada por quatro dirigentes – além da nossa Presidente Márcia Pessanha, as Presidentes Ester Abreu Vieira de Oliveira, do Espírito Santo; Maria Leide Câmara de Oliveira, do Rio Grande do Norte; e Luciene Josefa de Carvalho, de Mato Grosso, que é também a primeira mulher negra a presidir uma instituição do gênero.

O Presidente Henrique de Medeiros realçou a importância da unidade e das contribuições dos congressistas, interessados em estreitar os laços

das academias. Ficou acordado que o próximo congresso será em agosto de 2024, em Belém (PA); os subseqüentes seguirão um calendário bianual.

Ao final, foi elaborada a CARTA DE CAMPO GRANDE 2023 – documento referendado pelos representantes das 17 academias estaduais, contendo sugestões em favor da diversidade, das manifestações literoculturais, da valorização autoral e do fortalecimento dos hábitos e programas de incentivo à leitura nas escolas e na sociedade civil, entre outras.

Reproduzimos abaixo recortes da participação da Presidente Márcia Pessanha divulgados pela organização do Congresso:

“Este encontro proporcionou um momento de troca de saberes, mas também teve os sabores do afeto e da amizade que encontramos em Mato Grosso do Sul. Por tudo isto, nós agradecemos.” (Márcia Pessanha)

“É perfeitamente possível esclarecer e apagar do imaginário popular a impressão de que os acadêmicos e as Academias de Letras, tanto estaduais como a brasileira, são figuras majestáticas e elitistas”. Esta é a convicção da escritora e presidente da

A Acadêmica Márcia Pessanha assina a Carta de Campo Grande em nome da Academia Fluminense de Letras.

Foto: Divulgação Academia Sul-Mato-Grossense de Letras





*Cerimônia de Abertura do Congresso no Centro de Convenções do Bioparque Pantanal, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul – Apresentação da dupla de cantores de MPB e música regional Marcos Mendes e Maria Cláudia.
Foto: Divulgação Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*

Academia Fluminense de Letras, Márcia Maria de Jesus Pessanha, ao ser indagada sobre o papel dos imortais para facilitar o acesso das populações às instâncias culturais das quais estão distantes.

Ao participar do Congresso das Academias de Letras Estaduais nos dias 19 e 20, em Campo Grande (MS), Márcia Pessanha disse que o evento gerou importantíssimas contribuições para esclarecer a sociedade e torná-las mais próximas: “Este acontecimento contribui bastante. A nossa Academia tem um projeto ligado à FALERJ (Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro), temos contato com academias municipais, fazemos encontros e estamos abertos para atender as novas demandas. É uma aproximação que se amplia progressivamente”, assinalou.

Pessanha disse ainda que outro sinal efetivo deste avanço é a presença de várias mulheres na Academia, o que

*Congressistas visitam as exposições do Bioparque Pantanal.
Foto: Divulgação Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*



ajuda a expandir as suas atividades. “Fazemos intercâmbios, temos concursos de fotografia e de poesia, entre outros, atraindo jovens das escolas e o conjunto da sociedade”, relatou, ao salientar que a AFL se sentiu honrada de ser convidada para o congresso e apresentar suas experiências. “Temos especificidades em nossas atividades”.

Pessanha destacou a grandeza histórica da AFL, que completou 106 anos em julho: “O compromisso de divulgar a Língua Portuguesa está sendo feito por todas as academias e aqui tivemos uma ótima oportunidade para reafirmá-lo, fazer o intercâmbio, trocar ideias. Como diz Cora Coralina: nada que fazemos faz sentido se não tocamos o coração das pessoas”.

Durante os trabalhos a Presidente Márcia Pessanha reencontrou o Acadêmico Ernani Buchmann, Presidente da Academia Paranaense de Letras, que participou do I Congresso Brasileiro de Academias de Letras, realizado pela Academia Fluminense nos dias 20 a 22 de julho de 2017, dentro das comemorações do seu centenário. Os dois recordaram o sucesso do evento, que reuniu representantes da Academia Brasileira de Letras – o então Presidente Domício Proença e seu sucessor, Marco Lucchesi, além do filólogo Evanildo Bechara – de academias estaduais e de academias municipais do território fluminense, cujo encontro resultou na fundação da Federação de Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro.

Segue o teor da Carta de Campo Grande 2023.

CARTA DE CAMPO GRANDE 2023

O Congresso das Academias Estaduais de Letras – 2023 foi realizado em Campo Grande/MS, nos dias 19 e 20 de outubro, com a participação de representantes de 17 Academias Estaduais de Letras das diversas regiões do País, contando ainda com representantes da Academia Brasileira de Letras – ABL.

Realizado pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, o Congresso teve o objetivo de congregar as entidades para uma reflexão sobre a difusão da Literatura, suas peculiaridades e a importância do incentivo às ações que promovam o incremento da leitura no País.

O convite à Academia Brasileira de Letras – ABL foi no escopo de maior aproximação com as Academias Estaduais de Letras, garantindo crescente capilaridade entre elas e a difusão e valorização de objetivos comuns.

Foram dias de conagração, troca de impressões, experiências e debates durante a programação voltada para o público externo e, principalmente nas reuniões privadas, com a participação exclusiva dos acadêmicos.

A solenidade de abertura contou com a presença de representantes da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), Academias Estaduais de Letras, Academia Brasileira de Letras (ABL), autoridades e convidados. Foi realizada no auditório do Bioparque Pantanal, espaço de experiência e conhecimento, que congrega o maior aquário de água doce em todo o mundo.

As reuniões internas entre Acadêmicos participantes ensejaram a oportunidade de estreitar o relacionamento entre as diversas Academias, além de trocar experiências exitosas.

As duas mesas-redondas, abertas ao público, oportunizaram a discussão a respeito de novas tecnologias, inteligência artificial e Chat GPT, e também a visão da literatura como suporte das manifestações culturais em cada Estado.

Entre as diversas sugestões apresentadas destacam-se:

- Sugestão para a ABL criar uma aba na sua página na Internet, com os endereços dos sítios

das Academias Estaduais de Letras originárias e federativas.

- Realização de Congresso das Academias Estaduais de Letras, presencialmente a cada dois anos e virtualmente a cada ano. Excepcionalmente em 2024 acontecerá no Pará, com início no dia 15 de agosto.

- Afirmação do compromisso permanente de interação das Academias com a sociedade.

- Indicação para que as Academias Estaduais de Letras mantenham aba em suas páginas oficiais na Internet, contendo as informações dos endereços dos sítios de todas as Academias Estaduais.

- Reativação do Fórum das Academias Estaduais de Letras, sob a responsabilidade da Academia Mineira de Letras, com adesão das Academias presentes neste Congresso. Para essa consecução, fica criado um grupo de trabalho provisório com todos os acadêmicos presentes.

- Desestimular qualquer tipo de discriminação, de modo geral, nas Academias Estaduais de Letras.

- Inclusão de obras digitais de autoria de acadêmicos, mediante adesão dos autores autorizando a divulgação, entre os sítios de todas as Academias Estaduais de Letras, oportunizando a divulgação.

- Reconhecimento da existência de uma Academia de Letras por Estado, à exceção do Rio de Janeiro, assunto a ser deliberado posteriormente.

- Na expectativa que, em decorrência do Congresso Brasileiro das Academias de Letras, as propostas nele levantadas sejam colocadas em prática e que novos Congressos, com semelhantes propósitos, sejam realizados nos anos vindouros, firmamos a presente carta.

Campo Grande, 20 de outubro de 2023

MS – Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Henrique Alberto de Medeiros Filho

AL – Academia Alagoana de Letras
Alberto Rostand Fernandes Lanverly de Melo

AM – Academia Amazonense de Letras
Robério dos Santos Pereira Raga

BA – Academia de Letras da Bahia
Marcus Vinicius Couto Rodrigues

DF – Academia Brasiliense de Letras
Fabio de Sousa Coutinho

ES – Academia Espírito-Santense de Letras
Ester Abreu Vieira de Oliveira

MA – Academia Maranhense de Letras
Lourival de Jesus Serejo Sousa

MG – Academia Mineira de Letras
Olavo Celso Romano

MT – Academia Mato-Grossense de Letras
Luciene Josefa de Carvalho

PA – Academia Paraense de Letras
Flavio Quinderé Tavares Silva

PB – Academia Paraibana de Letras
Severino Ramalho Leite

PR – Academia Paranaense de Letras
Ernani Lopes Buchmann

PI – Academia Piauiense
Zózimo Tavares

RJ – Academia Fluminense de Letras
Márcia Maria de Jesus Pessanha

RN – Academia Norte-Rio-Grandense de Letras
Maria Leide Câmara de Oliveira

RS – Academia Rio-Grandense
José Airton Machado Ortiz

SC – Academia Catarinense de Letras
Amílcar Neves

Congressistas na frente da sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Foto: Divulgação Academia Sul-Mato-Grossense de Letras



MEMÓRIA



VISCONDE DE ITABORAÍ 1802-1872

Patrono da Cadeira nº 47
Classe de Letras

Célio Erthal Rocha*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 27
Classe de Letras
Comissão de Redação*

O professor, jornalista e político brasileiro Joaquim José Rodrigues Torres nasceu em Porto das Caixas, Itaboraí, em 13 de dezembro de 1802, filho de Manoel José Rodrigues Torres e de Emerenciana Mathilde Torres.

Deixou a fazenda da família – ricos proprietários de terras – para fazer seus estudos no Seminário de São José, no Rio de Janeiro, seguindo depois para a Universidade de Coimbra, Portugal, onde graduou-se em Ciências Naturais e Matemáticas.

De volta ao Brasil, em 1826 foi nomeado lente substituto da Academia Militar; permaneceria na função até 1833, à exceção de um intervalo entre 1827 e 1829 durante o qual fez curso de aperfeiçoamento em Paris.

Filiado ao recém-criado Partido Liberal, deu início às atividades de jornalista em 1831, como redator do jornal *O Independente*.

No mesmo ano assumiu a Secretaria da Marinha, após a abdicação de D. Pedro I, dando início à longa carreira na administração imperial. Em 1832 acumulou a pasta da Marinha com a dos Negócios da Fazenda. Reassumiria a pasta da

Marinha em outras ocasiões: 1832-1833, 1837-1839, 1840 e 1843-44 (já no reinado de D. Pedro II).

Primeiro presidente da Província do Rio de Janeiro, de 1834 a 1836, foi responsável pela instalação da capital fluminense na Vila Real de Praia Grande, renomeada Niterói em 1935.

Inicialmente identificando-se como um liberal moderado, Rodrigues Torres acabou abandonando as ideias progressistas e ingressando no Partido Conservador, em 1837.

Assumiu por breves períodos a Secretaria dos Negócios da Guerra (1839) e a Secretaria dos Negócios do Império (1840). Voltaria à Secretaria da Fazenda em 1848-1850, 1851-1853 e 1868-1870.

Como ministro da Fazenda, integrou a “Trindade Saquarema”, ao lado do Ministro da Justiça Eusébio de Queiroz e do Ministro de Negócios Estrangeiros Paulino José Soares de Souza – futuro Visconde de Uruguai.

O grupo recebeu a alcunha em alusão aos conflitos desencadeados pela primeira eleição da Vila Nossa Senhora de Nazareth de Saquarema, em 1844, quando a feroz disputa entre o candidato liberal, o padre José da Ceia de Almeida, e o candidato conservador, o coronel fazendeiro Francisco Álvares de Azevedo Macedo, provocaram uma séria de perturbações na ordem pública. A partir deste episódio o Partido Conservador, presidido por Rodrigues Torres – ele também proprietário de fazendas na região – passou a ser chamado de Saquarema, referenciando o exaltado clima político daquela cidade.

Os três representantes do Partido Conservador, Rodrigues Torres, Eusébio de Queiroz

Antigo prédio da Academia Militar e de Marinha, Largo de São Francisco, Rio de Janeiro.

Fonte: rio-turismo.com



* *biografia dos autores nas págs. 121-124*

e Paulino José Soares de Souza, foram grandes responsáveis pelo fortalecimento das instituições do Segundo Reinado, promovendo a pacificação das províncias após o turbulento período da Regência e contribuindo para a consolidação do Estado monárquico, que com eles viveu seu período de maior estabilidade política.

O grupo buscou promover uma aproximação com lideranças liberais para evitar os conflitos políticos das décadas anteriores; a iniciativa (que sofreu sua cota de críticas) resultou na criação do Gabinete da Conciliação, unindo liberais e conservadores.

À frente da Fazenda, Rodrigues Torres reforçou o respeito ao sistema monetário do padrão ouro e à monopolização dos serviços bancários pelo Banco do Brasil, e executou a grande reforma do Ministério da Fazenda em 1850, reorganizando as Tesourarias das Províncias e estruturando a administração central da Fazenda em: Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda, Diretoria-Geral das Rendas Públicas, Diretoria-Geral da Despesa Pública, Diretoria-Geral da Contabilidade, Diretoria-Geral do Contencioso, Tesouraria-Geral e Primeira e Segunda Pagadorias do Tesouro e Cartório

O Gabinete Saquarema conduziu o Estado brasileiro na transição de uma sociedade colonial para o caminho de uma sociedade capitalista.

Entre maio de 1852 e setembro de 1853, Rodrigues Torres chefiou o breve Gabinete Itaboraí, considerado uma continuidade da Trindade Saquarema. Foi conselheiro de Estado em 1853 e presidente do Conselho de Ministros nos períodos 1852-1853 e 1868-1870.

Ministro com maior tempo de permanência no cargo durante a época imperial, Rodrigues Torres recebeu de D. Pedro II o título de Visconde de Itaboraí (1854) e foi ordenado oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro, em retribuição pelos serviços prestados.

Deputado geral pela Província do Rio de Janeiro em três legislaturas – 1834-1837, 1838-1841 e 1843 – serviu como senador do Império por quase três décadas, de 1843 a 1872, e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O Visconde de Itaboraí foi, ainda, inspetor-geral da Instrução Primária e Secundária da Corte (1854-1855), e presidente do Banco do Brasil, de



Palacete do Visconde de Itaboraí, construído no Largo da Matriz (atual Praça Marechal Floriano Peixoto), em Itaboraí, RJ. Desapropriado pelo Governo do Estado, hoje abriga a Prefeitura Municipal.

Fonte: historiasemonumentos.blogspot.com

1856 a 1857 e em 1859.

Casou-se com Maria de Macedo Freire de Azevedo Coutinho. Da união nasceram sete filhos: Maria Carlota de Azevedo Torres, Francisca de Azevedo Torres, Joaquina Carolina de Azevedo Torres, Carlota Margarida de Azevedo Torres, Emerenciana Mathilde Torres, João José Rodrigues Torres e Manoel Antônio Rodrigues Torres.

Publicou pela Tipografia Nacional: *Propostas e relatórios, 1850-52* e *Propostas e relatórios, 1869-70*, contendo mapas e documentos.

Faleceu em 8 de janeiro de 1872, no Rio de Janeiro.

Referências:

Almeida, Tito Franco. **A Grande Política:** Balanço do Império no Reinado Actual - Liberaes e Conservadores - estudo politico-financeiro. Rio de Janeiro: Imperial Instituto Artístico, 1877.

ARQUIVO NACIONAL MAPA. **Joaquim José Rodrigues Torres, Visconde de Itaboraí.** Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes2/70-biografias/621-joaquim-jose-rodrigues-torres-visconde-de-itaborai>. Acesso em: 03 out. 2023.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. Ministros de Estado da Fazenda. **Joaquim José Rodrigues Torres, Visconde de Itaboraí.** Disponível em: http://www.fazenda.gov.br/portugues/institucional/ministros/dom_pedroII003.asp. Acesso em: 06 out. 2023.

PROENEM. **Período Regencial – O Regresso conservador.** Disponível em: <https://www.proenem.com.br/enem/historia/as-revoltas-regenciais-e-o-regresso-conservador/>. Acesso em: 03 out. 2023.

SAPIENTIA. Fatos Históricos. **Quem Foi o Visconde de Itaboraí?** Disponível em: <https://www.cursosapientia.com.br/conteudo/noticias/quem-foi-o-visconde-de-itaborai>. Acesso em: 03 out. 2023.

VIGNOLI, Silênio. Raízes do Tempo Saquarema dão frutos até hoje. **Jornal O Saquá**, Ano XIII, edição especial nº 158, 1 a 31 de maio de 2013, pág. 6. Disponível em: <https://www.osaquia.com.br/2013/05/09/raizes-do-tempo-saquarema-dao-frutos-ate-hoje/>. Acesso em: 06 out. 2023.



JOAQUIM NABUCO

EDUARDO ANTÔNIO KLAUSNER*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 8
Classe Letras

O Íncrito Patrono dos Historiadores

No dia 19 de agosto comemora-se o Dia Nacional do Historiador, instituído pela Lei n. 12.130, de 17 de dezembro de 2009, para valorizar o cientista e profissional dedicado à obtenção do conhecimento histórico e “à preservação da identidade das diversas nações e povos”, pois um “povo sem história é um povo sem memória”, como explana o Senador Cristóvão Buarque, autor do projeto dessa lei (PLS n. 570 de 2007).

A data escolhida pelo citado senador no projeto de lei foi 12 de setembro. Coube ao Senador Augusto Botelho, relator do projeto de lei na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal, criticar a data apresentada pelo autor do projeto e, com o apoio dos demais membros da comissão, eleger o dia 19 de agosto, dia do nascimento de Joaquim Nabuco, como o dedicado ao historiador, tanto em forma de homenagem aos profissionais brasileiros, como de “reverência à luta de Nabuco contra a escravidão”, acrescentando o congressista ser “uma oportunidade para os estudantes brasileiros refletirem sobre as profundas raízes da desigualdade na sociedade brasileira”. Levado o projeto de lei à Câmara dos Deputados, recebeu o n. 4.102 de 2008 e foi devidamente aprovado.

Sábios congressistas que participaram desse processo que levou à promulgação da citada lei e que elegeu Joaquim Nabuco como patrono dos historiadores brasileiros. Quando se

* *biografia dos autores nas págs. 121-124*

olha para o presente e para o passado recente da vida pública brasileira, com tantos escândalos decorrentes da improbidade de homens públicos a corroer a credibilidade na democracia, nas instituições estatais e a deteriorar os valores morais da sociedade, percebe-se o quanto é necessário resgatar os grandes vultos da história brasileira, dá-los a conhecer ao povo em geral, principalmente aos jovens.

Ética, probidade, alteridade, civismo, patriotismo precisam de modelos, de exemplos. Infelizmente, muito pouco se estuda sobre os grandes homens que forjaram a pátria e a civilização brasileira, sobretudo nas escolas brasileiras. É preciso regatar dos livros fechados e encerrados nas bibliotecas homens como Joaquim Nabuco, capazes de com as suas vidas inspirarem os brasileiros a conduzirem-se virtuosamente. Joaquim Nabuco serviu à humanidade e à pátria com denodo, talento e inteligência, independentemente das suas preferências políticas ou vantagens sociais e econômicas. A história é a mestra da vida, como proclamou Cícero.

Alguns dirão: Joaquim Nabuco, todos conhecem. Infelizmente não é verdade. O brasileiro conhece mal a sua história; uma modesta enquete com jovens e amigos deixa isso claro. Basta consultar a Base Nacional Comum Curricular para se evidenciar que não há prioridade, destaque ou especial relevância no ensino da biografia dos grandes personagens da história brasileira.

Joaquim Nabuco é mal lembrado como abolicionista, menos ainda como historiador, jurista, político, diplomata e jornalista. É preciso fazer dele um modelo a inspirar todo brasileiro e, principalmente, um modelo de homem público brasileiro.

Nascido na aristocracia rural pernambucana, filho de eminente político do império, abraçou a causa da raça, que considerava “a mais generosa”, e por ela lutou até conseguir a abolição da escravatura.

Monarquista, afastado da vida política e da vida pública, não hesitou em servir ao seu país quando chamado pela República, atuando em importantíssimas questões internacionais e tornando-se formalmente o primeiro embaixador brasileiro.

Homem justo, não vacilou ao apontar o erro

de se criticar os portugueses quando concederam asilo aos insurgentes durante a Revolta da Armada, na corveta *Mindello*, comandada pelo capitão Augusto de Castilho.

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu em 19 de agosto de 1849, na cidade de Recife, Pernambuco, filho de Ana Benigna de Sá Barreto — sobrinha do Marquês de Recife, da poderosa família Pais Barreto — e do juiz baiano, estabelecido em Pernambuco, José Tomás Nabuco de Araújo. A sua mãe vinha de uma tradicional família ligada às lutas pela independência do Brasil. O seu pai, oriundo de uma linhagem de senadores vitalícios do Império, juiz criminal no Recife, foi eleito para o Parlamento Imperial, construindo uma carreira política relevantíssima na história do império brasileiro.

Para que o seu pai pudesse ir para o Rio de Janeiro com a mãe e os irmãos, para assumir a cátedra legislativa, Joaquim Nabuco, ainda uma bebê de poucos meses, foi entregue aos cuidados dos padrinhos, Joaquim Aurélio de Carvalho e Ana Rosa Falcão de Carvalho, que viviam no Engenho de Massangana em Cabo de Santo Agostinho. Essa experiência para Nabuco foi fundamental, como revelou em uma das suas grandes obras: *Minha Formação*. Ele afirma que esses primeiros oito anos de vida passados no engenho foram os de sua formação instintiva e moral e que, aos vinte anos de idade, quando retornou ao engenho, na capela, ao pé dos túmulos de sua madrinha e de seus antigos serviçais, jurou votar a sua vida “ao serviço da raça generosa entre todas”. Nascia nesse momento o abolicionista ferrenho.

No ano de 1857, aos oito anos de idade, após a morte da madrinha, voltou ao seio da família paterna e mudou-se para o Rio de Janeiro. Após estudar por algum tempo em uma escola primária próxima à sua casa, foi estudar no colégio administrado pelo bávaro Barão de Tautphoeus (Joseph Hermann de Tautphoeus) em Nova Friburgo, transferindo-se em seguida para o Colégio Pedro II, no qual estudou Humanidades e onde Tautphoeus também lecionava. Joaquim Nabuco admirava profundamente o Barão, sua erudição, sabedoria e modéstia, considerava-o um Sócrates. Entre seus colegas, conviveu com Rodrigues Alves, futuro presidente da república.

Na infância e na adolescência, conheceu

eminentes políticos liberais que frequentavam a sua casa, e muito o orgulhava de ter contato com Tavares Bastos, Teófilo Otoni, Saldanha Marinho e ouvir os discursos de Quintino Bocaiúva. A sua primeira poesia, “O Gigante da Polônia”, escreveu em homenagem ao seu pai, e foi brindado com comentários de Machado de Assis no *Diário do Rio de Janeiro*. A amizade com Machado de Assis foi cimentada pela manutenção de correspondência durante a vida de ambos, pela participação na *Revista Brasileira* e, posteriormente, na fundação da Academia Brasileira de Letras (Cadeira n. 27), em 1897, da qual foi o primeiro secretário-geral e Machado de Assis, o primeiro presidente.

Em 1865/1866, o jovem Nabuco iniciou os estudos universitários na Faculdade de Direito de São Paulo, finalizando-os em Recife no ano de



Casa Grande do Engenho Massangana, em Cabo de Santo Agostinho / PE
Fonte: ipatrimonio.org

1870. Teve como colegas na faculdade paulista do Largo de São Francisco Rodrigues Alves, Afonso Pena e Rui Barbosa, além de Castro Alves (o Poeta da Abolição), Ferreira de Meneses (que se notabilizou na campanha abolicionista dirigindo a *Gazeta da Tarde*) e Lúcio de Mendonça (cofundador da Academia Brasileira de Letras).

Aos dezoito anos, fundou *A Tribuna Liberal*, elegeu-se para o Ateneu paulistano e, em 1868, já se posicionava politicamente como liberal em críticas na imprensa ao imperador, motivadas pela dissolução do gabinete liberal e da Câmara.

Joaquim Nabuco voltou ao Recife em 1869 para concluir o curso de Direito, seguindo a tradição da época de alternar um período na faculdade paulista e outro na faculdade pernambucana. Pouco antes de se formar, estreou



Antiga Faculdade de Direito de São Paulo,
Largo de São Francisco, São Paulo / SP
Fonte: wikipedia.org

como advogado no tribunal do júri, defendendo o negro Tomás, acusado de assassinar o seu senhor, após ser açoitado, e de matar um guarda ao tentar fugir da prisão. A defesa foi um escândalo à época, um ataque direto e radical à escravidão: “Ele não cometeu um crime! Ele removeu um obstáculo!”, bradou o jovem defensor. E continuou: “Aquele que luta contra os agentes da punição faz, de algum modo, a própria defesa individual contra uma ordem jurídica que não o respeita nem o protege”. O réu escapou da pena de morte e foi condenado à prisão perpétua. A tese passou a ser invocada em todos os julgamentos de escravos acusados de crimes e a defesa formulada foi consubstanciada em um opúsculo denominado *A Escravidão*.

Após diplomado em Ciências Jurídicas e Sociais, voltou ao Rio de Janeiro, advogou no escritório do pai e escreveu no jornal liberal *Reforma*. Lançou o ensaio literário *Camões e os Lusíadas* em 1872. Publicou *Le Droit au Meurtre: lettre a M. Ernest Renan sur l'homme-femme*, no mesmo ano, uma refutação à tese de Alexandre Dumas Filho em favor do assassinato da esposa adúltera. O *Partido Ultramontano* foi publicado em 1873 – panfleto anticlerical redigido durante a Questão Religiosa – e a coletânea de versos, *Amour et Dieu*, em 1874.

Em agosto de 1873, partiu em viagem pela Europa, durante a qual entrou em contato com os grandes nomes do mundo literário e político e destruiu qualquer tendência republicana pela qual se inclinou na juventude, solidificando a sua adesão à teoria político-constitucional da superioridade da monarquia parlamentar sobre o presidencialismo republicano.

Em 1876, foi nomeado adido de legação nos Estados Unidos da América, escreveu a tragédia em francês, *L'Option*, e foi removido para a legação de Londres em 1877. Retornou ao Brasil em 1878 em razão do falecimento do seu pai e para seguir carreira política. Eleito deputado pelo Partido Liberal e representando a província de Pernambuco, o seu lema era: “a grande questão para a democracia brasileira não é a monarquia, é a escravidão”. Assim, devotou toda a sua energia à causa da abolição da escravatura no Brasil, propagando suas ideias por todos os meios: atividade parlamentar, comícios, jornais e livros.

Em 1880, fundou, em sua própria residência, com outros abolicionistas, especialmente André Rebouças, a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão e, depois, a Confederação Abolicionista. Fez vigorosa e importante campanha antiescravagista pela imprensa. Lançou, ainda, o jornal *O Abolicionista*. Nas férias parlamentares de 1880, viajou à Europa, onde foi acolhido pelo movimento abolicionista em Portugal, na Espanha, na França e na Grã-Bretanha.

Abolicionista militante, não foi reeleito em 1882 ao contrariar interesses da elite conservadora e do Partido Liberal. Essa foi a única, das vinte e uma legislaturas do império, em que um Nabuco de Araújo não esteve presente. Mudou-se então para Londres, lá residindo de 1882 a maio de 1884, onde trabalhou como advogado e representante do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e do *La Razón* de Montevideo. Nesse retiro londrino, escreveu e publicou a obra *O Abolicionismo* em 1883. Nesse mesmo ano, compareceu ao Congresso de Direito das Gentes, em Milão, representando a *Anti-Slavery Society*, e apresentou um projeto de resolução contra a escravidão, que foi aprovado.

Ao regressar ao Brasil, elegeu-se uma vez mais deputado por Pernambuco em 1885, com forte campanha antiescravagista, cujos discursos reuniram mais de quatro mil pessoas, e retomou a luta abolicionista no parlamento, coroada em 1888 com a Lei Áurea. Joaquim Nabuco é considerado um dos principais responsáveis pelo fim da escravidão no Brasil. A encíclica papal de Leão XIII, posicionando a Igreja Católica contra a escravidão, decorre de pedido pessoal que formulou ao Papa em audiência particular no ano

de 1888.

Nabuco casou-se em 23 de abril de 1889 com a filha do Barão de Inhoã, Evelina Torres Soares Ribeiro, com quem teve cinco filhos e instalou-se em uma pequena propriedade na Ilha de Paquetá. Mesmo ausente de Pernambuco, e sem fazer campanha eleitoral, é reeleito para a última legislatura do império, legislatura essa que jamais se reuniu. Na política, não enriqueceu, assim como o seu pai também não; na vida privada, levou uma vida modesta.

Em razão da Proclamação da República retirou-se da vida política e dedicou-se à advocacia e ao jornalismo. Também se dedicou



Evelina Torres Soares Ribeiro Nabuco de Araújo
Fonte: wikimedia.org

às letras, publicando: *Por que Continuo a Ser Monarquista*, em 1890; *Balmaceda*, em 1891; *O Dever dos Monarquistas*, em 1895; *A Intervenção Estrangeira Durante a Revolta de 1893*, em 1896; a sua grande obra, considerada uma das melhores histórias do período imperial brasileiro, *Um Estadista do Império*, entre 1897 e 1899; e, ainda, umas das obras mais lidas e afamadas, *Minha Formação*, publicada em 1900. *Esquitos e Discursos Litterários*, foi organizada e publicada em 1901. Em 1896, ingressou como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Apesar de monarquista, por patriotismo e a pedido do Presidente da República, Campos Sales, retomou a vida diplomática em 1901 como chefe da delegação brasileira em missão à Grã-

Bretanha, para tratar dos limites da Guiana Inglesa com o Brasil, acabando por assumir plenamente as funções de representante diplomático e ministro plenipotenciário do Brasil perante o Reino Unido, o mais alto posto da diplomacia brasileira à época. Tratava-se de uma questão de interesse da unidade nacional.

Como ministro plenipotenciário, assinou com a Inglaterra o tratado fixador da área contestada, 33.200 quilômetros quadrados de fronteira, e aceitou o arbitramento do Rei da Itália, Vittorio Emanuele III.

Em 1902, foi nomeado, também, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Brasil junto ao governo italiano. Preparou obra com dezoito volumes, demonstrando não só o direito brasileiro ao território disputado, mas também não ter a Inglaterra qualquer direito a se estabelecer na bacia do Amazonas, e apresentou o último volume ao rei italiano para fundamentar as razões brasileiras. A sentença real foi considerada desfavorável ao Brasil, por atribuir a maior parte do território contestado ao império britânico. A solução da questão não foi exatamente uma derrota, já que a Inglaterra era a maior potência mundial e a vantagem territorial que obteve foi proporcionalmente pequena: o Brasil ficou com 13.000 quilômetros quadrados e a Inglaterra com 19.000 quilômetros quadrados. Contudo, a decepção do patriota e dedicado Nabuco foi tão grande que exclamou horas depois da decisão: "Será a causa de minha morte!".

No entanto, recuperado do choque, Joaquim Nabuco mediu rapidamente as possíveis consequências da decisão arbitral, que considerou, principalmente, a posse atual e a ocupação efetiva do território pelos ingleses para reconhecer a soberania deles sobre a área disputada, o que, por si só, representava uma ameaça à soberania brasileira sobre cerca de dois terços do território nacional, à época, inocupado. Imediatamente percebeu que somente construindo uma forte aliança com os Estados Unidos da América, aderindo à Doutrina Monroe¹, poderia resguardar o solo pátrio de eventual pretensão neocolonial das potências europeias.

Assim, da situação que considerou como uma derrota, o diplomata Nabuco tornou-se o artífice, sob os auspícios do Chanceler, Barão do Rio Branco, da política externa brasileira que prevaleceu até os anos de 1960, a aliança não-



Joaquim Nabuco entre os participantes da Terceira Conferência Pan-Americana, Rio de Janeiro, 1906.

Fonte: Jenikir by History

escrita, a opção preferencial e o alinhamento com os Estados Unidos da América (E.U.A.).

No ano de 1905, Joaquim Nabuco foi nomeado embaixador em Washington, E.U.A., assumindo a primeira representação diplomática brasileira a ser elevada à categoria de embaixada. Formalmente, é o primeiro embaixador brasileiro. No início do século XX, só as grandes potências possuíam embaixadas e apenas em alguns países. No Rio de Janeiro, não havia nenhuma, e, em Washington, apenas seis grandes potências europeias e o México mantinham embaixadas. A elevação da missão diplomática a nível de

embaixada não era um ato unilateral, mas sim um sinal de aliança entre dois países.

A mudança do eixo da diplomacia brasileira, de Londres para Washington, contribuiu para o reconhecimento de um sistema continental completamente autônomo com relação ao europeu e consubstanciado na União Pan-Americana, embrião da futura Organização dos Estados Americanos. A atuação do Embaixador Nabuco nesse aspecto foi importantíssima.

A Terceira Conferência Internacional Americana (também referida como Pan-Americana) foi realizada no Rio de Janeiro em 1906, presidida por Joaquim Nabuco, da qual participou o Secretário de Estado norte-americano, Elihu Root. Essa foi a primeira visita de um secretário de Estado norte-americano ao exterior. A construção da união pan-americana era, para Joaquim Nabuco, uma missão tão importante para o Brasil quanto a abolição da escravatura. O pavilhão onde ocorreu a conferência permaneceu como símbolo dessa efeméride, tornou-se o Palácio Monroe.

O Embaixador Nabuco faleceu em 17 de janeiro de 1910, em Washington. O cortejo fúnebre partiu da embaixada brasileira, com carreatas de

Cortejo fúnebre de Joaquim Nabuco pelas ruas de Washington, E.U.A.

CIVITA, Richard *et al.* Joaquim Nabuco. **Grandes Personagens da Nossa História, Volume II: Da Independência à República**. Sem data. São Paulo: Nova Cultural, p. 240.



artilharia, até a Igreja de St. Mathew, onde foram realizadas as primeiras exéquias com honras de Estado, assistidas pelo Presidente dos E.U.A., William Howard Taft. O seu corpo foi transportado para o Brasil no cruzador estadunidense *North Carolina*, escoltado pelo encouraçado brasileiro *Minas Gerais*. No Rio de Janeiro, o seu corpo foi velado no Palácio Monroe, sendo trasladado para Recife no vapor transporte de guerra *Carlos Gomes*. No Recife, o velório ocorreu na Igreja do Divino Espírito Santo e o sepultamento, no cemitério de Santo Amaro. Por todas as cidades em que o cortejo passou, o povo acorreu às ruas para despedir-se do grande homem público cuja soma de contribuições “nas três vidas que teve como abolicionista, historiador e diplomata não encontra provavelmente paralelo no passado ou no presente do Brasil”, como destaca Rubens Ricúpero.

Por iniciativa do Deputado Federal Gilberto Freire, em comemoração ao centenário de nascimento de Joaquim Nabuco, foi criada a Fundação Joaquim Nabuco em 21 de julho de 1949 (Lei n. 770 de 1949), vinculada ao Ministério da Educação e dedicada ao estudo sociológico

Joaquim Nabuco
 Fonte: Fundaj

das condições de vida do trabalhador agrário da região norte. No dia 17 de dezembro de 2009, foi instituído o Dia Nacional do Historiador (Lei n. 12.130 de 2009), comemorado em 19 de agosto em honra a Joaquim Nabuco. O ano de 2010 foi dedicado a homenagear a sua memória (Lei n. 11.946, de 15 de junho de 2009) e o Conselho Nacional de Justiça criou a medalha Joaquim Nabuco de Direitos Humanos para condecorar defensores dos direitos humanos. Finalmente, pela Lei n. 12.988, de 02 de junho de 2014, meritoriamente, o seu nome foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria.

Como bem colocou Gilberto Freire em seu discurso na Câmara dos Deputados, em 20 de maio de 1947, sobre esse herói brasileiro que deve ser o arquétipo do homem público virtuoso, a ser apresentado e admirado pelos jovens se o objetivo for realmente transformar o Brasil para melhor:

“Os brasileiros de hoje, os moços, os adolescentes, os que vão amanhecendo para a vida pública, é este o Nabuco que precisam conhecer de perto: o político que foi também homem de bem. O político que não separou nunca a ação da ética.”



¹ O Presidente dos Estados Unidos da América, James Monroe, em mensagem ao Congresso, enumerou os princípios da política externa estadunidense. Dentre eles figuram três, que ficaram conhecidos como a Doutrina Monroe para o continente americano: o continente americano não pode ser sujeito no futuro à ocupação por parte de nenhuma potência europeia; é inadmissível a intervenção de potência europeia nos negócios internos ou externos de qualquer país americano; os Estados Unidos da América não intervirão nos negócios pertinentes a qualquer país europeu.

Referências:

ACCIOLY, Hildebrando, CASELLA, Paulo Borba e SILVA, G. E. do Nascimento e. **Manual de Direito Internacional Público**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 327-328.

ARANHA, Graça (organizador). **Machado de Assis & Joaquim Nabuco: correspondência** (com prefácio à terceira edição de José Murilo de Carvalho). Rio: Topbooks, 2008.

BIBLIOTECA BRASILIANA MINDLIN. Obras de Joaquim Nabuco digitalizadas e disponíveis para download em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4592>. Acesso em: 27 out. 2023.

BRASIL. Agência Senado. Ricardo Westin. **Que fim levou o Palácio Monroe?** 04/05/2015. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/05/04/que-fim-levou-o-palacio-monroe>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BRASIL. Arquivo Nacional. Memória da Administração Pública Brasileira (MAPA). **Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo**. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes/270-biografias/541-joaquim-aurelio-barreto-nabuco-de-araujo>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Clara Monteiro de Castro Pinto. **Cronologia Joaquim Nabuco de 1849 – 1910**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/comunicacao/camara-noticias/camara-destaca/historico/2010-ano-joaquim-nabuco/cronologia-i>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BRASIL. Congresso Nacional. Projeto de Lei do Senado n°. 570 de 2007. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/materias-bicamerais/-/ver/pls-570-2007>. Acesso em: 27 out. 2023.

leg.br/materias/materias-bicamerais/-/ver/pls-570-2007. Acesso em: 27 out. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Resolução n°. 109 de 06 de abril de 2010. Institui a Medalha Joaquim Nabuco de Direitos Humanos e dá outras providências. Disponível em: www.cnj.jus.br.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2020. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Instituto Rio Branco. **Homenagem – Joaquim Nabuco**. Disponível em: <http://www.institutoriobranco.itamaraty.gov.br/artigos/60-noticias/34-homenagem-joaquim-nabuco>. Acesso em: 07 ago. 2020.

CAVALCANTI, Themístocles Brandão. Joaquim Nabuco e o Direito Internacional. **R. Ci. pol.**, Rio de Janeiro, 18 (3): 3-17, jan-set. 1975.

CIVITA, Richard *et al.* Joaquim Nabuco. **Grandes Personagens da Nossa História, Volume II: Da Independência à República**. Sem data. São Paulo: Nova Cultural, p. 225-240.

CIVITA, Victor *et al.* Joaquim Nabuco. **Conhecer, Volume X**. S. Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 2.400.

FREIRE, Gilberto. Discurso apresentando o projeto de criação do Instituto Joaquim Nabuco, no dia 02 de agosto de 1948, seguido das discussões e pareceres das comissões e lei promulgada. Disponível em: www.fundaj.gov.br.

MELLO, Evaldo Cabral de (organizador). **Essencial Joaquim Nabuco**. São Paulo: Penguin, 2010.

NABUCO, Joaquim. **A Intervenção Estrangeira Durante a Revolta de 1893**. Brasília: Senado Federal, 2003.

NABUCO, Joaquim. **Minha Formação** (com apresentação de Alfredo Bosi). São Paulo: Editora 34, 2012.

NABUCO, Joaquim. **Minha Formação** (com apresentação de Gilberto Freyre). Brasília: Senado Federal, 1998.

RICÚPERO, Rubens. **Nabuco, Joaquim**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NABUCO,%20Joaquim.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.



Palácio Monroe, Rio de Janeiro, sede da Conferência Pan-Americana de 1906.

Fonte: Senado Notícias



MARTINS D'ALVAREZ 1904-1993

LEDA MENDES JORGE*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 5
Classe de Belas Artes*

Falaremos um pouco sobre José Martins d'Alvarez, que faz parte de notável grupo de poetas brasileiros que nos mostram obra caracterizada pela simplicidade, pela originalidade e espírito bem Brasil de ver o mundo. O bom humor e a alegria viajam juntos, movimentando nosso pensamento, pondo-nos em contato com raízes

quase ocultas da cultura do povo do Nordeste.

José Martins d'Alvarez nasceu em Barbalha, no Ceará, aos 14 de setembro de 1904. Filho de Antônio Martins de Jesus e Antônia Martins, casou-se com a Senhorita Camélia, que passou a assinar-se Camélia Martins d'Alvarez e muito colaborou para o sucesso do marido. Teve Martins d'Alvarez mais duas colaboradoras: as duas filhas Isolda e Carmen.

Poeta, romancista, jornalista, professor, diplomado pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará. Membro da Academia Cearense de Letras, do Instituto Histórico do Ceará e de outras entidades culturais.

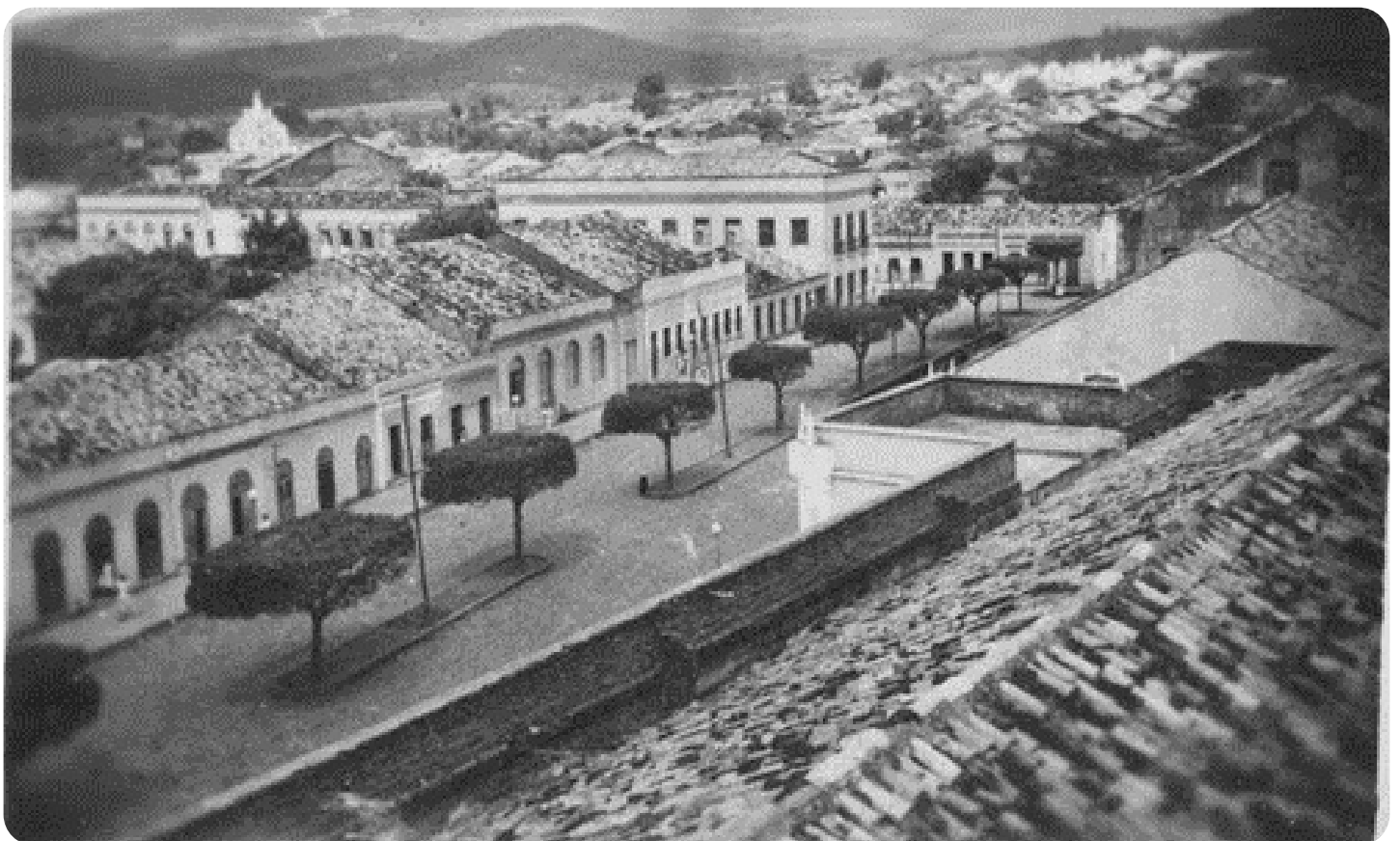
Fundou o *Pen Club do Brasil*, no Ceará. Foi Reitor da Universidade Federal de Goiás no ano de 1964.

Tinha grande espírito de solidariedade e colaboração. Estava sempre pronto a ajudar aos que o cercavam e o êxito dos amigos o fazia feliz.

Deu grande apoio ao ensino de Odontologia, procurando ampliar os conhecimentos dos novos profissionais, organizando congressos, nos quais havia palestras de grandes mestres, dizendo sempre

Barbalha, Ceará

Fonte: cearanobre.blogspot.com



que a vivência e a pesquisa contínua permitem o ensinar bem.

No âmbito da Ciência, publicou, entre outros trabalhos, *A saúde e os dentes*, *Educação Sanitária*, *Problemas do Canal Radicular*, *Tecnologia do Amálgama Dentário*, *Cuide melhor dos dentes de sua família*, *História Trágica da Anestesia*, *Medo do Século XX*. Escreveu contos, novelas, ensaios e outros gêneros de literatura.

No ano 1930, publicou seu livro de estreia *Choro Verde* (a ronda das horas verdes).

Em 1932, *Quarta-feira de Cinzas*; um ano após, *Vitral*; quatro anos depois, o romance *Morro do Moinho* e o livro de poesias *O Norte Canta*, em 1941. Em 1944 lançou o livro para crianças *No Mundo da Lua*; verdadeira ciranda poética onde os meninos são sempre alegres e todos os homens bondosos. Mais tarde – 1944 – editou *Chama Infinita*. O ensaio *O Nordeste que o Sul não conhece*, em 1953. *Ritmos e Legendas* foi lançado em 1959. *Poesia do cotidiano*, 1977. *A Morte do Anjo da Guarda*, 1979.

Percebe-se em sua obra um senso de musicalidade poética; garimpa o povo de modo quase folclórico. Há visão entre o amor às coisas da pátria, o lirismo e o amor, pois poesia é a materialização lírica da vida.

Para o escritor Francisco Carvalho, a poesia de Martins d'Alvarez é toda ela impregnada de sentimento da terra e da solidariedade do poeta com o povo. Ele canta as tragédias climáticas que nos afligem, a ressurreição da terra pelo milagre da chuva, as alegrias e tristezas que se repetem a cada rodopio das estações. Canta a esperança do homem nas transformações da natureza e na perenidade do amor.

No prefácio do livro *Roteiro Sentimental – Geopédica do Brasil*, Rachel de Queiróz diz: "Vá pela mão de um poeta e faça sua viagem lírica pela Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, São Luiz do Maranhão, Recife, Curitiba; essas cidades e outras que vão do Amazonas ao Prata, sempre cabem num poema". Escute o poeta e ele lhe dará de sua terra, uma imagem viva, cantante e colorida.

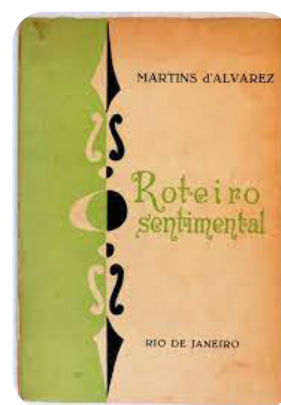
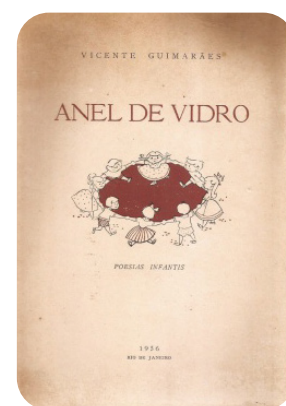
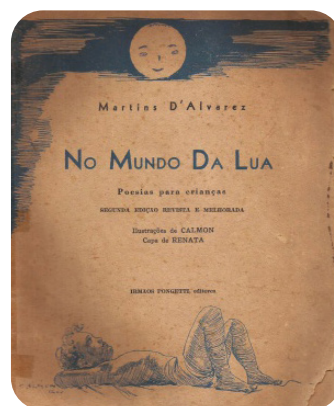
Falando sobre Martins d'Alvarez poeta,



Instituto Histórico do Ceará

Fonte: cearanahistoria.blogspot.com

escreveu Pedro Calmon: "Trouxe Martins d'Alvarez da 'terra do sol', a lira dos cantadores. É integralmente um poeta. Espontâneo, jovial e persistente, como os poetas que nasceram assim, que ao longo da jornada podem ser tudo, mas continuam íntima e fielmente poetas; e fazendo da musa o anjo da guarda: na sua companhia vão transformando em rosas as pedras do caminho".



Concluindo, dizemos que a obra desse sensível poeta é caleidoscópico; chuva de cores e movimentos onde se concretizam formas incontáveis.



QUARESMA JÚNIOR

1868-1932

Fundador da Cadeira nº 19
Classe de Letras

ENEIDA FORTUNA BARROS*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 19
Classe de Letras*

O Ariel da Companhia

Natural de Angra dos Reis (1868-1932), José Quaresma de Moura Júnior nasceu em 01 de novembro de 1868, filho do Tenente José Quaresma de Moura, também angrense – e veterano da guerra do Paraguai – e de Maria Augusta Leite de Moura. Poeta, escritor, jornalista e dramaturgo, foi membro fundador da Cadeira 19, patronímica de Felisberto de Carvalho, que hoje ocupa. Eleito em 14.07.1918, para figurar entre os quarenta membros inaugurais da Classe de Letras dessa Academia, passou a ser chamado o “Ariel da Companhia”, lembrando o gênio aéreo, personagem de Shakespeare, na peça *A tempestade*, por ter sido um dos idealizadores da instituição, ao lado de Epaminondas de Carvalho e Joaquim Peixoto.

Abolicionista, foi um dos fundadores do Clube da Mocidade Abolicionista, surgido na década de 1880, pelo avanço do movimento abolicionista no Brasil.

Em 1900, era funcionário da Fábrica de Gás de Niterói; em 1926, passou a 1º Oficial da Secretaria de Estado das Finanças.

Destacou-se na literatura e no teatro, ainda em Niterói. Jornalista, fundou, em 1887, o pe-

riódico *O Parnaso*, que teve apenas dois números em circulação. Tornou-se repórter do diário *A Capital*, fundado aqui por Mário Viana e Álvares de Azevedo Sobrinho. Nesse jornal, Quaresma Júnior empenhou-se em defender, através de suas reportagens, o retorno de Niterói a sua posição de capital do Estado, transferida para Petrópolis.

A sede do governo estadual foi levada para fora daqui, apesar do título de cidade *Invicta* que recebera, pela incrível resistência da população aos terríveis ataques das forças navais na Revolta da Armada, chefiada pelo Almirante Custódio José de Melo, que se levantara contra os princípios republicanos do Presidente Floriano Peixoto.

A invasão de Niterói, se consumada, serviria de base para a conquista do governo federal, por sua proximidade com o Rio de Janeiro.

Por isso, passou-se a acreditar que uma capital deveria ser assentada longe da costa, no interior do estado ou do distrito federal, por sua vulnerabilidade aos ataques, quando junto do mar.

Finalmente, em 1904, os fortes protestos vindos de todo o estado trouxeram de novo a capital ao seu lugar, e nesse momento, Quaresma Júnior passou a dirigir o referido jornal *A Capital*, em que se fizera aliado à causa niteroiense.

Fundou ainda o jornal *O Estado do Rio* (1906) e o *Diário Fluminense* (1911-1912); foi redator efetivo da publicação *A Revista*, de 1919 a

Theatro Municipal João Caetano, Niterói, 1904.
Fonte: Cultura Niterói



1923.

Ao assumir a presidência da AFL, em que permaneceu por dois biênios (1923-1924, 1925-1926), declarou, em seu discurso de posse, que o seu desejo era "estar sempre de pé", livre dos perigos. E foi logo convidado a dirigir os assuntos culturais do Presidente Feliciano Sodré, nosso grande benfeitor, autor da lei que concedeu a sede definitiva à Academia, de modo espontâneo e desinteressado.

Quaresma Júnior foi ator, e chegou a ser elogiado por Artur Azevedo. Participou do movimento pela reforma do Teatro Municipal João Caetano, antes denominado Santa Teresa, que já passara por inúmeras reformas. Finalmente, em 14 de julho de 1904, já sob a nova denominação, se deu a última inauguração desse teatro, em solenidade festiva, aberta e presidida por Artur Aze-



vedo, e seguida pelos discursos do Prefeito Paulo Alves e de Salvador de Mendonça, patrono da Cadeira 39, CL da AFL.

Escreveu para o teatro os dramas *Lágrimas de Ouro* e *A Culpa*; as comédias *Renato*, *Um hóspede*, *A comédia* e *Nuvens*; as operetas *A florista*, *A noiva* e *Alma errante*; e *O anel de Salomão*, peça fantástica. *A culpa* foi representada por diversas vezes, com grande sucesso, inclusive nas comemorações do centenário da cidade de Niterói (1935).

Publicou um único livro de poesias, intitulado *Poente*, de 1922.

Eis um de seus poemas, um soneto clássico alexandrino, em que a natureza se oferece e fala, em sua relação original com o poeta. Os versos exploram a tensão entre o festivo espaço normal

do brilho solar e o melancólico espaço evocativo da presença da tarde que se vai, e se foi:

*A tarde vai morrer. Pelo azul de cobalto
há derrame de sangue a alagar tudo em torno;
e, no extremo horizonte em um violento assalto,
nuvens de ouro e rubis emergem do céu morno.
Às refrações da luz intensa que vêm do alto,
que dão relevo ao monte e lhe alargam o contorno,
a água iria-se, a rir, canta de salto em salto;
douram-se os vegetais, do cedro antigo ao piorno.
Quanto é o nosso poente em tudo tão diverso!
não tem fulgurações; em sombras sempre imerso,
só o tédio produz. Nada o anima, o conforta!*

*O sol tomba a fulgir, a cintilar grandioso
E o nosso entardecer, nostálgico, saudosos,
Parece o funeral de uma existência morta!*

O pôr do sol costuma atrair, geralmente no verão, grupos de pessoas, que, nas praias, vêm reunir-se para ver e aplaudir o grandioso espetáculo. Agora, deixo para o poeta, Quaresma Júnior, o aplauso final.

Agradecimentos

Agradeço as informações enviadas sobre Quaresma Júnior pelo Acadêmico Paulo Daher, do Ateneu Angrense de Letras, em 28-29-30 de janeiro de 2023, via WhatsApp.

Os meus agradecimentos, ainda, ao confrade Marcelo Câmara, ocupante da Cadeira nº 37 da AFL, patronímica de Raul Pompeia, por sua pesquisa também sobre Quaresma Júnior.

Referências:

- JÚNIOR, Quaresma. Posse de Presidência. **Revista da Academia Fluminense de Letras**. Niterói, RJ, v. XI, p.23-24, 1960.
- JÚNIOR, Quaresma. Saudação a Figueira de Almeida, fragmentos. _____. Niterói, RJ, v. III, p. 16-17, 1950.
- NOGUEIRA, Lacerda. Academia Fluminense de Letras: subsídios autobiográficos pertinentes ao histórico da instituição. Niterói: Jornal do Comércio, sine data. _____. Niterói, RJ, v. X, p.39-73, 1957. Separata.
- PAIXÃO, Múcio da. Teatro fluminense, autores, artistas, temporadas e público. _____. Niterói, RJ, v. I, p. 17-25, 1949.
- PASCOAL, Ednéa do Marco. **Angra dos Reis, 500 anos de História**. Angra dos Reis, RJ: 2010, 224p.

TEMPLO DA PALAVRA

A FREIRA

EDUARDO KLAUSNER

*Acadêmico Titular da Cadeira nº 8
Classe de Letras*

Tarde quente no sul fluminense, abafada, movimentadíssima na defensoria pública, naqueles idos da década de noventa. A sala dentro do fórum, sem ventilador de teto ou ar-condicionado, era dividida pelo defensor público e pelos estagiários. Na fila de atendimento, dezenas de pessoas se espremiavam pelos corredores em uma serpente humana que alcançava a portaria do foro e dobrava para a rua. O atendimento era por ordem de chegada, e toda hora era interrompido pelo chamado do juiz para audiência. Por vezes, audiência cível, normalmente, audiência na vara de família. O defensor orientava os estagiários, para que o serviço continuasse, e corria para a audiência, voltando pouco depois para prosseguir na consultoria jurídica.

O zum zum zum das conversas tomava o ambiente, todos compartilhando os seus problemas e dramas com os demais da fila, e, depois, no atendimento, queriam narrar com detalhes problemas e angústias ao defensor e para todos que em volta também aguardavam a vez. As horas passavam rápidas e inexoravelmente. O defensor público, angustiado, percebia que, provavelmente, só terminaria de despachar o último assistido à noite, o que era desesperador, pois o último ônibus direto para a sua casa sairia da rodoviária às 18h30.

No meio dessa balbúrdia, de repente, surge um homem gordo, de média altura e tez morena; esbaforido, suando, arrastando uma mulher chorosa, magra e escoltado por um rapaz, um adolescente de dezesseis, dezessete anos, mais ou menos, magro, mediana altura e de tez morena também, com cabelos negros, crespos. Passam à frente de todos e param diante da mesa do defensor. O defensor leva um susto e pergunta o que houve. As pessoas começam na fila a reclamar contra o desaforo: "Onde já se viu! Furar a fila nesta cara-de-pau!"

– O senhor precisa nos atender agora, é urgente! – berra o homem.

– Como assim? O senhor precisa entrar na

fila como todo mundo! – adverte o defensor em tom de repreensão.

A mulher começa a chorar e soluçar.

– Calma minha senhora... – diz o defensor.

– É cena!!! Vai para a fila! – grita uma moça que aguardava a vez.

– Dotô, o meu irmão morreu e foi enterrado ontem, e esse rapaz tem certeza que ele está vivo!!! – fala o homem, já suando em bicas e tentando manter a calma.

– Vivo?! Vivo como? Ele não está enterrado? – pergunta estupefato o defensor. Subitamente, silêncio na fila... só o barulho do velho ventilador de mesa continua inabalável... ruuummmm!

– Vivo sim, dotô! Garoto, conta pro dotô o que você sabe! – fala o homem, dando um leve catiripapo na nuca do rapaz.

Nesse momento parece que o tempo fica em suspenso, todos os ouvidos da fila e das mesas dos estagiários estão atentos na conversa do defensor com o rapaz.

– Dotor – começa o rapaz – a freira me avisou que meu pai está vivo!

– Vivo, na vida eterna, certo meu rapaz... lamento muito, mas você deve acreditar na Ressurreição e...

– Não é isso, dotor! A freira disse que ele está vivo! Está enterrado vivo!

– E o que eu posso fazer, meu filho? – pergunta, perplexo, o defensor.

– Abrir o caixão, dotor!!!

Burburinho na fila. Todos comentam aquele pedido inusitado. Como rastilho de pólvora, a notícia se espalha pelo foro.

– Como é que eu vou fazer isso, meu rapaz?! Ele está enterrado no cemitério. Tem que desenterrar. É preciso pedir autorização para o juiz, uma liminar, talvez semana que vem...

– Não, dotor! Aí não adianta, porque ele já terá derretido! Tem que abrir agora... que ele está vivo!

O defensor não acredita no que está acontecendo. Logo hoje! Defensoria lotada, já no meio da tarde... daqui a pouco anoitecendo...

– Tá bom! Vou falar com o juiz. Vamos ver se isso é possível.

Levantou-se o defensor, aturdido, e saiu em direção à escada para o segundo piso, onde fica o gabinete do juiz da vara cível. Ia pensando no que diria ao juiz que, além de não ser supersticioso, era ateu... como iria peticionar... pedido baseado em quê... quando, então, para no meio da escada, retorna rapidamente à sala e pergunta ao rapaz:

– Quem é essa freira? Como ela sabe que ele está vivo? – nesse momento, a multidão que está no foro cerca o defensor, o rapaz e se acotovela entre o corredor e a porta da sala da defensoria para participar do que está acontecendo, todos esperando a resposta. Passa um minuto interminável até o rapaz responder, após dar uma olhada para a mãe e para o tio que, silenciosamente, com um franzir de testa o animam a falar.

O rapaz, então, esbugalha os seus grandes olhos negros e diz:

– Ela me apareceu no meio da noite, uma freira velha, com um véu preto na cabeça, e me disse que o meu pai está vivo, mas que era preciso tirá-lo do caixão... e me mandou vir aqui, falar com o senhor.

Burburinho. Os funcionários do fórum, percebendo o tumulto, passam pelo corredor como quem não quer nada, para assuntar. Os oficiais de justiça, que estão na porta da sua sala que é próxima à defensoria pública, olham assustados para o defensor. O defensor sai sem falar nada... sobe as escadas para o segundo andar e desaparece da visão do povo.

– Excelência, o senhor pode me atender? É urgente.

– Pois não..., responde o juiz.

– Excelência... e inicia o defensor a narrar o que está acontecendo na sua sala.

– Que isso, doutor defensor! Que estória é essa! Isso não faz sentido nenhum! Não tem como mandar desenterrar ninguém! Isso é absurdo!

– Excelência! O rapaz teve uma visão...

– Coisa nenhuma! Maluquice de gente supersticiosa!

– Excelência, lembra daquele artista de tv

que foi enterrado vivo e só descobriram quando foram exumar o corpo? A tampa do caixão estava toda marcada por dentro. Vossa excelência irá assumir esse risco e essa responsabilidade?

O juiz então ficou olhando fixo para o defensor, como que surpreso e refletindo.

O defensor, então, percebendo que suas palavras tiveram efeito, acrescenta:

– E, se for para desenterrar o defunto, tem que fazer agora, pois já está começando a anoitecer e os oficiais de justiça estão querendo sair de fininho. Ninguém quer ir ao cemitério desenterrar o de cujus.

– O senhor irá também? – pergunta o juiz.

– Claro que não! – responde o defensor. – Não que eu tenha medo de cemitério, mas, sabe, tenho que voltar para casa... e vou perder o ônibus



*Escultura A Justiça, de Alfredo Ceschiatti
Fonte: Wikipedia*

direto, vou ter que fazer baldeação...

– Ah, sei, sei... diz o juiz com um tom um tanto debochado. Tá bem! Faz o pedido que eu mando desenterrar. Alega liberdade de religião, sei lá, vê se consegue dar sentido a esta estória maluca, eu não quero virar chacota na comarca!

O defensor sai como uma bala do gabinete do juiz, desce as escadas, passa pelo povo e vai direto para a sala dos oficiais de justiça; segura o último que ainda lá se encontra pela manga:

– Aonde você vai?

– Doutor, eu vou fazer uma diligência e...

– Não vai não! Ordens do juiz! Você vai esperar o mandado para desenterrar o pai do garoto.

– Que isso doutor, vou não, eu preciso ir, já está quase de noite.

– Vou reclamar com o juiz!

– Tá bom, doutor, eu espero, mas não vou entrar no cemitério!! Nem que o juiz mande ou a corregedoria! Eu não vou ficar assistindo abrir o caixão! E quem vai testemunhar a diligência?

O defensor olha então em volta e só vê aquele povo todo que o esperava desaparecer num piscar de olhos.

– Quem vai testemunhar são os parentes do garoto. Eu vou lá fazer a petição, despachar com o juiz e pedir ao cartório para expedir o mandado. Você vai adiantando a diligência, liga para o cemitério e fala com o administrador.

E assim foi feito. Por volta das 18h, sai o oficial de justiça acompanhado do rapaz, da mãe e do tio em direção ao cemitério municipal.

No dia seguinte...

O prédio do fórum abre às 11h, mas uma pequena multidão já se aglomerava em frente ao edifício desde as 7h, querendo saber das novidades. A notícia do extravagante episódio atraiu curiosos e a imprensa.

As portas são abertas e todos correm para a porta da sala da defensoria pública. Todos, inclusive o defensor público e o juiz, aguardam o oficial de justiça chegar ao fórum para narrar a diligência, e para saber se realmente o homem enterrado está vivo.

Então, o oficial chega, com ares de celebridade, e conta o que aconteceu.

– Nós chegamos no cemitério à noite. O administrador do cemitério, muito contrariado, foi logo removendo a lápide. Fizemos todos uma oração. Estava muito escuro! O caixão foi içado pelos coveiros e...

– E tinha mais alguém? A freira? – pergunta um jornalista.

– O rapaz, depois da oração, disse que

a freira também estava lá. Senti um calafrio na barriga, mas não vi a religiosa. Acho que o administrador e os coveiros também não viram a freira, mesmo porque ninguém ousou abrir a boca. Só o pio de uma coruja quebrou o silêncio. Assim que o caixão foi içado, nós saímos correndo: eu, o administrador e os coveiros, fomos para a porta do cemitério e deixamos os três lá para abrir o caixão. Esperamos do lado de fora do cemitério. Quando deu pouco mais da meia-noite, aparecem os três, lívidos, com expressão exausta.

– E o defunto? Veio também? – pergunta alguém na pequena multidão composta de funcionários, advogados, curiosos, jornalistas e do juiz que deu a liminar para a exumação, que neste momento cerca o oficial de justiça na tentativa de saber todos os detalhes do caso.

– Veio não! – disse o oficial.

– Mas, afinal, o exumado estava ou não estava vivo? – perguntou o defensor.

– Sei não – disse o oficial.

– ÓOOOhhh! – exclama o povo.

– Mas, como assim? – retruca o defensor.

– Doutor – disse o oficial, – o senhor vai me desculpar, mas quando os três apareceram na porta do cemitério eu, o administrador e os coveiros saímos em uma carreira só. Hoje, de manhã cedo, liguei para o administrador do cemitério e ele disse que, pelo peso do caixão, o defunto ainda está lá, mas ele não abriu não. Os familiares do defunto deixaram o caixão fechado e ele só o colocou na cova outra vez e pôs a lápide em cima. Vai que o defunto resolve sair?!

Quando o defensor ia retrucar o oficial, a funcionária do cartório bate no ombro do oficial de justiça e fala:

– Freitas, tem uma freirinha velhinha te esperando na sua sala.

Freitas sai correndo pela porta do fórum, enquanto o juiz sobe as escadas apressadamente para o seu gabinete, e a multidão dispersa em um átimo de segundo.

O defensor olha para a funcionária e, sem falar nada, vai a passos lentos para a sua sala, cabeça baixa e mão no bolso, fecha a porta, senta, respira fundo e pensa: “Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece”.

A MÁQUINA DO TEMPO E OS TEMPLOS DA CULTURA

JUSSARA RIBEIRO DE SOUZA FERREIRA

*Acadêmica Titular da Cadeira nº42
Classe de Letras*

Por diversas tardes ao longo dos anos 70, sentávamo-nos diante da TV – com funcionamento por meio de válvulas e com transmissão de imagens em preto e branco – ansiosos por “viajar no tempo”, na companhia de Tony Newman (James Darren) e Doug Phillips (Robert Colbert). A série *O Túnel do Tempo* (The Time Tunnel), de criação de Irwin Allen, transportou inúmeros telespectadores para diferentes aventuras baseadas em fatos históricos ou na imaginação do autor. Acredita-se que o conceito de “túnel do tempo” apresentado nessa série, lançada na ABC em 9 de setembro de 1966, foi inspirado no romance do escritor de ficção científica, Murray Leinster, cuja obra fora lançada dois anos antes.

Embora a TV tenha sido um importante instrumento de entretenimento, reflexão e transmissão de conhecimento, para muitos de nós as primeiras viagens através do tempo e do espaço se deram por meio do livro físico. Empolgantes aventuras nos foram apresentadas nas obras literárias mundiais de imensurável relevância histórica e cultural. À medida que as páginas iam sendo movidas, nossa mente recriava cenários, personagens e sentimentos, dos quais passávamos a interagir como se fôssemos personagem da obra – não seria isso uma viagem no “túnel do tempo”?

Em pleno século XXI, ainda que tenhamos a oferta de novas formas de entretenimento, as obras literárias continuam a nos envolver e a nos transportar para lugares longínquos do mundo real e do ficcional, com inigualável magia. Constantemente adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão, novos “tripulantes são abduzidos” do espaço físico e temporal e levados para viagens inesquecíveis e formadoras de novos conceitos.

É consenso entre muitos de nós que a história escrita, contada, dramatizada ou retratada pode transportar pessoas. A pergunta que fica é: o livro, o cinema, o palco... a Arte em geral é um “túnel do tempo”? Ousamos dizer que não! A verdadeira máquina do tempo é a mente humana, que usa a

Arte como chave para acionar seu funcionamento.

Diante da explanação acima, resta-nos, ainda, uma última pergunta: onde guardar tais “chaves” tão preciosas? Embora a resposta seja de conhecimento geral, muitos ainda não entenderam a importância dos “Templos da Cultura”: Livrarias, Bibliotecas, Museus, Cinemas, Teatros, Academias e muitos outros. Nestes relevantes espaços, acontece o encontro entre gerações que se materializa, numa instância primeira, por meio da palavra escrita.

Assim sendo, torna-se inconcebível o fechamento de espaços culturais. Fato que vem ocorrendo no mundo inteiro e também em território brasileiro. Em Campos dos Goytacazes (RJ), a vítima da vez é a **centenária livraria Ao Livro Verde: a mais antiga do Brasil**. Fundada em 13 de junho de 1844 pelo empreendedor José Vaz Corrêa Coimbra, após décadas de dedicação dos membros da família Sobral – hoje representada pelo ilustre senhor Ronaldo Sobral –, a livraria Ao Livro Verde está ameaçada de ter suas portas fechadas.

O município de Campos dos Goytacazes, localizado no Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro, comemorou 188 anos de emancipação política no dia 28 de março do corrente ano. É lamentável que os campistas continuem a assistir a ruína e o “rasgar das páginas” que retratam a centenária trajetória de um dos mais importantes municípios brasileiros.

Se o passado se perder no presente, comprometendo o percurso da História, o que nos reserva o futuro?

Por meio da leitura, permitimo-nos embarcar numa mágica viagem que nos levará a diferentes mundos, onde o insonhável toma forma e pode nos transformar.



Livraria Ao Livro Verde, 1910

Foto: Divulgação/Centro de Memória Fotográfica de Campos

ANTES QUE SEJA TARDE

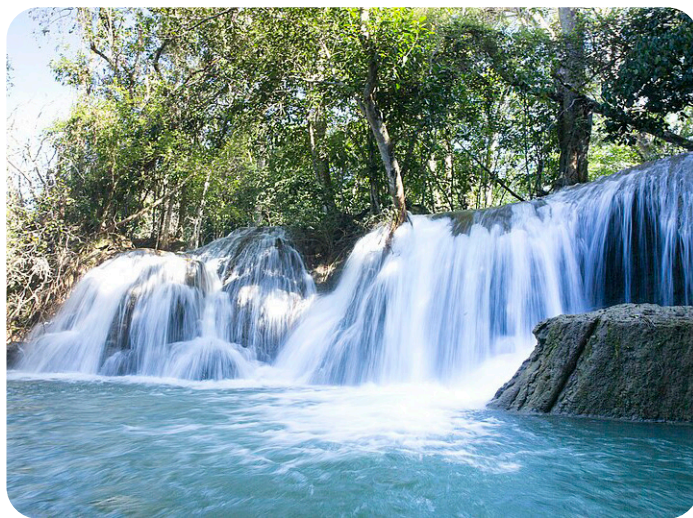
LEDA MENDES JORGE

*Acadêmica Titular da Cadeira nº 5
Classe de Belas Artes*

Dizem que sofrer na Terra é carma.
Cada um tem seu destino.
Não me acomodarei no conformismo.
Quero ser toda feliz.
Sairei da caixa de presentes,
que prende, como algemas invisíveis,
minha vontade de combater tristezas.
Meu céu deve estar por perto.

Lutarei, sem trégua, por esse sonho.
Abrirei meus caminhos.
Não ficarei dormindo o sono,
o sono das águas estagnadas.
Serei livre, sem medo, sem críticas,
serei rio caudaloso.
Expulsarei dívidas e dúvidas
conquistarei meu espaço.

Sou vibração, amor e pecado.
Sou humana.
Quero corpo e alma em igualdade.
Sou razão e coração,
não posso encarcerar meus sonhos.
Vou antes que seja tarde.



*Cachoeiras Rio da Prata, Bonito / MS
Foto: Flávio André/wikimedia.org*

GRATIDÃO PELA CAMINHADA

LUCIA MARIA BARBOSA ROMEU*

*Acadêmica Titular da Cadeira nº 10
Classe de Letras*

Sinto gratidão por vocês, pessoas queridas
Que construíram o tempo em minha companhia
E costuramos juntas retalhos de dias,
Meses e anos, de invejada harmonia

A alegria habita-me em inundação de risos,
Cálidas lembranças –
Tantos pousos e andanças –
Mas também a saudade vem junto
Ao lembrar a juventude e tempos de crianças

Dor profunda de não ter podido
Segurar a felicidade pela mão
E conseguir guardá-la no coração...

O alívio pra essa dor fica com a expectativa
De ser consolada da inquietude
Pela sensação de plenitude
Que só a maturidade traz –

Ter vocês aqui comigo faz-me sentir num abrigo
E me surpreendo a qualquer momento
Por uma abertura de luz –
Um degrau de sombra –
Uma respiração de Paz –
Que só a amizade verdadeira traz!

Waldenir de Bragança, Aldo Pessanha, Wainer da Silveira e Silva, Lucia Romeu, Márcia Pessanha e Regina Silveira e Silva no Jockey Club Brasileiro em 10/07/2017, durante a realização dos 10 páreos em homenagem ao Centenário da Academia Fluminense de Letras.

Foto: Ana Wander Bastos



* *biografia dos autores nas págs. 121-124*

OS RABISCOS DE NILZA MORAES ROLIM

MARIA DO CARMO SOARES CORDEIRO

*Acadêmica Titular da Cadeira nº 9
Classe de Letras*

Os ventos da saudade entraram sem pedir licença pela chácara adentro e por todo o meu ser. Lembrei-me dela e com isso posso descrevê-la: discreta, portadora de conhecimento vasto, solícita e outros mil encantos que na simplicidade escondia. Niteroiense de nascimento, rio-bonitense de coração. O ano de 1919 marca a data de seu nascimento.

Anos decorridos, com o poeta e jornalista D’Azevedo Rolim encontra o amor. O casal é considerado um par perfeito, almas gêmeas.

Dito isto prossigo lembrando a poetisa, escritora, professora e admiradora da língua portuguesa que desde cedo escrevia; tendo aos 12 anos, poesia publicada em jornais. Daí por diante, ora como Nilza Rolim, ora sob o pseudônimo de Sâmara Solar, não mais parou de escrever e após uma vida longa, aos 94 anos de idade despede-se deste mundo.

Amante da natureza, assim Nilza se refere às serras rio-bonitenses: “As serras nos tiram os olhos do chão e os levam para as alturas. Além do impacto de beleza e emoção que sentimos ao contemplá-las, elas nos transmitem um sentimento de respeito, serenidade, misticismo e encantamento!”.

E continua: “E nós, que trafegamos a toda hora no asfalto das ruas, na agitação dos carros e transeuntes e no burburinho de mil outros sons, temos o privilégio de erguer a vista e deparar com o dorso imenso, verde, muito verde, da Serra do Sambê, a perder de vista...”.

O poeta Leir Moraes, seu primo, acadêmico, a ela referindo-se afirmou que Nilza, a poetisa, ao escrever transmite conhecimento e imensa solidariedade à natureza e ao ser humano, com profundidade e a inteligência que sempre marcou a sua vida. Colocando-se como seu admirador fervoroso, prossegue acrescentando:

“No cantar dos mares, das serras e das matas ou nos conceitos de preservação do que a natureza nos deu através de Deus, ingressando pelo relacionamento com pessoas, transmite, com clareza e firmeza interior, o que devemos levar ao próximo, mesmo que não haja reciprocidade”.

De Nilza Rolim:

Poema Ecológico

*Quero beleza! Quero um mundo organizado,
verdadeiramente civilizado!*

*Quero verdes florestas musicadas
pela sinfonia de pássaros chilreantes!*

*Quero cachões ferventes,
escorrendo pelas penedias!...*

Desmanchando-se na brancura das esperanças...

*Quero rios piscosos,
abrindo livres caminhos
para o abismo dos oceanos!*

*Quero o ar oxigenado,
purificado!*

*Quero lagos sem despejo,
oferecendo vida e beleza!*

*Não quero animais
inutilmente sacrificados.*

*Quero a natureza preservada,
respeitada*

em suas leis, seus segredos, suas benesses!

Quero vida, quero amor, quero evolução!

Serra do Sambê, Rio Bonito.

Fonte: riobonito.rj.gov.br



E segue a poetisa:

Nesta Manhã de Sol

*Vem comigo,
dá-me tua mão de amigo
e leva minha alma cansada,
para festa de luz
desta manhã de sol!*

*Quero ler nas folhas verdes das árvores
ensinamentos, mensagens, esperanças...
Tudo que se acha no compêndio bíblico
da natureza!*

*Quero caminhar
por aldeias floridas,
ao gorjeio festivo
da passarada em festa!*

*Leva-me por essas veredas
sob um docel de galhos...
Tudo vibra lá fora!
A manhã de porcelana
é um cartão de convite
para a festa estuante do sol!*

Iguaba em Tempo de Sol

*Amo-te nas manhãs perdulárias de luz
quando o sol lúbrico amante
beija-te os flancos distendidos
e as ondas voluntariosas
desmancham-se em beijos de espuma!*

*Como que desejo infantil,
como que ilusória ansiedade
quisera apanhar em tuas águas lantejouladas
mil estilhaços de vidros partidos,
fragmentos de rubis e esmeraldas!
Ah! se dado fosse a todos receber
o tesouro de tuas cercanias,
de teu clima benfazejo,
de tuas areias claras,
e águas iodadas!
Coleio de mar,
beijo de oceano
estrofe de amor,
que a natureza escreveu
na terra fluminense!*

Nos meados do século XX encontramos em Nilza Rolim uma mulher voltada para o aprimoramento do ser humano, respeito à natureza, valorização do belo. Representante ao lado de Júlia Cortines da lírica rio-bonitense, a tímida Nilza refere-se às suas composições poéticas como "rabiscos" considerando-se simplesmente uma emotiva e suas composições, produto de emoções que transbordam de seu interior.

Fazendo uma reflexão, indago a mim mesma: Na atualidade quantas estarão espalhadas pela terra fluminense, ainda tímidas, considerando "rabiscos" o que escrevem, deixando no fundo das gavetas ou em "pen drives" suas produções? Quantas?

O patrimônio cultural escrito merece leitura e reconhecimento. Merece.

*Rio Bonito antiga.
Fonte: riobonito.rj.gov.br*



ARTE DE ESCREVER

DA PRODUÇÃO LITERÁRIA: POESIA E POEMA

ENEIDA FORTUNA BARROS*

*Acadêmica Titular da Cadeira nº 19
Classe de Letras*

Aquele que escreve poesia produz um poema (ou poemas), geralmente em versos. Isso significa que o poema dá título a uma produção literária, própria da poesia.

Significa também que o poema é produto do trabalho do escritor – o realizador de sua obra, que se utiliza, a seu modo, dos instrumentos da representação gráfica, e, basicamente, permanece em sua necessária dependência da língua – sistema fonológico e sintático, de expressão semântica.

Assim, a matéria da poesia não é a língua em si, embora o poema só se produza a partir de particularidades intrinsecamente linguísticas. Na comunicação verbal, o uso da língua se faz linguagem, que o poeta transfigura, reativando seu poder expressivo, para mostrar o simbolismo dos sons e o nexos interno entre som e significado, “da forma mais palpável e intensa”, como escreveu, citando Hymes, o famoso linguista Roman Jakobson.

Não há motivo para a língua ser desrespeitada ou desnaturada, porque, na verdade, a poesia se submete a outras regras. As liberdades que toma com a sintaxe comum dizem respeito a uma outra sintaxe propriamente poética. O poema obedece a esquemas formais que definem a obra: soneto, ode ou balada; que definem também a estrutura dos versos: alexandrinos ou decassílabos; e que estabelecem relações de conformidade com as rimas escolhidas. No interior do verso, outros imperativos podem determinar a escolha das palavras e suas alianças.

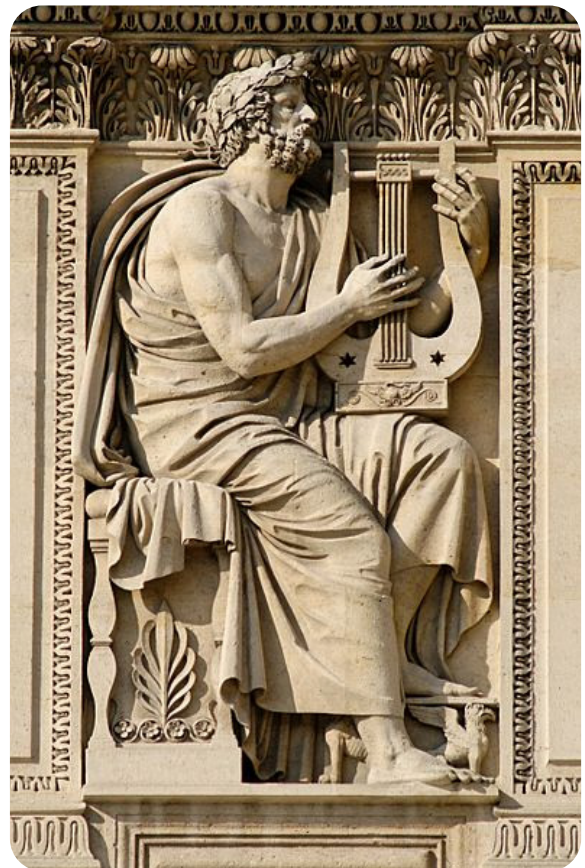
O brilhante semiólogo Roland Barthes, que nos deixou um tratado de teoria literária, no seu livro *O prazer do texto* resumiu, em poucas palavras, o que chamou de teoria do texto: “a língua é redistribuída”. Para ele, essa redistribuição se faz por corte entre duas margens: uma, a língua; outra, o ponto móvel, local do seu efeito. Entre ambas, o prazer do texto, instante insustentável, impossível, puramente romanesco.

Ao escrever meu trabalho de mestrado na

UFRJ, intitulado *Literalidade – Literariedade*, pude concluir, entre outras averiguações, que é “com ou contra as palavras” que se dá a manifestação instauradora da linguagem poética.

Hoje, certas palavras são até banidas do vocabulário: homossexual, denegrir, judiar, condenadas pela discriminação que trazem; outras, alteradas ou modificadas, com novos significados.

Ouvi, por exemplo, de uma médica, a palavra *Idadismo*, neologismo do empoderamento da pessoa idosa, introduzido na metodologia da acreditação internacional de hospitais, para a melhoria da saúde. Nesse mundo pluralizado, há lugar e gosto para tudo: inclusive para palavras estranhas.



Homero, de Antoine-Denis Chaudet, 1806. Relevô na fachada oeste do Pátio Quadrado do Palácio do Louvre, Paris.

Fonte: Louvre Museum

Todorov, no seu estudo sobre a narrativa primordial, ainda livre das narrativas modernas, encontrou dois tipos de palavra – a palavra-ação e a palavra-narrativa. Enquanto a palavra-ação é geralmente um risco (falar é ser audacioso, ousar), a segunda é arte, um prazer para o aedo, admirado porque ele sabe dizer bem. A oposição entre as duas tem desaparecido, na atual sociedade, que vai além dessa dicotomia de base, em que a literatura passa a tratar de sua própria criação,

sempre renovada, por isso infinita.

Felizmente, a poesia persiste, e o critério de valorização do poema vem-se fazendo pela valorização da obra em si, na novidade de seu próprio espaço, em que o poeta se torna capaz de responder e corresponder ao apelo da linguagem.

Vale lembrar, aqui, o poeta miracemense de berço e niteroiense de coração, consagradíssimo nas letras fluminenses – Luís Antônio Pimentel.

Com sua dedicatória amável e amiga, ofereceu-me o opúsculo de sua autoria – *A ovelha e o pastor*, obra insular, diferente de seus inúmeros haicais e outros poemas, impregnados de sensualidade.

Nesse livro, o poeta assume o discurso, como autor implícito, sem dar a palavra à mulher, como nas antigas Canções de Amigo, para louvar “a ovelhinha mansa”, plena de símbolos – a Amada.

Ao retomar o símbolo tradicional da ovelha, do Amor e da Pureza, ele vem potencializar a grandeza amorosa do pastor, distante de sua ovelha preferida:

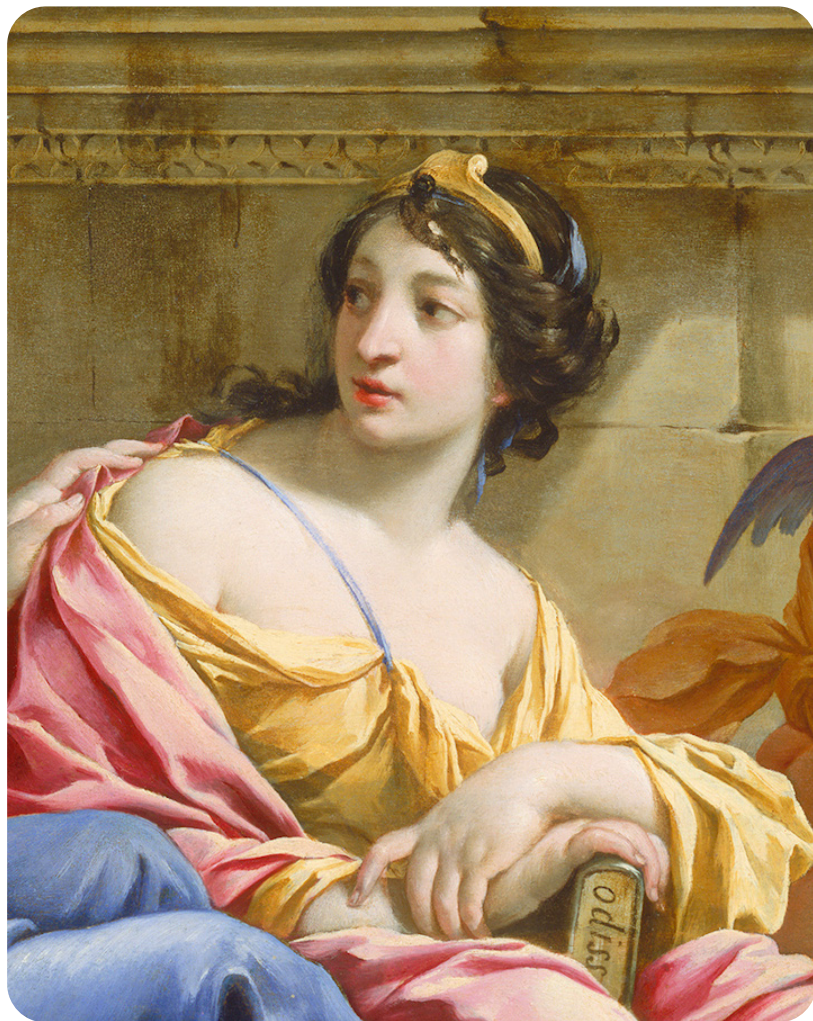
*Sem olhos de ver não via
Se estava bem abrigada
A flor da sua alegria.*

Por movimentos cíclicos, do dia e da noite, o poema se constrói pela ambiguidade poética fundamental, em que a natureza fala, em vinte cantigas singelas, de versos de sete sílabas, através do ritmo, da rima, das aliterações e outros recursos linguístico-literários, para enunciar implicitamente a piedade do pastor, que silencia ante a tristeza da ovelhinha, que chora:

*vendo o rebanho perdido
do pastor que se ia embora.*

O autor ainda incorpora, em sete cantigas, com variações, o recurso da repetição, como no antigo poema denominado triolé (fr. triolet), que tem origem no medievalismo francês – a repetição é o marco do triolé.

Na quinta cantiga, ele diz, na primeira estrofe de dois versos:



Detalhe de Calíope, musa inspiradora da poesia épica, na pintura *As Musas Urânia and Calíope*, de Simon Vouet.
Fonte: Wikipedia.org

*A ovelha vinha no vento
voltando à várzea vazia.*

Seguem-se duas estrofes – uma de seis versos, a outra de doze versos, para terminar repetindo os dois iniciais, como um refrão que abre e fecha o canto:

*A ovelha vinha no vento
Voltando à várzea vazia.*

Assim escreveu nosso poeta, que pôde deixar, nesse seu poema, misto de pastorela e madrigal, para sempre, a força de atração da poesia.

Referências:

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Lisboa: edições 70, [s.d.]. Coleção Signos, 5.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- PIMENTEL, Luís Antônio. **A ovelha e o pastor**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

VOCAÇÃO E INSPIRAÇÃO

ALBA HELENA CORRÊA*

*Acadêmica Titular da Cadeira nº 13
Classe de Letras*

Vocação é sinônimo de: escolha, chamamento, predestinação, tendência, disposição, pendor, talento, aptidão etc.

Inspiração é qualquer estímulo à atividade criadora. Em sentido físico, é introduzir o ar nos pulmões e, em sentido poético, é algo parecido: é fazer sentir, incutir, infundir ideias, que perpassam pelo cérebro e pela alma. O escritor sabe, por certo, a diferença entre essas duas palavras e a grande afinidade entre ambas: são manifestações sublimes e se complementam. Ao pegar o papel e a caneta não sei bem o que irei escrever. As ideias vão surgindo à minha frente e os caminhos vão se abrindo. Parece que um novelo vai, lentamente, se desenrolando... Vou colocando as ideias em ordenação lógica, escolhendo o melhor caminho a seguir.

A vocação é como a raiz e a inspiração são os ramos, as flores e os frutos que advirão. Feita a opção, meus pensamentos têm um ponto de convergência e começo a escrever. Comparo, também, a uma cachoeira de onde transbordam as ideias que vão se transformando em palavras e, com elas vão se formando frases, versos, estrofes e, assim, vão nascendo: trovas, poemas, sonetos, cordéis, haicais, crônicas, ensaios, contos e romances. Enfim, vou dando vida ao meu propósito.

Nesse processo, eu sinto algo superior, uma colaboração que parece vir dos céus, uma magia que me inspira a usar vocábulos não comuns no meu linguajar. Quando eu termino de ler o que redigi, às vezes, ponho em dúvida a sua autenticidade. Sinto uma sensação estranha: pareço mais uma leitora do que autora. Também já me aconteceu, algum tempo depois de haver escrito algo, eu discutir comigo mesma, porque já mudei de ideia e daria uma colocação diferente àquela que havia dado. E quando à noite, acordo recitando uma trova inteirinha e penso: amanhã eu vou lembrar e vou escrevê-la. Pura ilusão! No dia seguinte, não me recordo nem de um verso...

A inspiração é voluntariosa e requer nossa atenção a qualquer momento. Passa em corrida

vertiginosa e é "agora ou nunca"! Se você não a capturar, a ideia se perde para sempre. Tenho algumas anotações feitas em lugares e situações diversas: em guardanapos, margem de jornal, papel de algum embrulho, sem contar as que sumiram ao lavar a palma das minhas mãos...

Agora, aos 90 anos, recordo do meu inusitado ingresso no "Mundo Mágico da Poesia", aos 64 anos de idade, e digo: Valeu a pena! Nunca é tarde para começar uma nova atividade. Não costumo me envaidecer quando obtenho alguma classificação em concursos nacionais e internacionais porque considero a vocação e a inspiração como dons, e louvo a Deus por essa proteção divina!

Apesar de ser descoberta, tardiamente, a minha vocação, recuperei o tempo perdido e tenho o prazer e a honra de citar o nome de Antônio Bispo dos Santos, a quem devo esse acontecimento inusitado. A ele, que já ascendeu aos páramos celestiais, a minha eterna gratidão!

*O evangelista Mateus inspirado por um anjo (1661): pintura de Rembrandt
Fonte: Louvre-Lens*



**CULTURA E
HISTÓRIA DA TERRA
FLUMINENSE**

130 ANOS DA ESCOLA DE MÚSICA SANTA CECÍLIA DE PETRÓPOLIS

JOAQUIM ELOY DUARTE DOS SANTOS*

*Acadêmico Titular da Cadeira nº 26
Classe de Letras*

A segunda metade do século XIX ia em frente na cavalgada do tempo. Em Goiana, lá pelas faldas das serras nordestinas de Pernambuco, a banda de música local coloria de sons e alegria a vida interiorana e pacata daquela porção mágica do País. Um menino destacava-se do grupo e seu pai, que era o regente da “furiosa”, encaminha-o para Recife, onde o ensino de música era marcante referência artística. Talento e aplicação conduzem o jovem ao Rio de Janeiro. Narrando o feito, diz o historiador Joaquim Gomes dos Santos:

Em 1890 chegou à cidade de Petrópolis, a chamado dos barões de Araújo Maia, o Maestro Paulo Carneiro, nascido em Pernambuco, diplomado em 1883 pelo Conservatório de Música anexo à Imperial Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde conquistara, além de um diploma, a grande medalha de prata, a pequena e a grande medalha de ouro, distinções só concedidas aos estudantes de mérito real.

João Paulo Carneiro Pinto, contratado para uma temporada de verão em Petrópolis, em trabalho de ensino de música entusiasma-se com a terra e gente, resolvendo não mais retornar ao Rio de Janeiro, começando a dar aulas às famílias de veranistas, abrindo espaço para ensinar música aos talentos das classes de pequena pecúnia financeira, nada cobrando destas famílias.

Ainda o historiador Joaquim Gomes dos Santos:

O maestro pernambucano poderia, como tantos outros, limitar-se a lecionar a essa e a outras que lhe pudessem bem pagar e viver sossegadamente, auferindo bons proventos de sua arte. Ele, porém, embora pairando alto olhou para baixo e viu uma multidão de seres pequeninos, baldos de bens de fortuna, porém, como os demais, ávidos de instrução e de saber. Viu a grande massa do povo, operários, artífices, pequenos comerciantes,

pequenos funcionários e entendeu que também estes tinham direito a uma réstia de sol e que podiam e deviam ser também iniciados na arte sublime – a música.

E cuidou com desvelo e competência na instalação de uma escola de música, para a qual, contou com muitos amigos diante de sua simpatia e talento que encantou Petrópolis.

No dia 16 de fevereiro de 1893 – há 130 anos – trinta e quatro alunos foram matriculados e o sonho tornado realidade.

A Escola cresceu, conseguiu apoios e patrocínios e até uma temporada longa de instalações adequadas junto ao Grande Hotel Bragança. Naquele espaço magnífico a divina arte fez morada deixando impressos na saudade os acordes musicais da escola batizada “Santa Cecília”. Transitavam pelos espaços enriquecidos pela música, habitantes de Petrópolis, misturando-se a integrantes de famílias de expressão nacional que veraneavam na serra petropolitana. Aqueles que dotados de satisfatórios bens financeiros pagavam pelas aulas enquanto os menos



*Joaquim Gomes dos Santos
Fonte: Arquivo pessoal*

favorecidos de pecúnia estudavam de graça. De imenso coração humanitário, Paulo Carneiro tornou-se um dos mais respeitados cidadãos do município, onde criou uma orquestra e tornou a encantadora cidade de verão em um templo da divina arte de Mozart.

Faleceu o maestro no dia 10 de setembro de 1923, pedindo a seus auxiliares que não

** biografia dos autores nas págs. 121-124*



Maestro Paulo Carneiro
Fonte: Arquivo pessoal

deixassem a Escola morrer. Sabiam todos que a Escola era o maestro; o maestro era a Escola.

Reuniram-se cinco admiradores de Paulo Carneiro com o filho do maestro, Santino Carneiro, e este renunciou a todos os bens representados por instrumentos musicais e arquivos de documentação em favor do projeto concretizado de transformar a Escola em uma sociedade civil. Eleita a primeira Diretoria, integrada por Oscar Monteiro, presidente, André Tannein, vice-presidente, Reynaldo Chaves, tesoureiro, e Joaquim Gomes dos Santos, secretário, ao último coube organizar a sociedade e apresentar para discussão um estatuto e as normas a serem seguidas, tudo amplamente aprovado. O momento histórico completa, no ano corrente de 2023, cem anos, os quais somados ao período de 30 anos sob o maestro Paulo Carneiro, atingem 130 anos de existência ativa e respeitada.

Graças ao trabalho voluntário de seus dirigentes, à dedicação de bons funcionários e talentosos professores, a Escola conseguiu adquirir um prédio antigo, onde funcionou por três décadas, até ser demolido nos anos cinquenta para a construção do maravilhoso templo de arte e de cultura que ocupa o prédio de 8 pavimentos e um teatro anexo, em área nobre do Centro Histórico de Petrópolis, rua Marechal Deodoro, 192. Enquanto em obras, a Escola funcionou no Palácio de Cristal, por deferência da Prefeitura de Petrópolis.

Em 1955 chegava às novas instalações, onde até hoje corporifica o sonho feito realização do Maestro Paulo Carneiro.

Homenageando as centenas de alunos, professores e dirigentes que passaram pelos bancos escolares e administrativos, citamos três extraordinárias personalidades da Arte Musical, todos petropolitanos natos, de três fases da Escola: da primeira (século XIX), a pianista Magdalena Tagliaferro, aluna do Maestro Paulo Carneiro; da segunda (1ª metade do século XX), o maestro, pesquisador e compositor César Guerra Peixe; da terceira, o maestro, compositor e pesquisador Ernani Aguiar (2ª metade do século XX).

Enriqueço estas notas com novo texto de Joaquim Gomes dos Santos, que atuou na presidência por mais de duas décadas, presente nos momentos mais difíceis da casa de música, que afirmou com seu conhecimento e experiência:

A Escola existe pela persistência e honestidade e, sobretudo, a vontade férrea de não deixar perecer a obra de Paulo Carneiro. [...] Bem pouca gente compreende o esforço e o espírito de sacrifício dos abnegados discípulos de Paulo Carneiro. [...] A Escola de Música Santa Cecília é um capítulo inteiro da História de Petrópolis.

Edifício da Escola de Música Santa Cecília
Fonte: Arquivo pessoal



Referência:

Textos de Joaquim Gomes dos Santos extraídos do opúsculo **História da Escola de Música Santa Cecília. Um calvário de sofrimentos na sua marcha gloriosa. Para Petrópolis! Por Petrópolis! Pelo Brasil.** Petrópolis, RJ: Tipografia Ypiranga, janeiro de 1941.

XVII JORNADA CULTURAL DA FALERJ VOLTA REDONDA

Comissão de Redação

A Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro / FALERJ promoveu a 17ª edição de sua jornada cultural no dia 29 de abril, em Volta Redonda, no teatro do Grêmio Artístico e Cultural Edmundo de Macedo Soares e Silva / GACEMSS II, com o apoio da Academia Fluminense de Letras.

O evento, que reuniu representantes de academias das cidades fluminenses, em especial as integrantes do Polo do Vale do Café – primeiro polo regional da FALERJ – teve como anfitriões os Acadêmicos José Huguenin, Presidente da Academia Volta-Redondense, Sheila Mares Guia, Presidente da Academia de Vassouras e do Polo do Vale do Café, e Adriana Laureando Mussel, Presidente do GACEMSS II.

A Presidente da AFL Márcia Pessanha, que também preside a FALERJ, abriu a sessão apresentando os objetivos da Federação e o Manifesto de Criação do Polo do Vale do Café, ressaltando a importância da união entre as entidades congêneres em favor da cultura

fluminense.

A programação incluiu apresentações da Cia Arte em Cena, dirigida pela Acadêmica Stael de Oliveira, com a intervenção *A chaminé*, texto que reúne poemas de Nelita Teixeira, José Huguenin e Luís Feijolo; e do bem-humorado Grupo Estudarte, dirigido pelo Acadêmico Rodrigo Hallvys, com a peça teatral *Pequenas Leituras*.

Foram realizadas duas Mesas Redondas, sobre os temas:

- “A presença da mulher na Literatura”, que teve como debatedoras as Acadêmicas Ana Malfacini, Flávia Souza Lima, Mércia Christanni e Raquel Leal (Volta Redonda).

- “Polos Regionais da FALERJ e a integração literário-acadêmica nas regiões fluminenses: o caso do Polo Regional do Vale do Café”, que teve mediação da Presidente Márcia Pessanha e como debatedores os Acadêmicos Sebastião Deister (Paty do Alferes), Saulo Soares (Piraí), Gustavo Abruzzini (Valença), Sheila Mares Guia (Vassouras) e José Huguenin (Volta Redonda).

O encontro também contou com a participação do Acadêmico Paulo Roberto Cecchetti, Presidente da Academia Niteroiense de Letras – que foi escolhida como anfitriã da jornada seguinte, a acontecer em Niterói, em julho.

Representantes das Academias de Letras participantes do encontro (Divulgação AVL)





Sheila Mares Guia, Adriana Mussel (Presidente do Gacemss II), Márcia Pessanha, José Huguenin e Djalma Augusto Mello (Divulgação AVL)



Grupo Estudarte (Divulgação AVL)



*Paulo Roberto Cecchetti, Márcia Pessanha e José Huguenin
Foto: Aldo Pessanha*

UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE DE NITERÓI UMA OBRA DE AMOR



WALDENIR DE BRAGANÇA*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
Classe de Letras*

O que foi e o que é a UNIVERTI

Iniciamos a Universidade Aberta da Terceira Idade cheios de entusiasmo e de vontade imensa de servir. Chegamos quase aos 30 anos de trajetória servindo a população da cidade de Niterói – um dos municípios brasileiros com a maior concentração de cidadãos idosos.

A UNIVERTI foi uma organização não-governamental cultural, sem fins lucrativos, que tinha como propósito desenvolver atividades didático-pedagógicas e socioculturais, agrupando pessoas idosas em programa de educação continuada. Em suas quase três décadas de existência, congregou milhares de idosos de vários níveis culturais em cursos e oficinas, descobrindo talentos, forjando elos de amizade.

Integrante do Conselho Municipal do Idoso e da Comissão da Terceira Idade da OAB-Niterói, parceira do Probus Clube e da Casa da Amizade de Rotary, a instituição foi referência na representação e na defesa dos direitos dos idosos.

O conceito havia sido tema de minha monografia de conclusão de curso na Escola Superior de Guerra / Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia, em 1991. Mais tarde, atualizei o material para publicação em forma de livro:

Terceiridade, Análise da Situação do Idoso no Brasil – Universidade Aberta da Terceira Idade, uma proposta de equacionamento:

A criação da Universidade da Terceira Idade, as universidades abertas, constitui instrumento de convergência e irradiação. Elas se propõem a ser uma fonte de educação continuada, de desenvolvimento intelectual, um centro de atualização de conhecimentos nos seus mais variados ramos.

A Universidade da Terceira Idade é um centro cultural e de estudos de políticas e estratégias. Os alunos, com vivência e experiência acumuladas, não estão sentados como espectadores mas, sim, protagonistas na ânsia de antecipar seu novo tempo.

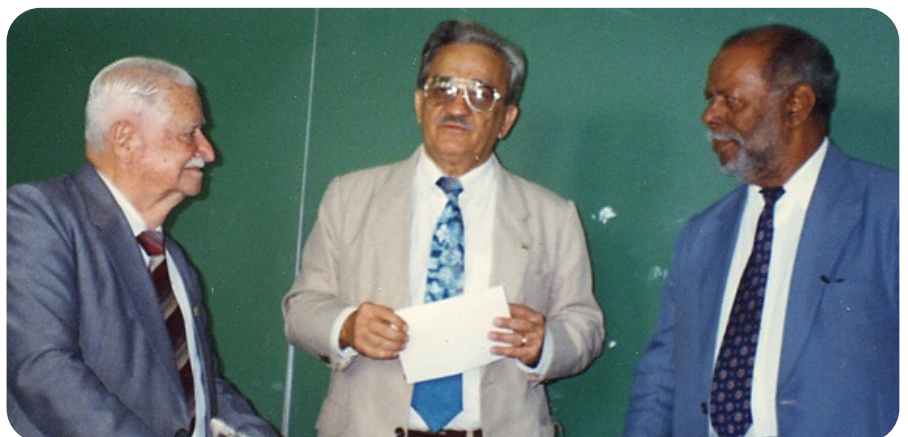
Significa ocupar o espaço humano e social do seu direito de viver com dignidade. Pressupõe saber mais para melhorar a qualidade de vida.

Seus integrantes têm condições de analisar amplamente situações que lhes dizem respeito como cidadãos. Formular propostas e arremessar ideias agora, para que as gerações se entendam e se integrem para o hoje e o amanhã bem melhor ainda.

A entidade foi efetivamente criada em 15 de abril de 1993, em Assembleia na Casa do Médico Fluminense, com o apoio de amigos queridos. Quantas lembranças eternas do meu amado colega e confrade Carlos Tortelly, parceiro e vice-presidente, e tantas pessoas que estiveram conosco desde o início da realização deste sonho: meus fraternos amigos e também confrades na

Acadêmicos Waldenir de Bragança, Carlos Tortelly Costa e Alaôr Scisínio em palestra na UNIVERTI.

Fonte: Arquivo pessoal





Acadêmicos Waldenir de Bragança, José Raymundo Martins Romêo e Luís Antônio Pimentel em evento na UNIVERTI.

Fonte: Arquivo pessoal

AFL José Raymundo Martins Romêo, então Reitor da Universidade Federal Fluminense (que nos cedeu o espaço na Faculdade de Direito) e José Hermínio Guasti, então Presidente da ACAMERJ; Cacilda Sarzedas, Presidente do CTIN / Clube da Terceira Idade de Niterói; Professora Carlota Schwartz; Assistentes Sociais Violeta Saldanha da Gama e Aymea Moura; Professor Ricardo Coe Neto; Escritor Armando Vaz; entre outros. Estavam presentes na instalação da entidade o Arcebispo Metropolitano D. José Gonçalves, o Governador do Rotary José França Conti, a Professora Matilde Slaibi Conti – mais uma ilustre confrreira na AFL – o Presidente do Rotary Club de Niterói-Norte José Carlos Rabello e grande grupo de pessoas interessadas.

Quanta gratidão aos professores voluntários que distribuíram as riquezas de suas inteligências e de seus corações – Márcia Regina Soares Kröne, Andrea Santiago, Heraldo Portella, Lia Farrell, Jurandi Alves Siqueira (Teatro); Antônio Barreto, Brigitte Schlupp, Suzana Bragança Mari, Mônica Mello Afonso, Fábio Fernandes de Barros Vasconcelos (Inglês); Reinaldo da Silva Galamba, Míriam Vannier, Maria Tereza Valdez, Maria Izabel Bezerra (Francês); Célia Regina Wentzel Vieira, Luciane Neves da Silva, Neusa de Aguiar Brum (Português); Sylvana de Oliveira Nascimento (Espanhol); Carlo Di Cunto, Maria de Fátima Rocha (Italiano); Ana Chaves (Musicalidade); Beatriz Chacon, Branca Eloysa e Dulce Maria Mendonça (Literatura); Jaubert Knost Cardinot, Isis Pinto Guimarães, Maria Inez Medina Monnerat, Virgínia Lúcia Flach (Biodança); Patrícia Will

(Dança Senior); Cecília do Couto (que deu início ao Coral da UNIVERTI), Maestro De Paula, Livia Dias, Brenda Maria Oliveira Rossetti, Hermínio Cândido dos Santos Júnior, Deila Maria Ferreira Scharra, Marcos Gonçalves, Daniel Marinho (Canto Coral); Marta Carrilho Cardoso, Sílvia Ferreira Dias, Arlindo Fiorentin (Yoga); Frederico Ricardo de Medeiros Lima, José Marcelo Giffoni, Arnaldo Arpon (Tai-chi-chuan); Cláudio Burlas de Moura (Psicologia); Arilce Xavier (Dança Cigana); Simone Gomes, Nélia Soriano (Consciência Corporal e Alongamento); Dinah Terra Peixoto (Filosofia); Tania Campos (Noções de Direito); Neuza Caffaro (Consciência Corporal e Memória Viva); Airam Figueiras (Pintura em Tela); Shirley Mendonça (Artesanato); André Mascarenhas Gama (Lian Gong); Vera de Beaurepaire-Rohan, Alba Helena Corrêa (Prosa e Verso); Cristina Sales Moraes, Ângela Maria Rodrigues, Lucia Pacheco (Memória Viva); Ana Gabriela Teles Esteves (Dança de Salão); Patrícia Lopes (Oficina do Corpo).

Destaco as ilustres confreriras da AFL Alba Helena, querida poetisa e trovadora, com incansável dedicação na preciosa tarefa de estimular novos talentos poéticos (muitos dos quais continuam se destacando em concursos de trovas); Deila Scharra, brilhante maestrina que desenvolveu notável trabalho à frente do Coral, valorizando os talentos univertianos em ritmo, melodia e harmonia; e Neide Barros Rêgo, hoje habitando o cenário da saudade, também sempre disposta a transmitir seus conhecimentos como poetisa e declamadora, encorajando as alunas a se expressarem por meio da arte; as queridas professoras Beatriz Chacon, Branca Eloysa e Dulce Maria Mendonça, que ajudaram a fazer florescer talentos literários para integrar belas publicações no decorrer dos anos. São muitos rostos e mãos

Diretores da UNIVERTI Aurenita Caldas, Zeneida Seixas, Waldenir de Bragança, Roberto Gonçalves e Dulce Mattos, e a aluna Alzenides Ferreira da Silva

Fonte: Arquivo pessoal



amigas a ajudar na caminhada de nossa Universidade.

Quanto carinho da constelação de alunos que dividiram suas experiências de vida conosco, recebendo e doando conhecimentos, entre eles dedicados amigos que se tornaram imprescindíveis colaboradores – Dulce Rocha de Mattos, Mirtes Pessanha, Zeneida Apolônio Seixas, que trabalharam incansavelmente para o bom funcionamento de nossa instituição; Diva Ribeiro da Silva, Edna Vasconcelos, Eda Valentim Mattos, Hebe Araújo, Flora Marques, Lúcia Raymundo, Fernando Leitão, Alzenides Ferreira da Silva, Vilma Gonçalves, Jassiva Costa, Adélia Terra, Dilma dos Anjos...

Devemos ressaltar a presença de pessoas como Vânia Gomes, que organizou a Secretaria, e sua sucessora, a amiga Aurenita Martins Caldas, eterna secretária executiva, inesquecível companheira de embates na vida univertiana, constantemente lembrada, querida e enaltecida pela forma tão cordial, tão amiga, tão desprendida com que ajudou os que dela precisavam no dia a dia de nossa instituição, até a tarefa final de organizar os documentos no encerramento de suas atividades; Dulce, querida amiga e colaboradora essencial, que nos acompanhou durante toda a caminhada da UNIVERTI, cheia de alegria, simpatia e disposição para participar e ajudar em todas as atividades, até o fim; a querida Zeneida, ao nosso lado na diretoria, sempre presente e competente, colaborando na organização de celebrações, campanhas beneficentes, eventos; o companheiro Roberto Gonçalves, parceiro na vice-presidência,

Festa da Primavera da UNIVERTI, com a presença das Acadêmicas Matilde Conti, Márcia Pessanha, Neide Barros Rêgo, Gracinha Rêgo, Alba Corrêa



*Missão do Jubileu de Prata da UNIVERTI, celebrada pelo Acadêmico Monsenhor Elídio Robaina.
Foto: S. Coelho*

pronto para contribuir em todos os momentos; as fiéis escudeiras Lourdinha e Taninha...

Lembramos com muito afeto e gratidão a colaboradora constante Christiane Braga Victer, nossa secretária e assistente pessoal, que se aprofundou na estrutura e dinâmica da UNIVERTI, inclusive recolhendo informações, fotos e textos para elaborar com muito carinho os boletins mensais que registravam o dia a dia da instituição, constituindo verdadeiro arquivo de sua história.

Nosso reconhecimento, também, à bibliotecária Cleide Villela, que nos chegou através de indicação do querido amigo José Raymundo, dentro de programa de estágio da Universidade Federal Fluminense, e se tornou outra dedicada auxiliar, fotografando palestras e eventos, criando e mantendo nosso site oficial na internet.

Quantas palestras semanais sobre temas relevantes, com grandes personalidades – como as confreiras Márcia Pessanha, Matilde Conti e Leda Mendes Jorge e os confrades José Raymundo Romêo, Alaôr Scisínio, Sávio Soares de Sousa, Aristeu Pessanha Gonçalves, Luís Antônio Pimentel, Alcir Chácar, Luiz Augusto Pinheiro;

Marcos Fioravanti (OAB); Heitor Braga Neto (Secretário de Saúde de Niterói); Luiz José Martins Romêo, Heraldo Victer, João Aylmer, Roberto Aylmer (ACAMERJ); Fernando Leitão, João Bosco Quadros Barros (SOBRAHSP); Luiz Carlos Pacheco (SEACOR); Thereza Cypreste Miranda (ADAMA); Ana Lúcia Bragança Aylmer; Dorinha Aylmer; Carlos Mônaco; Moacyr Sacramento; João Carlos Brasil Barros e Lisiane Erthal Rocha (MP); Rogério Álvares (Amverj); Odilza Vital (Rotary);





Coral da UNIVERTI, sob a regência do Prof. Daniel Marinho.
Foto: Cleide Villela

entre tantos outros.

Quantas aventuras, quantas realizações de imaginação! Concursos literários, seminários, mesas redondas, exposições, projeções, caminhadas, campanhas de saúde e beneficentes em favor de entidades de assistência a idosos, mais de 200 boletins informativos publicados, jornais e folhetos comemorativos...

Quantos talentos revelados, em prosa, poesia, canto, teatro... em apresentações, espetáculos, gravações, publicações literárias – *Ressurgindo em Prosa e Verso*, *Contadores de Histórias*, *Pepitas de Ouro*, *Antologia Prateada* (comemorativa do Jubileu de Prata da UNIVERTI).

E quantas visitas, passeios, paisagens; Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Museu do Tribunal de Justiça, Feira Nordestina, Ilha Fiscal, Conservatória (Cidade da Seresta), Argentina, Portugal, Nova York (Organização das Nações Unidas)...

Promovemos atividades em parceria com entidades educacionais e culturais para prestação de serviços à população, como o Curso de Informática para Idosos e o Curso de Cuidadores de Idosos, e campanhas beneficentes em favor de comunidades carentes e entidades prestadoras de serviços aos idosos, como o Dispensário Santa Luiza de Marillac, a Casa Maria de Magdala, o Abrigo Cristo Redentor, a Casa Convívio.

Alcançamos projeção com o celebrado Coral da UNIVERTI, que se apresentou abrilhantando solenidades da nossa universidade e de entidades culturais parceiras – inclusive a AFL – e chegou a integrar a programação de festivais! Organizamos apresentações musicais com

talentosos músicos, como o barítono Belchior dos Santos e a pianista Elazir dos Santos, o cantor José Tobias, os maestros José Bernardo de Souza (outro querido confrade), Joabe Ferreira e Wilson Vianna; entre outros...

Quantos eventos e confraternizações! Festas juninas e da primavera, formaturas, celebrações anuais da Semana do Idoso, com

programação especial em conjunto com outras entidades congêneres – a AFL, o Rotary, a OAB-Niterói, o Centro Cultural Maria Sabina – incluindo o tradicional e concorridíssimo Desfile de Modas da Terceira Idade e a celebração anual do Dia do Amigo.

E mais, muito mais. Seria impossível repassar todos os momentos que nos foi possível viver. Quantas pessoas, quantos laços de afeto que ficarão conosco. Quantas vidas transformamos de tristezas para alegria de conviver, construindo novas amizades. Quantas homenagens prestamos, quantos títulos e honrarias, quantas manifestações ficaram marcadas em nosso coração, em nossa sensibilidade... E quantos e quantos momentos que não vão desaparecer de nossas vidas.

A UNIVERTI é uma casa de amor, e nela colocamos as nossas vidas oferecendo àqueles que nos são próximos nossos sentimentos mais elevados de imenso bem-querer. Ela não marcou presença só em Niterói; foi e continua sendo uma realização concreta de um sonho transformado em realidade, que se espalhou em vários lugares, inspirando outras pessoas a seguirem o lema: **“Em defesa do direito de viver com dignidade todas as etapas da existência”**. Foi uma das melhores coisas que fizemos.

Celebração do Jubileu de Prata da UNIVERTI.
Foto: Cleide Villela



O tempo é uma frequência que não se pode interromper

Em março de 2020, com as restrições decorrentes da pandemia de Covid-19, fomos obrigados a suspender as atividades. A quarentena de algumas semanas se expandiu em muitos meses.

Os univertianos – professores, alunos e colaboradores – mantiveram contato pela internet, conservando os laços de convívio fraterno. Finalmente, as restrições foram retiradas e o espaço liberado para o retorno; mas, infelizmente, as circunstâncias haviam se modificado e não foi possível restabelecer os trabalhos.

Chegando ao final, constatamos que ficarão conosco as lembranças saudosas que nos fortificam na consciência da missão cumprida, do propósito alcançado. Por tudo, damos graças a Deus. Temos certeza de que permanecerão, para sempre, agradáveis recordações de momentos vividos e convividos.

A UNIVERTI continuará existindo naquelas vidas que foram transformadas, nos elos de amizade que forjou; mesmo que tenha desaparecido materialmente, continua viva na dimensão do afeto, na rede de contatos, nos grupos de mensagens, na comunidade de amigos que se mantêm eternamente ligados.



*Encontro de
Confraternização
Univertiana realizado no
restaurante La Mole, Niterói,
dia 28/10/2023.
Fotos: Cleide Villela e
Christiane Victer*



DISCURSOS

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO LUIZ ALBERTO BARBOSA ROMEU 2 de junho de 2022



LUCIA MARIA BARBOSA ROMEU*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 10
Classe de Letras*

Caros membros da Diretoria da Academia Fluminense de Letras:

Sra. Márcia Maria de Jesus Pessanha (Presidente)

Sr. Eduardo Klausner (Vice-Presidente)

Sra. Eneida Fortuna Barros (1ª Secretária)

Sra. Lucia Maria Barbosa Romeu (2ª Secretária)

Sr. Cleber Alves (1º Tesoureiro)

Sr. Erthal Rocha (2º Tesoureiro)

Sra. Maria do Carmo Soares Cordeiro (Diretora de Acervo Documental e Bibliotecas)

Sra. Matilde Slaibi Conti (representando todas as entidades culturais da cidade)

Demais membros da mesa

Senhores Acadêmicos

Caros amigos, tão queridos

Senhoras e Senhores

Sr. Acadêmico Luiz Alberto Barbosa Romeu, meu queridíssimo irmão

Boa tarde a todos

Antes de começar meu discurso de boas-vindas ao novo Imortal desta Academia, gostaria de pedir a todos um pensamento de amizade e carinho a quatro amigos nossos ausentes hoje fisicamente, porém bem presentes em nossos

corações. São eles:

- Dr. Waldenir de Bragança – nosso eterno presidente, sempre ativo, com suas palavras sábias e vibrantes. É difícil olhar para essa mesa e não ouvi-las, ressoando ainda em nossos ouvidos. Um pensamento de amizade e grande abraço.

- Neide Barros Rêgo – De olhos tão vivos, presença marcante, voz melodiosa, sempre pontuando uma melodia em nossos encontros. Um pensamento de amizade e amor.

- Monsenhor Elídio Robaina – Hospitalizado há um mês, muito fragilizado, que nos dava sua bênção ao final de nossas sessões. Um pensamento de amor e de fé.

- E nosso saudoso confrade Sávio Soares de Sousa, decano desta Academia, que nos deixou há 1 semana, criando uma lacuna poética em nosso cotidiano. Um pensamento de amor e poesia, onde você estiver.

Bem, assim começo agora minha saudação ao novo Acadêmico da Classe de Belas Artes, Cadeira nº 6, patronímica de Israel Pedrosa, o que é para mim uma grande alegria e uma forte emoção, por se tratar de meu único irmão, muito querido.

Luiz Alberto, sua presença entre nós dignifica esta Casa, para onde você traz seu talento artístico, sua sensibilidade, seu carisma humanístico. Seja muito bem-vindo!

Você irá enriquecer nossas fileiras na luta pelo belo e pela cultura.

Carlos Drummond de Andrade já escrevia:

*Lutar com palavras parece sem fruto
Não tem carne e sangue, entretanto luto...*

E é esta a luta à qual me refiro, em prol da beleza, da sensibilidade, da verdade, da linguagem bem cuidada, da delicadeza, tendo como armas do bem, palavras e sentimentos generosos.

Quero começar minha saudação com um verso meu que fala do Fogo Sagrado da Vida, e diz assim:

*No olhar do menino
A doçura do amanhecer...*

*No olhar do ancião
A magia do entardecer...*

*E em todo o percurso
O sol... emprestando sua luz*

À solene cerimônia do viver.



*Campos dos Goytacazes
Fonte: jornalterceiravia.com.br*

Este sol, esta luz que se acende em nós ao nascermos, começou a brilhar para Luiz Alberto em 10 de novembro de 1942, em Campos dos Goytacazes, mas com 2 anos de idade já veio, com sua família, de mudança para Niterói. Nosso pai, Dr. Luiz B. Romeu, médico sanitarista, nossa mãe, Astridane, professora e bibliotecária e sua irmã Lucia formavam seu mundo de então.

Sempre, desde pequenos, tivemos uma afinidade, uma cumplicidade e um companheirismo muito grandes.

Nosso pai o iniciou nos livros, nos cálculos, nos negócios, no intelecto, enquanto nossa mãe investiu na doçura, esse carinho e leveza no trato que ela nos passou e que conservamos pela vida afora.

Eu costumo dizer que nossa mãe nos amamentou com leite e mel.

A família se ausentou de Niterói por um breve espaço de tempo – 4 anos – quando nosso pai foi chefiar o Centro de Saúde de Nova Friburgo, e lá fomos nós viver uma fatia da infância numa cidade com jeito alemão, com lojas que vendiam apfelstrudel, brot mit wurst und kartoffel e outros nomes difícilísimos para o vocabulário de uma criança, porém deliciosos quando se transformavam em torta de maçã, cachorro-quente e batata frita. Simples, não é?

Casas enormes na única rua de comércio, e avenida de moradias, cortada pelo rio Bengala. Praça de árvores centenárias onde o trenzinho vindo de Niterói fazia soar seu apito toda manhã, fazendo um contraponto com a música de canções

folclóricas tocadas pela bandinha da cidade, no coreto, toda noite.

Essa era a Nova Friburgo da época, pelos idos de 1950, e esses eram os sons e as cores que moldaram nossa infância.

Teve sua educação primária no Colégio dos Jesuítas, que recebia meninos para o internato também.

Ali, Luiz Alberto foi coroinha e ajudava as missas todas em Latim. Costumava decorar alguns textos e declamava pela casa, e eu, anda no primário, ficava maravilhada com essa língua mágica.

Nossa casa era grande, toda cercada por jardins com roseiras, e tínhamos uma hóspede alemã, jovem ainda, que morava num anexo do quintal, e pagava o custo do quarto com seus serviços, e ela se tornou nossa preceptora, nos dando aulas de Inglês e Alemão.

Só podíamos falar em alemão com ela, então iniciamos cedo a linguagem desse difícil idioma. Ela nos fez memorizar um pequeno poema de Goethe, que nos acompanhou por toda a vida, com sua verdade simples e profunda:

*Willst du immer weiterschweifen?
Sieh, das Gute liegt so nah.
Lerne nur das Glück ergreifen,
denn das Glück ist immer da.*

*Por que você quer sempre procurar mais e
mais, além?*

*Veja, o bem está aqui tão perto.
Pense apenas em manter a sua sorte,
e assim você a terá sempre perto.*

*Centro de Nova Friburgo, década de 1950
Fonte: facebook.com/baudehistoriadenovafriburgo*



Foi um período onírico! A cidade linda, o povo acolhedor, o colégio maravilhoso, mas... como todo sonho tem um despertar esse aconteceu quando voltamos para Niterói, onde Luiz Alberto continuou seus estudos no Liceu Nilo Peçanha, que era, na época, o melhor colégio de Niterói.



Liceu Nilo Peçanha

Foto: Acadêmico Antônio Machado

Já nesse tempo Luiz Alberto mostrava sua predileção pelas matérias exatas, carros, motos, aviões, navios, tudo que estivesse conectado ao controle de uma máquina, de um motor.

Comprou uma moto, que naquele tempo se chamava lambreta, que passou a ser sua sombra (não sabia mais viver sem ela). Seu nome? Jambalaya (em homenagem à música da Brenda Lee).

Adolescência chegando, época dos namoros, dos brotinhos, e a lembrança de todas aquelas músicas tocadas pela bandinha no coreto da pracinha de Friburgo + os Beatles + o rock and roll + a bossa nova, toda a mistura musical desses sons explodiu em sua imaginação, e Luiz Alberto começou a compor poesias e canções.

Comprou uma bateria e juntou-se com uns amigos que tocavam violão, baixo e guitarra, formando um conjunto musical: "Brasinhas do Ritmo" e se apresentavam nos Grêmios Estudantis dos colégios e outros eventos. Na época eram muito conhecidos, solicitados, e saíam nas notícias

nos jornais. Um sucesso!

Abrindo parênteses – na época eu também fazia parte de um conjunto musical folclórico, composto por 15 moças regidas por uma freirinha do nosso Colégio São Vicente de Paulo e nos apresentávamos na televisão, a convite de programas como da Hebe Camargo, do Chacrinha, etc. Gravamos um long play, *As Garotas do Conjunto Maringá*, com músicas de minha autoria.

Então, nesse tempo de juventude, nossa casa era feita de música e poesia, Luiz Alberto comendo e tocando com os Brasinhas do Ritmo, e eu comendo e tocando com meu conjunto.

Que tempo bom, de uma juventude sadia e alegre! Uma das datas mais esperadas no ano era o 7 de setembro, quando todos os colégios se faziam representar no desfile pela Av. Amaral Peixoto, com os alunos de uniforme de gala, impecáveis, sapatos engraxados brilhando, tocando a bateria e o hino de seus colégios ao som do tarol, da caixa, o xilofone e o surdo, marcando o ritmo como um metrônomo. A ala das bicicletas e lambretas sendo empurradas por seus respectivos donos era a mais alegre – todas eram decoradas com fitinhas verde-amarelas nas rodas e bandeiras nos guidons.

Como onda nova se aproximando no mar da vida, a nova fase chegou: a dos estudos sérios na Faculdade da U.F.F., cursando Engenharia Mecânica. Após a formatura, Luiz Alberto exerceu a profissão escolhida por mais de 40 anos, em empresas multinacionais de petróleo. No Brasil, andou dirigindo empresas por Belo Horizonte, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, São Paulo e Manaus (deixo a seu cargo detalhes de seus trabalhos profissionais, vai falar deles em seu discurso).

Mas foi nos U.S.A., principalmente no Texas e na Califórnia (cidades de Santa Barbara, Goleta e Sausalito), e também na Austrália (cidades de Melbourne e Sale), onde morou por cinco anos, que teve seus maiores sucessos no trabalho e as mais belas recordações.

Seu trabalho para a EXXON era edificar plataformas, trabalho offshore que exigia que o engenheiro praticamente morasse nas plataformas em mar aberto por sete dias, às vezes mais, com condições adversas (tempestades, um frio de gelar, acrescido pelo vento em pleno mar).



Plataforma Gail, Campo de Petróleo Marítimo Sockeye, próximo a Santa Bárbara, Califórnia
 Fonte: wikipedia.org

Nessa época já era casado, e seus primeiros três filhos foram alfabetizados e seguiram os primeiros estudos na Austrália, com um inglês bem diferente do inglês continental, atestado por uma historinha famosa que apresenta um inglês e um australiano conversando: o australiano diz que é um belo dia hoje (day e today), e o inglês responde que ele está em perfeitas condições de saúde e que não tem intenções de morrer hoje (die e to die). É a piada nacional, carimbo bem sutil do sotaque e humor australianos.

Morar em um país tão longe do Brasil, da família, dos amigos, com costumes e língua diferentes, causava uma saudade imensa, e apesar das crianças estarem se adaptando bem no colégio, todos suspiravam por seu ninho natal, principalmente Luiz Alberto, o comandante deste pequeno batalhão familiar. Daqui do Brasil eu acompanhava sua luta e fiz um poema que lhe enviei e causou emoção:

Meu irmão, meu amigo

Ponte Swing, Sale, Austrália
 Fonte: www.visitvictoria.com



*Bravo guerreiro!
 Acompanho tua luta sem trégua
 Teu esforço, tua decisão
 Em achar um porto seguro*

*Onde possas moldar teu futuro
 Em teu caminho de pedras
 Tudo parece adverso
 Mas dentro de ti há um universo
 De coragem e obstinação*

*Que há de aplinar tua estrada
 E ser farol na escuridão
 Conquistarás o teu sonho!
 Armado apenas ———*

Com a doçura do teu coração.

Na Austrália, a cidade onde moravam ficava perto de Melbourne, era uma cidadezinha pequena, pacata, com um imenso lago onde cisnes negros nadavam, as aves magpie davam voos rasantes e bicavam as cabeças das crianças quando iam ao colégio sem boné (só então entendi porque todos usavam seus bonezinhos), só tinha uma rua de comércio, a Raymond Street, e o encanto era o jardim público, todo gramado, com a piscina olímpica aquecida e o campo dos cangurus (com uns 30 deles), onde se podia alimentá-los livremente.

Só havia uma igreja, pequena e rústica, e o pastor visitava suas ovelhas toda noite. Essa cidade tão lindinha chamava-se Sale (que em inglês quer dizer liquidação), e brincávamos dizendo: "Visite Sale antes que ela seja totalmente vendida" (Let's visit Sale before it is sold out!).

Foi na paz de Sale, e nas noites offshore nas plataformas, ouvindo o mar, que se abriram novamente para Luiz Alberto as portas do encanto literário da inspiração, adormecidos desde a adolescência. Relembrou seus poemas, suas músicas, enriqueceu o olhar com o nascer e

o pôr do sol no alto mar, e guardou em estoque essas cores incríveis em sua mente, que depois iriam habitar suas telas na pintura.

O trabalho nas plataformas era árduo, porém a aposentadoria veio suavizar esses dias.

A família voltou ao Brasil para o nascimento do quarto filho, e então, instalado em Minas Gerais, a vida lhe apresentou calmos momentos de reflexão, que alargaram seus espaços de silêncio para a criação intelectual e artística.

Escreveu seus dois livros técnicos baseados em suas experiências offshore e, na parte artística, iniciou uma série de desenhos em grafite.

Mudou-se para Niterói novamente, a família se completou com o quinto filho e foi morar em Itaipu, alternando com sua chácara em Maricá, e se dedicou à pintura a óleo sobre tela, conquistando vários prêmios no Clube Naval e em salões de Belas Artes no Rio de Janeiro.

É muito bonito vê-lo pintar – o artista começa seu trabalho, o pincel traçando o primeiro risco no branco da tela, escolhendo o tom certo, a curva perfeita... acolhendo a inspiração chegando aos poucos.

Eu me envolvi nesta inspiração do artista, e como poeta, pinte o meu quadro na página branca de um livro, com as palavras:

Criação (do Artista)

*Diante dos olhos
A tela branca
A cor desbotada
A mão presa, atada
O pincel calado.
Entretanto, um vento fresco, alado
Uma forma difusa
Vem nascendo do nada.
O arabesco da imaginação
Ondula em pensamento fragmentado
Incorpóreo movimento
Não tem face nem alento
Mas inunda, força criadora.
De repente, uma enchente de cores vivas.
Em leito de rio seco – agora turbilhão
Alarga e destrói todas as margens
E surge, poderoso e pronto
O insondável mar da inspiração!*

Os netos e as telas foram nascendo e se

multiplicando, para seu prazer e alegria.

Luiz Alberto, este ser humano ao qual saúdo, ímpar em suas qualidades e carisma, tem hoje, aqui nesta sala, o reconhecimento à sua bagagem de vida, e mérito às suas telas, sensibilidade e talento.

Parabéns meu irmão, por ser uma pessoa tão plena de realizações e sucesso! Foi uma honra para mim, falar sobre sua trajetória ao longo dos anos.

Que Deus o abençoe, e ilumine seu caminho.

Termino assim a minha fala, com sugestão de vida para seus anos vindouros.

Poema de Cecília Meireles:

Sugestão

*Sede assim — qualquer coisa
serena, isenta, fiel.*

Flor que se cumpre sem pergunta.

*Onda que se esforça por exercício
desinteressado.*

*Lua, que envolve igualmente
os noivos abraçados
e os soldados já frios.*

*Também como este ar da noite:
sussurrante de silêncios,
cheio de nascimentos e pétalas.*

*Igual à pedra detida
sustentando seu demorado destino
e à nuvem, leve bela
vivendo do nunca chegar a ser.*

*À cigarra, queimando-se em música,
ao camelo que mastiga sua longa
solidão
ao pássaro que procura o fim do
mundo,
ao boi, que vai com inocência para
a morte.*

*Sede assim, qualquer coisa
serena, isenta, fiel...*

Não como o resto dos homens!

DISCURSO DE POSSE

2 de junho de 2022



LUIZ ALBERTO BARBOSA ROMEU*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 6
Classe de Belas Artes

Caros membros da Diretoria da Academia Fluminense de Letras:

Sra. Márcia Maria de Jesus Pessanha (Presidente)

Sr. Eduardo Klausner (Vice-Presidente)

Sra. Eneida Fortuna Barros (1ª Secretária)

Sra. Lucia Maria Barbosa Romeu (2ª Secretária)

Sr. Cleber Alves (1º Tesoureiro)

Sr. Erthal Rocha (2º Tesoureiro)

Sra. Maria do Carmo Soares Cordeiro (Diretora de Acervo Documental e Bibliotecas)

Sra. Matilde Slaibi Conti (representando todas as entidades culturais da cidade)

Demais membros da mesa

Senhores Acadêmicos

Caros amigos, tão queridos

Senhoras e Senhores

Boa tarde a todos

Sinto-me honrado e muito feliz por estar nesta Casa de Cultura, plenário histórico que já acolheu tantos vultos importantes da nossa elite intelectual! A história da Academia, como instituição literária, remonta a um passado longínquo, e eu gostaria de vivenciar seu desenvolvimento através dos tempos:

Originalmente foi uma escola fundada pelo filósofo Platão em 387 a.C. em Atenas – Grécia. Lá, através de diálogos entre mestres e

* *biografia dos autores nas págs. 121-124*

discípulos surgia um ensino informal da Filosofia, Matemática, Música, Astronomia, Legislação, Ciências e Retórica.

Essa escola era formada por uma biblioteca e um jardim onde eram realizados os encontros. Este jardim pertencia a um herói ateniense da guerra de Tróia de nome Academus, por isso o lugar era chamado de Academia.

Por lá passaram Sócrates, Aristóteles e muitos outros pensadores e filósofos.

Essa tradição de trocar ideias e conhecimentos deu origem a todas as academias e universidades de ensino superior do Ocidente e se espalharam pela França e Itália nos séculos XIII e XIV, sempre valorizando os métodos de debate e conversação como formas de alcançar o conhecimento pleno.

Academia Francesa

Foi a que serviu de modelo à Academia Brasileira. Foi fundada em 1635 por iniciativa do Cardeal Richelieu com autorização do rei Luís XIII, com a finalidade de tornar a língua francesa “pura, eloquente, e capaz de tratar das Artes e Ciências”. É famosa pela elaboração do seu Dicionário em sucessivas edições atualizadas. É constituída por 40 cadeiras, cujos ocupantes perpétuos são eleitos e tomam posse discursando em agradecimento à Academia e realizando o elogio de seu antecessor.

Instituto da França, sede da Academia Francesa
Fonte: wikipedia.org



Aqui no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, atendendo a necessidade de congregar personalidades voltadas para a Literatura que se reuniam em livrarias como a Garnier ou clubes como o Rabelais, criou-se a Academia Brasileira de Letras em 15 de dezembro de 1896, quando foi aclamado presidente Machado de Assis, tendo como membros nomes ilustres como Artur de Azevedo, Graça Aranha, Joaquim Nabuco, Guimarães Passos, José Veríssimo, Olavo Bilac, Visconde de Taunay, Silva Ramos, Coelho Neto, Pereira da Silva, e tantos outros.

Tomando como modelo a Academia Francesa, foram criadas 40 cadeiras.

A eleição da 1ª mulher para a Academia foi em 1977 – Rachel de Queiroz.

A Academia Brasileira de Letras, ou “Casa de Machado de Assis” como é afetuosamente conhecida, situa-se no centro do Rio – à Avenida Presidente Wilson, 203. Em seu discurso inaugural, Machado de Assis afirma que “A Academia, trabalhando pelo conhecimento, buscará ser a guarda da nossa língua... defendê-la daquilo que não venha das fontes legítimas (o povo e os escritores), não confundindo a moda, que perece, com o moderno, que vivifica. Guardar não é impor... O melhor dos processos para guardar uma língua é a conservação das obras clássicas”.

Aí está o objetivo da Academia de Letras.

Academia Fluminense de Letras – 105 anos

Já em 1906, três visionários pensavam em criar uma Academia de Letras em Niterói. Eram eles: Epaminondas de Carvalho, Joaquim Peixoto e Quaresma Júnior.

Voltaram ao assunto dez anos mais tarde, em 1916, e colocaram uma lista de adesões que logo teve 72 inscritos. Entre desistências iniciais, restaram 28 aspirantes que após terem suas obras julgadas pelas comissões, foram eleitos.

Cria-se então a Academia em 22 de julho de 1917. Completou-se o quadro com a adesão de outros intelectuais e em 14 de julho de 1918 foram nomeados os 40 imortais fluminenses, tendo como paraninfo da nova instituição Cultural Fluminense, o líder da democracia no Brasil, Ruy Barbosa.

A instalação da Academia se realizou a 11 de agosto de 1919, justamente na data centenária

da Vila Real da Praia Grande, tendo como 1º Presidente o Dr. Belisário de Souza.

Após funcionar em diversas sedes esporádicas, a promulgação da Lei 2.162, de 7 de novembro de 1927, concedeu oficialmente sede própria à Academia Fluminense de Letras no “corpo central do pavimento superior do edifício da Biblioteca Pública do Estado”, onde hoje nos encontramos. Atualmente a Academia é constituída de 50 cadeiras ocupadas por intelectuais fluminenses e se divide em: Classe de Letras, Belas Artes, Ciências, Ciências Sociais, Correspondentes Nacionais e Correspondentes Estrangeiros.



*Sede da Academia Fluminense de Letras
Foto: Acadêmico Antônio Machado*

A renovação dos membros da Academia é uma forma de perpetuar a vida intelectual da instituição, contribuindo com sua vitalidade cultural. Hoje estou recebendo o honroso cargo de ocupar a Cadeira nº 6 da classe de Belas Artes, que tem como patrono Israel Pedrosa e como fundador Robert Preis.

Israel Pedrosa – laureado pintor, pesquisador, professor universitário e escritor, nascido em 18 de abril de 1926 em Manhumirim (Minas Gerais), e falecido em 7 de fevereiro de 2016 em Niterói, RJ, com 89 anos.

Recebeu, em sua vida, inúmeros prêmios, honrarias e homenagens, dentre os quais o “Prêmio Thomas Mann” (conferido pela Embaixada da República Federal da Alemanha) e o “Prêmio Hilton de Pintura Colar do Mérito Universitário”, conferido pela UFF em 2015.

Foi aluno de Ferruccio Dami e Cândido Portinari, formando-se na Escola Superior de Belas Artes de Paris, e foi também fundador da Cadeira de História da Arte na UFF, em 1963. Após 16 anos

de estudos sobre a refração cromática, revelou o domínio da Cor Inexistente, que, segundo suas palavras, seria “uma cor complementar, produzida pela ação dos contrastes de várias gamas de uma cor primária, levadas ao paroxismo”.

É autor dos livros: *Da Cor à Cor Inexistente* (seu principal trabalho), *O Universo da Cor*, *Coleção Grandes Pintores Brasileiros*, além de textos de Catálogos das Exposições dos painéis *Guerra e Paz*, de Portinari (no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Paris).

Possui diversos trabalhos nos acervos do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, São Paulo, e outras capitais.

Ao longo de sua vitoriosa carreira, realizou inúmeros cursos e conferências no Brasil e no exterior (França, Bélgica, Hungria, Alemanha e México).

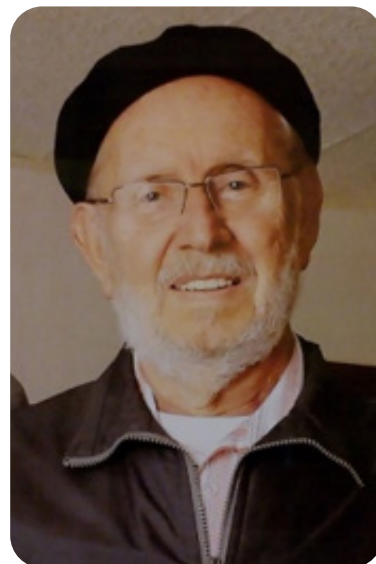
Certamente Israel Pedrosa é um espírito de luz que honra sua brasilidade!

Fiz contato com o filho do Israel Pedrosa, Ulianov, e sua esposa Elzira, e contamos com sua presença. Por favor, vamos recebê-los com aplausos.



Israel Pedrosa
Fonte: [wikipedia.org](https://pt.wikipedia.org/wiki/Israel_Pedrosa)

O fundador da Cadeira nº 6 da Classe de Belas Artes, ou seja, a 1ª pessoa que teve a honra de sentar-se nesta cadeira, foi o Prof. Robert Preis, meu antecessor, nascido na Alemanha, em Landstuhl, em 30 de janeiro de 1934 e falecido em Niterói, em 9 de outubro de 2021. Fez do Brasil sua terra, vivendo aqui toda sua vida. Desembarcou em Santos, em 1962, formou-se em História, com pós-graduação em Língua e Literatura Alemã, e doutorado em Linguística.



Robert Preis
Fonte: Acervo AFL

Trabalhou como auxiliar de Ensino de Língua Alemã na USP, professor assistente de História Medieval na PUC e professor de Língua e Literatura Alemã na UFF, onde foi também chefe do Departamento de Literatura e Letras Estrangeiras Modernas.

Ao lado de seus inúmeros cargos de chefia, dedicou boa parte de seu tempo à Literatura, publicando três livros de poesia. Seus poemas, sempre críticos e bem-humorados, nos traziam leveza e alegria ao cotidiano.

Foi membro fundador da Aspi-UFF (Associação dos Professores Inativos da UFF, 1992) e também membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói. Casou-se com Aidyl e criaram 2 sobrinhos dela como se fossem seus filhos: Amanda e Vinícius.

Robert Preis era um artista na pintura e principalmente na escultura, produzindo medalhões em argila, com o perfil de seus amigos. Era seu presente predileto a todos. No atelier de escultura da Professora Jo Grassini, era a figura mais querida, festejado por suas histórias da terra natal, que contava, alegre, enquanto suas mãos iam produzindo obras de arte na argila.

Deixa MUITAS SAUDADES!

...E em sequência, o atual ocupante da Cadeira nº 6 sou eu, Luiz Alberto Barbosa Romeu.

Sinto-me muito honrado por fazer parte de um grupo tão distinto que divide comigo a ilustre participação neste templo de cultura que é a Academia Fluminense de Letras. A Lucia Romeu,

minha irmã, já lhes falou das minhas andanças pelo mundo, porém gostaria de complementar com alguns detalhes da minha formação.

Nasci em Campos dos Goytacazes, a 10 de novembro de 1942 e desde pequeno senti-me atraído por cálculos, matérias exatas, construções, funcionamento de automóveis, indústrias etc. E isso me levou ao estudo da Engenharia Industrial Mecânica, na Universidade Federal Fluminense, vindo a me formar em 1966 e exercendo a profissão de engenheiro por mais de 40 anos em empresas multinacionais do petróleo, industriais, de comunicação, de projetos, construções e montagens mecânicas, tendo me especializado em "Gerenciamento de Empreendimentos" e Logística.

Comecei meu aprendizado como auxiliar de arquiteto da Secretaria de Saúde, do Núcleo de Engenharia sob a supervisão do Sr. Orlando Campofiorito, onde meu pai, Dr. Luiz Barbosa Romeu era chefe de gabinete e Dr. Waldenir de Bragança, muito nosso amigo e médico atuante em todos os municípios do estado do Rio de Janeiro, trazia informações preciosas que resultavam em novos empreendimentos hospitalares e postos de saúde. Saudosa memória!

Abrindo um parêntese, quero ressaltar aqui a grande amizade que Dr. Waldenir e meu pai, Dr. Romeu nutriam um pelo outro, médicos sanitaristas que eram, e que lutavam pelas mesmas causas e objetivos.

Tenho um grande carinho por ele e toda a sua família!

Profissionalmente exerci o gerenciamento de empreendimentos nas várias empresas por onde passei, tais como SERPRO, ATLANTIC DE PETRÓLEO, ESSO, CONCREMAT ENGENHARIA e gerenciando implantações dessas empresas por todo o Brasil, na Austrália e EUA.

- No SERPRO (empresa que trata de processamentos de dados do Ministério da Fazenda) implantei os centros de processamento de dados nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Osasco, Salvador, Recife, Fortaleza e Brasília.
- Na CONCREMAT ENGENHARIA gerenciei a construção da fábrica da GILLETE do Brasil, na

cidade de Manaus e também a nova sede do BANESPA em Pirituba, São Paulo, com 150 mil m² de área construída.

- Na ESSO gerenciei a implantação das plataformas de petróleo OFFSHORE na Austrália e nos EUA, Texas.
- Na ATLANTIC DE PETRÓLEO fui responsável pelas implantações de terminais de petróleo em todos os estados do Brasil onde a Atlantic estabeleceu negócios.
- Na Universidade da Califórnia em Santa Barbara, EUA, completei o curso de negócios, BUSINESS ECONOMICS.



Universidade da Califórnia, Santa Bárbara
Fonte: wikipedia.org

Residi a trabalho no exterior, notadamente no Texas, Califórnia e Coral Gables (EUA) e em New Castle, Melbourne e Sale (Austrália), quando participei na construção de refinarias e fábricas (cerca de 200 mil m²) em edificações e plataformas de petróleo especificamente na Austrália e EUA (Califórnia), onde morei por cerca de 5 anos.

Consolidei assim, a política de relacionamento interpessoal junto à EXXON Company, no segmento de plataformas de petróleo, em gestão e desenvolvimento gerencial do corpo de colaboradores, orgulhando-me de ter sido incluído também na área de pessoal.

Dessa vivência surgiu a elaboração do meu livro *Política de Capilarização na Distribuição do Gás Natural no Brasil*.

Fiz minha orientação e treinamento em Negociação Empresarial dentre inúmeros grupos de profissionais americanos, japoneses, franceses, ingleses, alemães e australianos.

Dessas inúmeras experiências adquiridas

em palestras sobre Negociação, surgiu meu livro *Técnicas de Negociações*, onde transmito aos interessados, o objetivo em serem os vencedores da negociação, e as regras básicas e técnicas adequadas sobre o tema.

Em 2009 concluí o MBA, isto é, mestrado de Administração de Negócios, na Fundação Getúlio Vargas – Rio, em Gerenciamento de Construção e Montagem na Indústria de Petróleo e Gás.

Bem...

A nossa alma, plena de vastidões e mistérios, anuncia surpresas temporárias em nossa existência, e assim é que, após aposentar-me, descobri um novo olhar em meu tempo livre, focalizando na pintura meu prazer na Arte, iniciativa esta, esboçada desde 1990, mas sempre adiada por força do trabalho. Agora, livre de compromissos, podia tentar a técnica do óleo sobre tela, e foi o que fiz, recebendo incentivos para expor meus trabalhos no Salão de Belas Artes do Clube Naval do Rio de Janeiro (desde 2014 até 2019), recebendo orgulhosamente alguns troféus por isso. Com grande alegria, pintei a presente tela que ornamenta nosso salão e representa a fachada do edifício da sede da Academia.

Orgulho-me em fazer parte do Livro dos Expositores nos Salões de Arte do Clube Naval (2015).

Sempre deixamos a parte mais bela, o mais importante para o final e não vou fugir à regra. Quero me referir aqui ao amor à minha família que é o alimento afetivo que sustenta a minha alma.

A lembrança firme e intelectual do meu pai Dr. Luiz B. Romeu, a doçura de minha mãe Astridane, a cumplicidade da minha irmã Lucia Romeu, o amor de minha esposa Sheila e a preciosidade de meus filhos e netos (Luiz Alberto, Luiz Henrique, Giselle, Raphael, André, Belle, Luiza, Pedro e Antônia).

Moro em Itaipu, mas atualmente descobri o encanto de Maricá, a lagoa com seu pôr de sol inigualável e onde ainda pratico remo num iole construído na década de 1970, entre suas gaiotas brancas, a natureza exuberante com sua magia de cores, minha chácara mágica com suas árvores, frutas, flores

e animais domésticos, o que me faz alternar o habitar entre a cidade e a mata. Agradeço a Deus esse caleidoscópio de cores e amores que me encanta a cada dia de minha vida.

E, como minha irmã me passou o vírus da poesia, termino minha fala com um poema de sua autoria que resume esse meu estado de espírito atual:

Poesia Embriaguez de Vida

*Beber em grandes goles este ar encantado!
Este sol ardente – esta lagoa de veludo
A beleza do céu tão azul – quase um pecado
Preciosa catedral de sagrado conteúdo*

*São duas frestas tão pequenas
Os olhos, que mal podem se abrir
Para o feixe de cores amenas
Do campo e das matas a florir*

*Tantos perfumes e sons –
E vida – e cores – e tons –
Meu Deus! E eu pequena criatura transitória
Neste Teu plano de glória!*

*Obrigado Senhor!
Por esta vida...
E tanto amor!*

Lucia Romeu

*Academia Fluminense de Letras, pintura a óleo de Luiz Romeu
presenteada à AFL no transcurso do seu Centenário, 2017.*

Foto: Murilo Lima



SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO JOAQUIM ELOY DUARTE DOS SANTOS 13 de maio de 2023



CLEBER FRANCISCO ALVES*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 12
Classe de Letras*

Excelentíssima Senhora Presidente da Academia Fluminense de Letras, Profa. Dra. Márcia Maria de Jesus Pessanha,

Excelentíssima Senhora Diana Iliescu, Secretária Municipal de Cultura de Petrópolis, aqui representando o Prefeito Municipal de Petrópolis Dr. Rubens Bomtempo,

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Niteroiense de Letras Sr. Paulo Roberto Cecchetti, na pessoa de quem saúdo os demais dirigentes de academias literárias e entidades congêneres que compõem a Mesa, e homenagem a cidade de Niterói, sede de nossa Academia Fluminense de Letras,

Prezados confrades e confreriras integrantes deste Egrégio Sodalício,

Caríssimo neoacadêmico, Escritor, Jornalista, Historiador, nosso querido Professor Joaquim Eloy Duarte dos Santos,

Senhoras e Senhores,

Saúdo, em particular, os familiares do Professor Eloy e os amigos da numerosa caravana que veio de Petrópolis, na manhã de hoje, especialmente para prestigiar com sua presença

esta solenidade.

Há quase cento e seis anos, precisamente no dia 22 de julho de 1917, um seletto grupo de intelectuais idealistas fundou a Academia Fluminense de Letras. Eles buscavam fomentar e difundir os valores artísticos e literários emanados do antigo Estado do Rio de Janeiro, com o intuito de fortalecer a identidade cultural e de preservar a memória de nossa terra. Ao longo de mais de um século, este sodalício tem procurado se desincumbir de sua missão, congregando alguns dos mais prestigiados nomes das Letras, das Ciências e das Artes em nosso Estado, o que lhe confere um lugar de destaque dentre as diversas entidades culturais da província fluminense.

Como tive oportunidade de ressaltar, no meu discurso de posse nesta Academia, em maio de 2018, desde sua origem, é marcante o propósito da instituição de configurar-se como uma entidade capaz de agregar não apenas os escritores da cidade de Niterói, antiga capital estadual, mas também de representantes de todo o território da Velha Província e, desde a fusão com a Guanabara, também da Cidade do Rio de Janeiro, nova capital estadual. Denota essa perspectiva a opção feita, logo nos primeiros anos, de fixar em 48 o número de cadeiras titulares, número esse que correspondia exatamente aos municípios existentes no ano de 1917, quando da criação da Academia. A ideia inicial era de que cada cadeira deveria ser ocupada por um representante do respectivo município. Porém, tal projeto acabou não se tornando viável. De qualquer sorte, é certo que, ao longo de sua história, a Academia sempre contou com integrantes provenientes das mais expressivas e diversas cidades fluminenses. A Cidade Imperial de Petrópolis teve dois de seus filhos entre os membros fundadores desta Academia: o notável médico Ernesto Paixão e o insigne poeta e jornalista Carlos Maul que, inclusive, chegou a exercer a presidência da agremiação por duas vezes. Outro eminente personagem da cultura petropolitana, embora não nativo da Cidade de Pedro, que integrou por longos anos, e teve participação ativa na vida acadêmica, foi o Professor Lourenço Luiz Lacombe, ex-diretor do Museu Imperial.

Pois bem! Buscando exatamente realçar a amplitude estadual desta agremiação literária, e reforçar a representatividade das mais variadas regiões fluminenses na sua composição, tendo em vista sua condição, reconhecida pela Lei

* *biografia dos autores nas págs. 121-124*



Busto do Poeta Carlos Mau na Praça São Judas Tadeu, em Petrópolis
Fonte: wikimapia.org

Estadual nº 7588, de 17 de Maio de 2017, que lhe atribuiu formalmente o *status* de “Academia de Letras Oficial do Estado do Rio de Janeiro”, nesta manhã, a Academia Fluminense de Letras recebe em seus quadros mais um escritor petropolitano: o Professor Joaquim Eloy Duarte dos Santos. Ele é certamente um dos mais expressivos vultos da cena literário-cultural-artística do Estado do Rio: trata-se, com certeza, do que se poderia chamar de um intelectual fluminense de “raiz”.

O Professor Eloy será, doravante, o titular da Cadeira número 26 da Classe de Letras, que tem como Patrono o Advogado, Jornalista, Magistrado e Escritor fluminense (nascido em Piraí!) Lúcio de Mendonça, que foi um dos idealizadores e fundador da Academia Brasileira de Letras.

É para mim uma grande honra – e enorme responsabilidade – ter sido convidado pelo novel acadêmico para proferir este discurso de sua recepção em nosso sodalício. Então, cumprindo o protocolo acadêmico, passo a lhes apresentar “quem é” o novo confrade: **Joaquim Eloy Duarte dos Santos** nasceu em Petrópolis, no dia 10 de fevereiro de 1935. É filho de dois fluminenses, ambos nascidos na antiga província. Seu pai era o niteroiense Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos III e sua mãe, a senhora Astrogilda Marques Duarte dos Santos (que era conhecida pelos amigos e familiares como “Maninha”), era natural de Bom Jardim (terra do poeta Júlio Salusse, fundador da Cadeira 28 de nossa academia!). O enlace de seus pais era, no caso de ambos, o segundo matrimônio, pois eram os dois viúvos. Por essa razão, Joaquim Eloy fez

parte de uma família numerosa: além dos quatro irmãos bilaterais, tinham eles um irmão unilateral materno e cinco irmãos unilaterais paternos.

Não se pode falar das origens de Joaquim Eloy, especialmente num momento como este de sua recepção em mais uma agremiação literária, sem destacar a figura de seu pai, o escritor Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos III, que foi o idealizador e um dos fundadores da centenária Academia Petropolitana de Letras, em 1922. Inspirando-se no pai, desde tenra idade, Joaquim Eloy nutria o sonho de tornar-se escritor. E seu pai estimulava-o a segui-lo nas trilhas da literatura. Nosso confrade guarda com carinho o livro de estórias que lhe foi presenteado pelo Sr. Heleodoro quando ele completou os 7 anos de idade. A partir dali, durante toda a infância, o presente certo de Natal para o menino era sempre um livro. Com tais estímulos, o propósito de tornar-se escritor não se dissipava. Quando tinha 13 anos, numa enquete da Revista Mensal *O Herói*, que perguntava aos infantes leitores o que desejavam “ser” na vida, Eloy não titubeou; enviou sua resposta para a redação da Revista dizendo: eu quero ser ESCRITOR! Ficou radiante quando viu publicada sua resposta, ilustrada com fotografia sua, na edição de outubro de 1948 da referida Revista...

Mas, para ser escritor, precisava antes se dedicar aos estudos. Precocemente, com apenas 6 anos, em 1941, começara a frequentar uma escola próxima de onde residia (no estabelecimento então denominado “Recanto dos Desvalidos”, que nós petropolitanos hoje conhecemos como “Terra Santa”, no bairro do Valparaíso). Ali foi alfabetizado até que, em 1943, seus pais o matricularam na 2ª série do primário no Grupo Escolar Estadual Dom Pedro II (cuja direção era exercida na época pela Prof. Germana Gouveia, uma das fundadoras da APL). Ali prosseguiu os estudos até 1945, quando concluiu o 4º ano primário. Nessa época não havia estabelecimento de ensino público gratuito, em Petrópolis, que ministrasse o curso ginásial (ou seja, a primeira etapa do que era considerado o ensino secundário na época). Apesar da numerosa família, e da modesta situação econômica de seu pai, que era funcionário da agência local dos Correios, todo esforço foi feito para assegurar a continuidade dos estudos do menino Eloy e de sua irmã um ano mais velha, a Gilda. Ainda quando cursavam juntos o 4º ano, no Grupo Escolar, eles iniciaram a



Grupo Escolar D. Pedro II, 1960.
Foto: Wikimapia

preparação para prestar o exame de “Admissão” ao Ginásio, contando com o apoio do primo, o excelente professor Décio Duarte Ennes. Tiveram êxito na aprovação e, em 1946, Eloy iniciou os estudos ginasiais no conceituado Colégio Pinto Ferreira, que depois viria a se tornar o Colégio São José. Já sua irmã, Gilda, foi estudar no tradicional Colégio Santa Isabel, das irmãs vicentinas.

Eloy era um aluno de aproveitamento apenas, digamos, “satisfatório”, enfrentando tropeços especialmente em matemática. Mas, como ele mesmo nos conta em seu livro autobiográfico, “dava para o gasto”. Porém, sua habilidade e talento para a escrita já despontava desde a infância e adolescência. Assim, com apenas 10 anos de idade, teve um texto de sua autoria (uma homenagem à Proclamação da República) publicado no jornal *Tribuna de Petrópolis* (os curiosos que quiserem saber os detalhes dessa ousada peripécia do menino poderão saber como conseguiu essa “façanha” lendo seu livro...). Alguns anos depois, em 1954, já como estudante universitário, prestes a completar 19 anos, conseguiu publicar um segundo texto de sua lavra, no mesmo jornal *Tribuna de Petrópolis*.

Voltando à infância de Joaquim Eloy, foi marcada por esse pendor artístico e de iniciação nos pendores literários. Boa parte de suas brincadeiras de criança consistia em “produzir” ele mesmo revistas de número único, escritas a mão, contando estórias, noticiando suas reportagens jornalísticas, exercitando sua veia humorística, tudo ilustrado com desenhos de sua autoria: aí desenvolvia seus talentos e sua inventiva criatividade e espirosidade. Dentre essas suas produções da infância e da adolescência estão as

revistas em quadrinhos *O Falcão* e *Fáisca* e o jornal *O Torpedo*, criado por ele especialmente para circular entre seus colegas estudantes do curso científico no Colégio São José. Dessa maneira alimentava também o sonho de vir um dia a se tornar jornalista. Esse jornalzinho teve repercussão que ultrapassou as montanhas petropolitanas e tornou-se destaque na coluna “Jornalistas do Amanhã”, do prestigioso jornal carioca da época, a *Tribuna da Imprensa* (para mais detalhes sobre como isso aconteceu, também os remeto ao livro). O menino Eloy teve até a ideia de inventar uma editora própria, que denominou de “Papeleria Liberdade”, e por ela chegou a publicar um livro de romance que escreveu, também de exemplar único, com 7 capítulos, produzido artesanalmente em folhas datilografadas e depois grampeadas.

Como ele mesmo nos conta, sua imaginação era “povoada de projetos”. Sempre criativo e em busca de sadio lazer e divertimento, ele passou o período da adolescência escrevendo, desenhando, lendo livros e revistas de estórias em quadrinhos e, nos finais de semana, marcava presença no Rique Marowil, na Praça da Liberdade, patinando e treinando para os jogos da equipe de hóquei sobre patins, de que fazia parte, modalidade essa que era sua paixão esportiva. (Mas, como o foco aqui é a carreira literária e artística, devo fazer o registro de que Joaquim Eloy muito escreveu na imprensa petropolitana assinando colunas sobre atividades esportivas, deixo suas peripécias como atleta para serem mais bem conhecidas com a leitura do seu livro biográfico!).

Em janeiro de 1952, prestes a completar 17 anos, Eloy conseguiu seu primeiro emprego: um amigo da família ofereceu uma oportunidade de trabalhar numa agência bancária, em regime de meio expediente, no turno da tarde, o que lhe permitiria conciliar o emprego com os estudos do segundo ano do ensino científico, que cursava no turno da manhã. No ano de 1953, concluiu o ensino secundário, no Colégio São José. Coincidentemente, naquele mesmo ano foi fundada a Faculdade Católica de Direito de Petrópolis, cujas atividades iniciar-se-iam em 1954. Seria esse o primeiro curso de nível superior da Cidade Imperial a se consolidar, já que duas décadas antes tentou-se a implantação de uma Universidade em Petrópolis que não chegou a



*Faculdades Católicas Petropolitanas,
início da década de 1960
Fonte: ucp.br*

lograr êxito. Joaquim Eloy nutria o desejo de cursar jornalismo, mas as circunstâncias concretas tornavam esse projeto praticamente impossível. Vislumbrou então uma oportunidade de ingressar num curso universitário, na própria cidade onde residia e cujas mensalidades poderia custear com o salário recebido de seu emprego no banco (permitam-me registrar que toda essa trajetória do nosso novo confrade tem grande semelhança com minha própria história pessoal...).

Aprovado nos exames vestibulares, em março de 1954 iniciou o curso de Bacharelado em Direito: estava – de certo modo – entrando para a história do ensino superior da cidade como integrante da primeira turma universitária de Petrópolis. Tendo ele completado 18 anos em 1953, alistara-se para prestar o serviço militar obrigatório. Assim, em meados de 1954, foi incorporado às fileiras do “Nosso Batalhão” (como carinhosamente é referido pelos petropolitanos), e por tal razão teve que se demitir do emprego no banco. Manteve-se, porém, matriculado no curso de Direito sendo que as regras vigentes na época permitiam o prosseguimento no curso, sem trancamento de matrícula, autorizando-se apenas a realização das provas e exames, com dispensa de frequência aos que estivessem prestando o serviço militar (situação rara entre jovens de 18/19 anos naquela época). Deve ser destacado que a experiência do serviço militar, embora obrigatório, era um “desejo” do jovem Joaquim Eloy. Ele, inclusive, poderia ter sido dispensado por apresentar uma

lesão ocular constatada no exame médico após o alistamento. Mas, procurando assistência médica e passando a usar os óculos que lhe foram prescritos, ele refez o exame médico e foi então aprovado para ingressar nas fileiras do glorioso e histórico Batalhão Dom Pedro II.

Terminado o período militar, e retomando com carga total os estudos na Faculdade de Direito, Joaquim Eloy precisava conseguir novamente um emprego que lhe gerasse o salário necessário ao custeio das mensalidades. Após um curto período trabalhando num escritório de administração de imóveis, em 1956 voltou a atuar como bancário, no Banco do Estado do Rio de Janeiro (o antigo BERJ). Permaneceu como funcionário do mesmo banco – que depois, com a fusão, tornou-se o BANERJ – até se aposentar, em 01 de abril de 1986. Durante a maior parte desse tempo como bancário, dedicou-se intensamente à atividade sindical, exercendo cargos e funções de direção, e chegou a alcançar a presidência do sindicato em julho de 1978.

Mas, retornando aos tempos de estudante universitário, um dos feitos do nosso novo confrade, em total sintonia com sua vocação de escritor e jornalista, e seu engajamento no movimento estudantil, foi a criação do jornal *Águila*, cujo título era uma homenagem ao patrono do recém-criado Diretório Acadêmico Rui Barbosa: esse foi o primeiro órgão da imprensa universitária em Petrópolis. Joaquim participou ainda, ativamente, da organização dos festejos que marcaram a formatura da pioneira turma da Faculdade de Direito, ocorridos no final de fevereiro de 1959 (tenho aqui em mãos o histórico convite que me foi dado por Dom José Veloso

*Universidade Católica de Petrópolis
Fonte: Diário de Petrópolis*



para guardar, como relíquia histórica!).

Embora formado bacharel, e habilitado profissionalmente a exercer a advocacia, Eloy não se sentiu vocacionado a enveredar pela carreira jurídica. Prosseguiu trabalhando como bancário até que, em 1964, já casado e pai de 3 filhas, decidiu preparar-se para o exercício do magistério e ingressou no curso superior de Licenciatura em História, na Universidade Católica de Petrópolis. Descobriu então, como ele mesmo conta, **que essa seria a sua verdadeira profissão, que lhe traria o título curricular que lhe é mais honroso: Joaquim Eloy é reconhecidamente, o PROFESSOR!** Em sua carreira no magistério, lecionou em diversas escolas e em cursos preparatórios. Em 1969, por indicação de um antigo mestre – o catedrático de História do Brasil, Prof. Fernando Miguel Pinho de Almeida – foi admitido no quadro docente da UCP. Lecionou várias cadeiras no curso de História e, depois, na Faculdade de Economia, Contabilidade e Ciências Administrativas, assim como no curso superior de Turismo, onde ministrava História de Petrópolis. Com o exercício do magistério, Eloy passou a aprofundar-se como estudioso e pesquisador, tornando-se um dos mais reconhecidos e prestigiados historiadores e memorialistas da Cidade de Petrópolis. Nesse tempo em que atuou como professor universitário, nos anos de 1983 e 1984, Eloy foi convidado a colaborar também na Rádio UCP envolvendo-se num projeto do MEC de divulgação das culturas dos Estados. Nessa época, ajudou a produzir 6 programas de uma série chamada “Coisas da Província” que tratavam de temas alusivos ao Estado do Rio de Janeiro versando, por exemplo, sobre o Folclore e o Teatro fluminenses; sobre a Educação, a Cultura, o Turismo e a Economia no Estado do Rio. Foram também produzidos programas sobre as cidades de Macaé, Nova Friburgo e Resende.

Com todas as responsabilidades de um chefe de família, já então pai de 4 filhos, para cujo sustento precisava manter um frenético e estafante ritmo de trabalho como bancário e como professor, isso não o impedia de participar ativamente da vida cultural e artística da cidade. Merece destaque, particularmente, o engajamento e dedicação de nosso novo confrade às artes cênicas. Ainda em 1956, quando estudante universitário, recebeu um desafiador convite para fazer parte da equipe que iria montar uma peça teatral, a ser encenada no recém-inaugurado

Teatro Santa Cecília. Esse projeto acabou dando origem ao mais importante grupo cênico da história de Petrópolis: o famoso TEP – Teatro Experimental Petropolitano, do qual Joaquim tornou-se integrante. Desde então, iniciou uma trajetória de muitas realizações no teatro. Um dos primeiros personagens que interpretou foi um padre. Para cumprir esse papel, precisava conseguir uma batina; lembrou-se então do seu ex-professor, o Padre Aguiar, figura marcante nos meios educacionais em Petrópolis. Conseguiu convencê-lo a emprestar-lhe uma de suas batinas



Entradas do Teatro Santa Cecília e da Escola de Música Santa Cecília

Fonte: Petrópolis em Cena

para usar na peça (essa história também está no livro... Pe. Aguiar havia sido professor de Eloy no ensino secundário e na Faculdade de Direito; eu também fui aluno dele na UCP!). A atuação no TEP foi uma grande escola onde desenvolveu e aprimorou seu talento para a oratória, já que era um rapaz muito tímido até então... Ao longo dos anos, Eloy dedicou-se intensamente ao TEP, tendo como principal parceiro e colaborador o grande amigo Walter Borges. Eloy desempenhou múltiplas funções no TEP: foi ator, diretor, produtor, relações públicas, além de haver passado por todos os cargos da Diretoria do grupo. As peças do TEP fizeram sucesso não apenas em Petrópolis, mas em várias outras cidades fluminenses, com participação marcante em festivais de teatro em Niterói, no Rio de Janeiro, em Campos e em Três Rios. Fez ainda apresentações teatrais nas cidades de Saquarema, Macaé, São José do Vale do Rio Preto, Angra dos Reis, Magé e Itaocara.

Foi exatamente no TEP que conheceu sua “cara-metade”, a D. Shirley Meirelles, com quem viria a se casar no dia 10 de fevereiro de 1962. Ela tem sido sua fiel companheira e apoiadora já por mais de 60 anos. A ela presto aqui minha singela

homenagem! Com D. Shirley, formou bela família de 4 filhos: Janine, Fernanda, Jaqueline e Sílvio Rafael, que lhes deram uma plêiade de netos e bisnetos.

Mas o engajamento na cena cultural e literária petropolitana não se restringiu ao TEP. Menciono primeiramente a Escola de Música Santa Cecília, entidade com a qual, segundo diz o próprio Eloy, possui uma longa relação que poderia mesmo ser tema de um romance, afirmando ainda que aquele local tem sido um de seus “lares preferidos” em toda sua existência... Além de colaborar em várias funções administrativas, exercendo inclusive a presidência, ali ministrou cursos e palestras, organizou eventos musicais e literários, produziu inumeráveis textos escritos sobre a entidade, suas realizações, seu passado glorioso e, sobretudo marcou presença nas suas duas salas de artes cênicas: o próprio Teatro Santa Cecília e o pequeno, mas aconchegante, Teatro Reynaldo Chaves.

Participou ainda da fundação e organização da seção de Petrópolis da UBT – União Brasileira de Trovadores, juntamente com seu irmão Paulo Santos, este último reconhecido como um exímio trovador. No ano de 1983 foi também um dos idealizadores e fundadores (juntamente com Paulo Cesar dos Santos, Fernando Costa e André Heidemann) da, então originariamente denominada, “Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni”, cujo objetivo era congregar especificamente os poetas da cidade. Essa entidade teve, depois, seu nome alterado para “Academia Brasileira de Poesia – Casa de Raul de Leoni”. Joaquim Eloy foi também, por um período, membro titular da Academia Petropolitana de Educação. Porém, é inequívoco que sua atuação de maior relevância no âmbito de sodalícios literários e culturais se dá em duas entidades: **no IHP – Instituto Histórico de Petrópolis e na APL – Academia Petropolitana de Letras.**

O ingresso de Joaquim Eloy no IHP decorreu de convite dos professores Paulo Machado da Costa e Silva e Lourenço Luís Lacombe. A participação de Eloy no Instituto Histórico tem sido intensa e fortemente empenhada ao longo de mais de cinco décadas: fez parte de várias diretorias, chegando a exercer a presidência por dois mandatos. Destaco sua atuação como membro representante da comissão julgadora do concurso que foi aberto em 1970, para escolha do Hino de Petrópolis (que será executado ao final

desta solenidade).

Mas, seguramente, a atuação mais relevante de Joaquim Eloy a ser destacada, ao menos no contexto de uma solenidade como esta – de sua posse numa agremiação literária – é sua fecunda, dedicada e operosa atuação no âmbito da Academia Petropolitana de Letras, da qual é o decano. Eleito, em 1968, para ocupar a Cadeira 33, cujo Patrono é o grande cientista (e primeiro prefeito de Petrópolis) Oswaldo Gonçalves Cruz, Joaquim Eloy tomou posse em memorável e prestigiada cerimônia realizada em 8 de março de



Casa Cláudio de Sousa, sede do Instituto Histórico e da Academia Petropolitana de Letras
Fonte: Visite Petrópolis

1969, tendo sido saudado pelo confrade Lourenço Luís Lacombe (que na época era também membro titular de nossa AFL). O discurso de posse foi publicado, tornando-se o primeiro livro de sua autoria publicado em gráfica. Ao longo desses 54 anos, sua contribuição para a história da APL tem sido extraordinária: Eloy é identificado em Petrópolis como sendo uma espécie de “personificação” da Academia Petropolitana de Letras. Seria impossível, no espaço de um discurso como este, relatar de modo adequado toda a atuação do novo confrade na entidade congênere de âmbito municipal em Petrópolis. Remeto-os, pois para as páginas do livro biográfico recém-lançado, aqui já tantas vezes mencionado. (eis aqui em minhas mãos esse precioso livro...)

Falando da trajetória de Joaquim Eloy na literatura, é preciso – ainda que brevemente – diante da longa extensão que já alcança este discurso, fazer referência a suas obras publicadas. O primeiro livro propriamente dito que escreveu é uma biografia sobre o grande estadista fluminense, o Presidente Nilo Peçanha. Foi escrito para participar de um concurso lançado pelo

Governo do Estado em 1967, para comemorar o Centenário de Nascimento do inolvidável político campista, que previa atribuir ao primeiro colocado, além de uma premiação em dinheiro, a publicação do livro pela Imprensa Oficial do Estado. Joaquim Eloy foi o vencedor do certame, sendo que a conquista teve grande repercussão não apenas em Petrópolis mas em todo o antigo Estado do Rio. Porém, inexplicavelmente, embora tenha ocorrido o pagamento do valor do prêmio, os organizadores não cumpriram a obrigação de publicar o livro, sob a alegação de que os originais teriam sido “perdidos”... Surpreendentemente, passados 20 anos, num festival de teatro ocorrido aqui em Niterói, em 1987, em que Eloy atuou como ator, após a apresentação da peça, uma pessoa veio lhe procurar perguntando se teria sido ele o vencedor do concurso do centenário de Nilo Peçanha. Era o escritor e jornalista Latour Aroeira, que – nessa conversa – disse-lhe que possuía guardado consigo um dos exemplares “originais” do livro (uma das versões originariamente datilografadas), por ter atuado na época assessorando a comissão do concurso. Finalmente conseguiu então resgatar o texto (já que nem o próprio Eloy tinha guardado consigo uma cópia), que veio – mais de 30 anos depois – por ocasião do sesquicentenário do nascimento de Nilo Peçanha, em 2017, a ser publicado por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de Campos, com apoio do governo local (este aqui, senhores, é um exemplar desse emblemático livro!).

A produção literária do nosso confrade é composta por centenas de ensaios, prefácios e orelhas de livros, artigos jornalísticos, e – pelo que pude computar ao ler seu currículo – foram ao todo 23 livros publicados. Destaco aqui, além dos dois livros já antes mencionados (biografias de Oswaldo Cruz e de Nilo Peçanha), a coleção de 3 volumes por ele denominada de *Os Três Heleodoros*. Cada qual trata da biografia de um dos seus três ancestrais homônimos; o primeiro deles foi publicado em 1981 e os outros dois em 2019. Publicou 2 livros com peças teatrais: *No Reino das Maravilhas* (2019, 10 peças de teatro infantil) e *A Ceia dos Canibais* (2019, 11 peças de teatro adulto); mais três livros de crônicas e de contos: *Desengavetando* (2019), *Uma estranha loja de discos* (2019) e *Memórias do Bicho Papão* (2019); e ainda três livros de poesia: *Poemas Estelíferos e Velhas Elegias* (1985), *Eterna Vida* (2019) e *Pingos* (2019, este exclusivo com trovas).

Além das produções literárias, Eloy se destaca também nas artes plásticas. É reconhecido seu trabalho como desenhista com a técnica conhecida como “bico de pena”. Tem produzido retratos de personalidades famosas, charges e caricaturas, muitas delas de refinado senso de humor, além de inúmeras gravuras que registram lugares e paisagens e fazem o resgate de imagens de importante prédios, a maioria deles já demolidos. Suas gravuras permitem imaginar como era a Petrópolis de antigamente e são uma verdadeira preciosidade.

Em reconhecimento a todo esse legado em prol da cultura, da história, das artes e das letras, Joaquim Eloy tem recebido várias homenagens, premiações, diplomas e condecorações dentre as quais destaco a outorga da Medalha Koeler (que é mais alta comenda municipal, outorgada pela Câmara de Petrópolis após rigoroso e restrito procedimento seletivo prévio realizado por um conselho externo, formado por representantes de entidades da sociedade civil, sem qualquer ingerência de ordem política, o que confere ainda mais distinção à honraria!) e o Prêmio Maestro Guerra Peixe (principal e disputado prêmio outorgado pelo órgão oficial de cultura do Município de Petrópolis), na categoria de “Notório Reconhecimento”, que lhe foi concedido no ano de 2022.

Pois bem, senhoras e senhores, especialmente meus caros amigos e amigas da Academia Fluminense de Letras: certamente estais agora tendo a oportunidade de conhecer melhor a brilhante e notável trajetória de Joaquim Eloy Duarte dos Santos! Este é o nosso novo confrade, que alcança agora – meritoriamente – o galardão da imortalidade acadêmica no âmbito estadual! Creio que todos concordarão que nosso sodalício restará ainda mais engrandecido por poder contar em suas fileiras com um intelectual e escritor desse quilate...

É pois, com imenso prazer que – em nome de todos vós, meus Ilustres Pares – tenho a honra de abrir-lhe as portas, meu caro Professor Joaquim Eloy Duarte dos Santos, deste nosso **Templo da Palavra**, da **Centenária Academia Fluminense de Letras** que é – como tem dito nosso eterno Presidente Waldenir de Bragança – a **Nau Capitânia da cultura fluminense!**

Seja muito bem-vindo à Academia Fluminense de Letras!

DISCURSO DE POSSE

13 de maio de 2023



JOAQUIM ELOY DUARTE DOS SANTOS*

Acadêmico Titular da Cadeira nº 26
Classe de Letras

Excelentíssimas Autoridades, que homenageio em saudação especial à Presidente da Academia Fluminense de Letras, Professora Doutora Márcia Maria de Jesus Pessanha;

Também especial carinho às confradeiras e confrades acadêmicos;

Aos familiares que tanto me honram nesta solenidade;

A Diana Iliescu, aqui representando o Poder Municipal de Petrópolis;

A quantos aqui se encontram comungando este momento de honra e glória, que compartilho com todos.

Uma inquietação preocupante vem tornando cada dia de nossas vidas em uma incógnita de cenário perigoso e apavorante.

Vivemos os mesmos ódios de outros tempos, vimos incorrendo nos mesmos paradigmas que levaram a Humanidade à beira do caos.

É preciso que ocorra um choque de ordem em pacificação dos ânimos e quebra das atitudes hostis.

O desabafo, sinto necessário, porque estamos aqui em confraternização e em clima de festa. Um acontecimento literário para acalmar as almas e de reflexão sobre
* *biografia dos autores nas págs. 121-124*

que trilhas a perseguir, conscientes de que a vida é um cadinho de surpresas. Quando pensamos que a Humanidade deitou sua evolução, no nascente século XXI, no caminho da paz, vira e mexe, entorna e acumula, vai e vem, e ela se nos apresenta como um imenso mistério.

Invariavelmente eterno mistério.

Ela, a vida, é o sabor multifacetado em sua imponderabilidade, que conduz a nós, criaturas humanas, ao destino de viver e acumular, rir e sofrer, ir e vir, caminhar, caminhar, caminhar. Ela é uma imensa e insondável trilha com destino final no nadir, no nada final derradeiro ao qual se expõe todo ser vivente nessa complicada esfera que chamamos Terra, que denominamos lar, que amamos e nela desejamos perpetuar nossa passagem.

Deitados ao bem, repudiando o mal, “perlustrando ínvias penedias e pêlagos profundos”, na afirmativa de um personagem que vivi no teatro, nós somos – estamos – à mercê das intempéries, ao sabor das ondas gigantescas que arremessam nossas pranchas ao desafio de enganar a morte em cada rodopio da conquista da ferocidade do mar inquieto e traiçoeiro.

Rodopiamos, nos salões enfeitados de ilusões, apertando as damas na sofreguidão das paixões, entrelaçando corpos no girar dos ritmos desprendidos por instrumentos musicais incentivados pelo abaritonado das vozes graves e cortantes modulações argentinas das sopranos.

Nós representamos a vida em todos os momentos e, para mim, em particular, que eu consiga saborear os manjares doces e festivos

Tempestade no Mar
Fonte: wikiart.org



dessa mágica refeição, de especial cardápio, hoje e agora, na egrégia Academia Fluminense de Letras.

E, por ser de letras, o menu a degustar, contém apenas “sopa de letrinhas”.

E quase afogado, nadando inseguro, agarrando letras que flutuam, meu pensamento evola pelo éter e sinto, imagino ver navios piratas, uma soma infinita de personagens depositados nos escaninhos da saudade, que me fazem gritar de infantilidade pura, tal criança perscrutadora e ávida pelo conhecimento que sabe irá constituir sua personalidade no futuro.

Estou eu aqui e agora, criança outra vez.

Apenas afirmo que minha felicidade está explicitada nas presenças de todos vocês, para honra de pertencimento à Academia Fluminense de Letras, que agradeço com lágrimas de afeição e muito carinho.

Ocorreu, alguns minutos atrás, o belo discurso proferido pelo meu querido confrade acadêmico – aqui e na Academia Petropolitana de Letras –, o admirável professor e defensor público Dr. Cleber Francisco Alves, representando a todos, dizendo com palavras do coração amigo belas referências ao meu caminhar pelas trilhas da literatura e de algumas artes, do meu viver na família e na sociedade, no orgulho santo de trilhar pelos caminhos do bem, da paz, da concórdia e do servir.

No palco da minha vida, o personagem de maior agrado tem sido o servir, estar sempre disposto a correr atrás dos problemas para dar-lhes o lenitivo da luta em favor da vitória justa. E da fraternidade. E do amor. Tudo cercado dos inevitáveis hurras para as vitórias, desencanto para as derrotas, arrependimento pelos momentos quando a razão fraqueja.

Grato, Dr. Cleber Francisco Alves, verdadeiro amigo, uma imensa criatura humana.

Agradecimento especial aos acadêmicos da Academia Fluminense de Letras, em especial apreço à literata Dra. Márcia Maria de Jesus Pessanha, presidente desta casa, pela inclusão da minha vida à vida de tão magnífica agremiação cultural, que tanto me honra como envaidece, que acrescenta e me agiganta no seio da prestigiosa comunidade de Letras e Artes de nosso Estado do Rio de Janeiro.

Um imenso abraço a todos que aqui me honram pelo apoio da presença e do tocante carinho que somente atinge os corações da mais pura amizade. Aos meus familiares, amigos, colegas, minha eterna gratidão.

Eterna, sim, pois não sou, agora, um “imortal”?!

A praxe, o comportamento que obedece às postulações associativas, traduzem o compromisso que norteia a boa gestão ou adesão. A informalidade é muito interessante, quando rompe os predicados em favor do lúdico e do compromisso, por vezes necessária para enternecer os corações e dizimar alguns conflitos.

Eis que a nossa Academia exige, estatutariamente, que o empossado faça o elogio do último ocupante da cadeira, Savio Soares de Sousa, e contemple algumas palavras à imortalidade do Patrono: Lúcio de Mendonça.



*Lúcio de Mendonça, Patrono da Cadeira nº 26
Fonte: correio.ims.com.br*

Lúcio de Mendonça foi um predestinado cidadão brasileiro, de extraordinária e meritória passagem pela vida, onde amalhou a simpatia e a admiração de seus coevos, deixando registrada magnífica obra intelectual, social, política.

É satisfação sem preço e de inestimável valor pessoal, a revelação de que meu Patrono, Lúcio de Mendonça, tenha conhecido e produzido trabalhos literários na companhia de meu avô paterno, Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos II, ambos assíduos colaboradores na imprensa da Corte do Rio de Janeiro com artigos, poemas, folhetins, companheiros das letras e amigos, paladinos republicanos, participantes dos

primeiros movimentos de expressão em favor da República, ao findar a Guerra do Paraguai, no ano de 1870.

Ambos apoiando a respeitada “Sociedade Brasileira Ensaíes Literários”, entidade criada em 1870, precursora da Academia Brasileira de Letras.

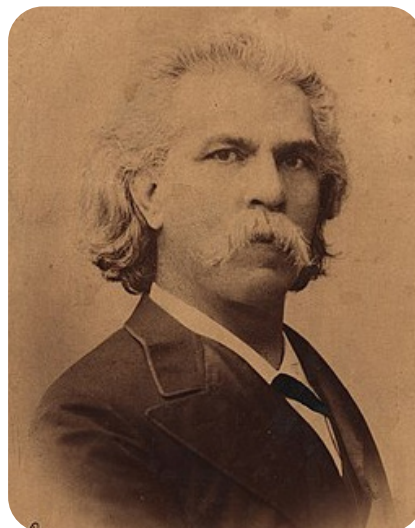
Ele – Lúcio de Mendonça – e seus amigos colaboraram para os periódicos *A República*, *Opinião Liberal*, *O País* e outros formadores de opinião.



Cabeçalhos jornais *A República* e *Opinião Liberal*
Fontes: Memória BN / Wikipedia

Um acontecimento importante ocorreu no ano de 1870, quando o jornal *Opinião Liberal*, na seção “Folhetim”, assinada por meu avô paterno, Joaquim Heleodoro II, noticiou que estava em preparo um álbum de “ovação a Carlos Gomes”, para ser entregue ao maestro, contendo mensagens, textos literários – em prosa e poesia –, desenhos, gravuras, partituras musicais, enfim, páginas seletas a serem criadas pela intelectualidade daqueles mágicos tempos. A ideia ganhou vulto, as adesões foram extraordinárias, surgiu a magnífica publicação de um exemplar apenas, com trabalhos – todos – em original. Completo, encadernado, o álbum foi entregue ao querido maestro. Nessa coletânea de preciosidades, Lúcio de Mendonça e seu irmão Salvador de Mendonça assinaram páginas bordadas de candentes versos e Joaquim Heleodoro II produziu o poema *A Pesca do Tucunaré*, com dedicatória especial. E, com eles, mais 70 escritores, pintores, gravadores, desenhistas, em documento admirável de criatividade e justas homenagens.

O exemplar único deste álbum está, hoje, incorporado à Coleção Carlos Gomes, no arquivo documental do Museu Imperial, disponibilizado para a pesquisa pública.



Maestro Antônio Carlos Gomes, 1836-1896
Foto: Archivio Storico Ricordi

Lúcio de Mendonça e meu avô paterno Joaquim Heleodoro II estiveram juntos, integrando o livro *Mosaico*, editado pela “Biblioteca Brasileira, empresa editora”, nº 2, agosto de 1873, contendo um rosário de poemas, contos, crônicas: de Joaquim Heleodoro II, o poema *N. S. de Nazaré*; de Lúcio de Mendonça, o romântico poema *Três Nomes*:

TRÊS NOMES

*Ela passou... a minh'alma
Guardou-lhe as formas tão belas
Como o lago azul no seio
Guarda do céu as estrelas,
E de seus lânguidos olhos
Que do céu trazem a cor,
Um olhar n'alma escreveu-me;
Um nome do céu – amor!
O amor, a alma d'alma
Tu não lho deste, meu Deus!
Nos róseos lábios divinos
Tinha o sorrir dos ateus!
Nos olhos, trazia o céu...
E o nada no coração!...
Minh'alma triste e sozinha
Chamou-se desilusão!
A desilusão – fantasma
Feito de sombra e de gelo...
Mas leva-me o pensamento
Aos dias de felicidade...
Ah minh'alma cismadora
Hoje se chama saudade!*

O patrono da cadeira que assumo a partir de agora, Lúcio de Mendonça, recebeu de meu antecessor, Sávio Soares de Sousa, quando este foi empossado nesta Cadeira nº 26, no dia 27 de setembro de 1963, belos elogios de respeito e valor, firmados por luminares da literatura brasileira. Transcrevo:

do Conde Afonso Celso: Lúcio era um meigo, um sentimental, incapaz de fazer mal a alguém;

de Agripino Grieco: Embora de temperamento sarcástico e pendor para as coisas cômicas e pitorescas, fosse polemizando, de um estilo cruelmente cirúrgico;

de Pedro Lessa: Seu coração era um tesouro inesgotável de afetos para os amigos, um espontâneo e profundo sentimento e uma grande virtude. A sua variada cultura jurídica, a pureza de seu caráter, a sua grande elevação moral e o próprio exaltado sentimento de independência haviam forçosamente de fazer dele o digno e eminente magistrado que foi;

de Aristides Lobo: Foi uma das mais raras proezas jornalísticas e uma das mais indomáveis independências de espírito.



Agripino Grieco
Fonte: Arquivo Nacional

Diante dos elogios de seus coevos, resumo sua vida e obra em biografia mínima quanto conclusiva de seu valor e prestígio, de sua conduta patriótica, seu zelo pelo estudo e aprimoramento cultural, que o elevou à magistratura com louvor e honra e, como escritor à produção de belíssima obra em prosa e verso, na oratória e nos textos jornalísticos. Amigo das maiores personalidades da literatura, de Machado de Assis em particular,

coube a Lúcio de Mendonça sugerir, apresentar, idealizar uma entidade congregacional dos amantes das Letras, daí surgindo, em 1897, a Academia Brasileira de Letras, na qual foi primeiro ocupante da Cadeira nº 11, patronímica do poeta Fagundes Varella. Foi peça fundamental na organização, regulamentação e providências primeiras que solidificaram a Academia Brasileira. É reconhecido e festejado como o "Pai da Academia".

Esteve sempre muito ligado ao não menos notável homem público, jornalista, escritor e poeta, seu brilhante e culto irmão Salvador de Mendonça.



Pirai Antiga
Fonte: facebook/gutoferreiradeoliveira

Lúcio Eugênio de Menezes e Vasconcellos Drummond Furtado de Mendonça foi o sexto filho do casal Salvador Furtado de Mendonça e Amália de Menezes Drummond. Nasceu a 10 de março de 1854, em Pirai, em nosso Estado, falecendo no Rio de Janeiro a 23 de novembro de 1909. Publicou as seguintes obras: poesia: *Névoas marítimas, Alvoradas, Visões do abismo, Vergastas, Canções de outono, Murmúrios e clamores*; crônicas: *O marido da adúltera*; contos: *Esboços e perfis*; memórias e fantasias: *Horas do bom tempo*; alguns textos de natureza política e de propaganda republicana.

Cabe, em relembrar de respeito e reconhecimento de valor, o fundador, primeiro ocupante da Cadeira nº 26 da Academia Fluminense, o poeta, jornalista e diplomata Ildefonso Falcão, de bela trajetória literária, com elogios de Agripino Grieco, o rascante e temido estudioso da literária pátria, que viu na obra poética de Ildefonso Falcão a íntima identidade



Acadêmico Sávio Soares de Sousa
Foto: Ulisses Franceschi

com o movimento da poesia parnasiana, em sua segunda fase.

E chego ao elogio acadêmico ao meu antecessor na Cadeira nº 26: Sávio Soares de Sousa, filho de Oswaldo Soares de Sousa e senhora Vespertina Reis Soares de Sousa.

Não o conheci, talvez tenhamos estado lado a lado, ombro a ombro em alguma esquina, sem qualquer aproximação. Daí, estar caminhando sob maior cautela para honrar a memória do ilustre poeta, escritor, homem público, trovador, tentando pintar, na tela mágica da imaginação, um bom e sereno perfil do ilustre literato.

E embasbaquei diante do resultado que me comoveu, ao constatar a aproximação cultural de nossas vidas profissionais, sociais, literárias, do gosto pela missão de servir, da paixão pela vida, com uma surpreendente identidade.

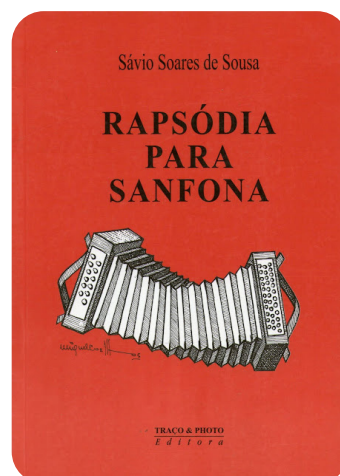
Desde o início, sempre com uma diferença de uma década em nossas datas de nascimento, completamos nossos estudos até a colação de grau em Direito. Para as despesas naturais dos cursos, ele, como eu, foi bancário. Sávio trocou a rotina da atividade em banco pelo exercício da profissão de advogado, até conseguir aprovação ao serviço público estadual na área do Ministério Público. E seguiu adiante com talento e honradez. Eu, fiquei pela atividade bancária, assumindo carreira no banco estadual de nosso Estado do Rio de Janeiro. Ambos, portanto, servidores de nossa unidade natal política.

Dentre meus sonhos maiores, não estava a atividade advocatícia ou a magistratura, mas

o desejo de ser professor alimentava minhas expectativas. Consegui, ao completar meu segundo curso universitário – o primeiro, foi Direito –, desde logo ingressando no quadro docente da Universidade Católica de Petrópolis, servindo à área de Ciências Humanas. Sávio saiu pelo Estado ensinando cidadania sob extrema competência. E honrando o múnus do magistério jurídico com seu saber.

Apreciadores das Letras e Artes, Sávio e eu começamos a publicar nas páginas da imprensa do Estado nossas criações poéticas, crônicas, ligeira ficção, enfim, mergulhamos decisivamente nos intrincados caminhos da literatura, um de nossos mais caros amores. Tornamo-nos poetas, buscamos as delícias da trova, editamos alguns livros – não tantos como os que escrevemos, porém, exemplos de nossa inspiração. Elaboramos teses, saímos, por aí, pendurados em nossa bagagem cultural, que se aprimorava sempre. Ele aqui e eu lá na serra, sem nunca conhecermos um ao outro e desconhecendo os trabalhos por nós produzidos. Ingressamos nas academias locais e ele ascendeu a esta notável instituição que é a nossa querida Academia Fluminense de Letras, na qual, aqui estou eu – irmão de ideal – firmando sua imortalidade ao trazê-lo, de volta em glória, ao sodalício que ele tanto honrou.

Escritor e poeta, acima de tantas outras conquistas de sua fina e primorosa inteligência, Sávio editou livros, começando pela poesia: 1955: *Mundo número dois*; 1963: *O salto e o paraquedas*; 1970: *Signo do sapo*; e em 2008, a seleção de suas trovas: *Rapsódia para sanfona*. No ano de 2006 publicou excelente ensaio sobre a trova: *Argumento de trovador e O canibal arrependido & outros discursos*, com uma seleta de seus pronunciamentos literários em várias instituições



e espaços de nosso Estado, abrindo o livro com o seu magnífico discurso de posse aqui na Academia Fluminense de Letras.

Sávio, em seus primeiros cantares poéticos, chamou a atenção pelo seu poder de síntese, temas universais bordados em poucos versos melodiosos e encantadores; bons de declamar, como *Décima sétima*, conversando com seu espelho:

DÉCIMA SÉTIMA

Espelho, devolve-me o retrato.

O retrato sem retoques.

O retrato bruto.

Eu mesmo – direita na direita – esquerda na esquerda.

O ar quase infantil do rosto onde começam a apontar as rugas.

Os olhos meio tristes, sem saber se devem denunciar a alma culpada.

Os dedos inquietos a brincar com alguns fios do bigode ralo.

E esta indecisão traduzida em todos os meus gestos.

E estas palavras tontas de inutilidade.

E esta incapacidade insuprível para fazer declarações de amor.

Trovador inspirado, estudioso da trova, brindou a cultura brasileira com o magnífico livro *Rapsódia para sanfona* e, em análise perfeita, seus ensaios contidos no livro *Argumento de Trovador*, o ombreiam aos principais estudiosos da encantadora quadra, como os saudosos Eno Teodoro Wanke e Aparício Fernandes, dos quais fomos amigos e colaboradores. A obra contém os preciosos ensaios: *Sete notas tem a trova*, *A trova e sua estrutura atômica*, *A estilística da trova*, *A trova e o tema* e *Filosofia para trovadores*.

Consciente sou que a infância é o compartimento da vida que serve à moldagem do indivíduo em sua caminhada. Como o menino Sávio, a mesma mocidade vivi na felicidade de família ajustada e educadora.

Na seara desta temática, minha especial atenção foi despertada quando Sávio revelou que muitas marchas do cancionero brasileiro, obedecem “ao metro obrigatório da trova”;

também assim muitas cançonetas italianas e de todo o mundo. Afirma Sávio:

“Dizem alguns antropólogos que o ser humano, antes de falar, cantou.”

Perfeita a observação. Cantou, falou, poetou e foi em frente criando as maravilhas dos vocábulos, os dialetos, as línguas...

Sávio citou em sua pesquisa algumas canções metrificadas com redondilhas, elevando aos ares a métrica trovadoresca no formoso encanto da notação musical, citando, *Peguei um ita no Norte* de Dorival Caymi; *Normalista*, de Nelson Gonçalves; *A Banda*, de Chico Buarque de Holanda; *Meu limão, meu limoeiro*, de Carlos Imperial e José Carlos Burle; e no melodioso cancionero italiano famosos compositores letraram seus cantares sob a métrica trovadoresca: *Torna a Surriento*, de Giancarlo Chiaramello; *Con te, soli, soli nella notte*, de Cesare Andrea Bixio; ah! e a bela *Marselhesa* de Claude Joseph Roger de Lisle, o hino da França.

Ouçamos cinco trovas de Sávio Soares de Souza, interpretadas com as melodias de composições musicais:

Torna a Surriento

Sete notas tem a trova

*Vide ó mare quant é bello,
do-re-mi-fa-sol-la-si...*

*Spira tantu sentimento,
A lição não é tão nova,*

*Comme tu qui a tienne mente,
mas foi assim que a aprendi*

Cascetato ó faie sunna.

Soli, soli nella notte

Remorsos... Vindo a velhice,

*Notte limpida e serena,
hão de amargar-me, bem sei,*

*Fatta aposta per amar
juras de amor que eu não disse*

*Siam rimasti senza cena
e cartas que não mandei.*

Stanchi siam di camminar.

A Banda

Do amor, a paixão tirana
Eu estava à toa na vida
Vive extremos desiguais:
o meu amor me chamou
 – primeiro, uma guerra insana;
pra ver a banda passar
 – depois, o tédio da paz!
cantando coisas de amor.

Meu limão, meu limoeiro

Comigo me desentendo
Meu limão, meu limoeiro,
e, em meu delírio sem fim,
meu pé de jacarandá,
quanto mais na alma te prendo,
uma vez tindolelê,
mais fico fora de mim
outra vez, tindolalá.

Marselhesa

Entre aldeias inventadas
Allons enfant de la patrie
e curvas de céu profundo,
le Jour de gloire est arrivé
vamos, amor, de mãos dadas.
contre nous de la tyrannie
Pelos caminhos do mundo.
L'antendart sanglant est levé...

Menino sempre, beirando o centenário, sem perder jovialidade, caminhando pelas saborosas e perigosas trilhas do humor, de sensível luminosidade, descobri nas sendas da pesquisa, uma outra aproximação fantástica entre nós: Sávio declarou em entrevista, sob o título confessional *Heranças da meninice*, a demonstrar a criança encravada no juvenil peito: “Sou, até hoje, um colecionador de histórias em quadrinhos”. Ah! – novo encontro em mesma trilha – completando o confrade: “No que tange ao herói Flash Gordon, criação do americano Alex Raymond, prezo-me de conservar entre as minhas heranças da meninice, não apenas seus outros heróis, X9, o detetive

secreto e Jim das Selvas, além de uma cópia cinematográfica de seus seriados de cinema”.

Aí está o irmão de gosto, de sensibilidade, de aproximação cultural, sob a saudade das nossas meninices e a magia daqueles idos das histórias em quadrinhos, dos seriados do cinema, da paixão pelos desenhos memoráveis de Alex Raymond e tantos outros que amávamos e cultuávamos. Ele e eu vivíamos debruçados nos gibis que tanto encantavam como nos levavam aos mistérios da ficção científica, ingênua quanto emocionante e que foram as nossas primeiras viagens pelo cosmos da imaginação.



Capa da Revista Flash Gordon Strange Adventures
 Fonte: wikipedia.org

Minha filha, Janine Meirelles dos Santos Ramos acaba de editar um livro contendo entrevista na qual ela registra a minha passagem, com quase todas as estrepolias, pela vida que não para, não estanca, segue sempre. Em uma das passagens está a recordação de minha meninice anelada e segura no conteúdo da literatura ilustrada dos quadrinhos e uma reprodução de um cartaz do seriado *Flash Gordon*, a mesma paixão de Sávio. E os pernósticos não me venham dizer que quadrinhos não é cultura, que é arte menor... Ah! textos com desenhos conjugados, obras de grandes artistas, é perene arte! Sim, senhor! Sim, senhora!

Uma outra identidade nossa prendeu-se ao cinema, que sempre amamos e prestigiamos; à oratória, que gastamos à vontade nas tertúlias literárias e até algumas de conotações políticas;

distantes e juntos somamos nossos gostos pelo colecionismo do nível amador, acumuladores de lembranças caras e amadas.

Sávio recebeu muitas honrarias diante de sua extraordinária vida nas searas da cultura; foi profissional atento, diligente, justo, excelente e admirada criatura humana plena do dom de servir, ajudar, embarcar nas viaturas da serenidade quanto espremido nos corredores dos bólidos faiscentes que rompem a tranquilidade da vida.

Meritório feito de Sávio Soares de Sousa foi a homenagem ao "Intelectual do Ano de 2013", a ele conferida pelo Grupo Mônaco de Cultura, na Livraria Ideal do bibliógrafo Carlos Mônaco e professor Anibal Bragança. Na ocasião, disse Sávio: "Eu sou um amante do livro e desde pequeno que nasci com um livro".

Sua afirmativa remete meu pensamento ao meu grande amigo Latour Arueira, que foi claro, incisivo, perfeito, em um trecho da sábia oração proferida no magno dia de sua posse no Cenáculo Fluminense de História e Letras: "Quando somos homenageados, referidos, distinguidos, os atos de nossa vida, praticados pelos caminhos do tempo, crescem, rebrilham, refulgem, reluzem. E, até, acreditamos ouvir os ecos das coisas que não voltam mais".

É imensa a honra santa que me invade na sucessão acadêmica de Sávio Soares de Sousa, tanto e tanto identificado ao meu estilo de ser e viver; ao que fui, ao que sou, ambos na seara da literatura em constante busca do aprimoramento do saber.

Sávio poeta, trovador, escritor, tribuno, profissional do Direito, cinéfilo, paladino do magistério, tantas virtudes, sábios conhecimentos, cumprido seu dever, vencida a vida, ingressa na imortalidade da boa lembrança, inspirando este que aqui se apresenta para substituí-lo. Sim, porque não se trata de uma sucessão, mas de uma continuidade de propósitos, de realizações, numa identidade só explicável pelas imponderabilidades que constituem a passagem nossa pelo planeta.

Por fim, para encerrar essa confissão de parceria com Sávio, fica o registro de que ele nasceu em Niterói, em 18 de setembro de 1924. A afinidade com ele, no particular, está na minha ancestralidade paterna: meu avô nasceu carioca enquanto meu pai, nasceu em Niterói, neste mágico e luminoso recanto de nosso Estado,

sítio das andanças de suas vidas no ir-e-vir nas embarcações singrando a baía de Guanabara. Meu avô, morador de Niterói, viu nela nascerem seus filhos em tempos difíceis, com toda a família obrigada a deslocar-se para Petrópolis, eis que a "Cidade de Pedro" tornou-se a capital do Rio de Janeiro (1894-1903). Meu avô, funcionário estadual, subiu a serra, nela instalando a família.

Meu pai, Joaquim Heleodoro III manifestava sempre seu carinho e amor por Niterói e, em seu livro *Gaivotas* dedicou um poema ao seu amado rincão natal:

Niterói

*Meu formoso Niterói,
meu lindo berço dourado,
invicto, forte, herói,
oh! meu berço idolatrado!*

*Tua fronte engrinaldada,
de tantos louros reais,
és a Atenas cobiçada
pelos intelectuais.*

*Em teu seio sempre amado,
brota a fina flor da gente,
riso puro, adocicado
nos dás sempre reverente.*

*Oh! meu berço tão formoso!
Oh! meu Niterói querido!
Recebe deste saudoso
filho, um preito agradecido!*

Assim, senhoras e senhores, eis-me de volta às origens santas, Niterói, de meus queridos ascendentes, para elevar-me à honrosa investidura de acadêmico da Academia Fluminense de Letras. O filho à casa torna. E chego sob extrema felicidade porque Niterói está e esteve sempre em meu coração, por trabalhar no Banco Estadual, com sede aqui e para onde vinha sempre cumprir obrigações profissionais e porque para Niterói vieram residir minhas irmãs, Ruth e Marilda, e niteroienses são os filhos de Marilda.

Sávio, irmão de ideais, receba o meu imenso

abraço de saudação e acredite, meu esforço para honrar seu nome será contínuo e diuturno, diante da admiração pelo seu caminhar, que o tornou verdadeiramente imortal, porque a lembrança de seus feitos não cessará por aqui, mas florescerá sempre na memória e no amor que soube esparzir junto a seus irmãos e irmãs do ideal máximo da vida que é a cultura, em especial, aquele segmento que fala do amor, da solidariedade, do viver para servir.

Sávio Soares de Sousa deixou-nos, em sua última peregrinação pela vida, no dia 25 de maio de 2022.

Deixou saudade imensa e as palmas calorosas, elevadas aos céus da eternidade, logo em seguida, sejam música do agradecimento nosso pelo seu existir inesquecível, imortal poeta Sávio Soares de Sousa!

Palmas para Sávio! Palmas de pé!

*“No espelho das cotovias
devias mirar-te, irmão:
sobrevoam serranias,
mas fazem ninhos no chão...”
Sávio Soares de Souza*

Niterói Antiga
Fonte: wikiart.orgniteroi.rj.gov.br



SAUDAÇÃO À ACADÊMICA LUIZA SASSI

27 de maio de 2023



MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA*
*Acadêmica Titular da Cadeira nº 6
Classe de Letras*

“Sou como você me vê. Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar.”
(Clarice Lispector)

Soube que uma das leituras preferidas de Luiza Sassi é *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Texto bastante alusivo a uma leitora que aprecia uma obra literária.

Ao ingressar em uma Academia de Letras importa ressaltar o valor da leitura em nossa vivência sociocultural. E Luiza Sassi, que hoje vem ocupar a Cadeira nº 25, patronímica de Júlio Maria (padre) e tendo como seu último ocupante Roberto dos Santos Almeida (Fernando de Aviz) é um paradigma da profissional envolvida com as Letras, a Educação e a Cultura, em geral. Transita nesses espaços com eficiência, entusiasmo, sempre com um sorriso nos lábios. E mais uma vez cito Clarice: “Todas as manhãs ela deixa os sonhos na cama, acorda e põe sua roupa de viver”.

Graduada em Pedagogia pela UFF; graduada em Psicologia e com mestrado em Psicologia Clínica pela PUC/ RJ; doutoranda do Programa de Políticas da UNESA, com a tese sobre *Avaliação e Gestão no Município de Niterói – uma relação a ser*

desvelada, e vários cursos de especialização nas áreas de Educação, Psicologia, Gestão Empresarial, com destaque para a especialização em Educação Infantil, tendo realizado mais de 8 formações internacionais em “Reggio Children”.

Cumpra esclarecer que Luiza Sassi é a fundadora da Rede Reggio Rio, uma rede de estudos para educadores sobre a infância. Escritora de Literatura Infantil, editora da *Revista Grão – semeando educação*, e vários artigos educacionais: *Gestão de Professores na Escola Pública*, In: *Presença Pedagógica*; *O direito de aprendizagem e o dever de ensinar*, In: Encontro Municipal de Avaliação Educacional, Políticas Públicas, Participação e Resistência; *A Abordagem de Reggio Emilio*.

Associações, e instituições literárias a que pertence: Cenáculo Fluminense de História e Letras; membro do Grupo Somos Empreendedoras; diretora do Departamento de Ensino Fundamental e Médio do SINEPE-Rio; membro da Associação Brasileira de Educação; produtora e criadora do Encontro de Educação & Cultura de Niterói; membro do Conselho Municipal de Educação; diretora do Instituto GayLussac.

Premiações, com destaque para as que se destinam à sua atuação como diretora do Gay Lussac: em 2016, Leading Education Cognita; em 2017, em Cognita Education Award; em 2018, Award Distinctive for Parents – América Latina; em 2018, Cognita Most Support Parents.

O número de premiações faz jus à competência profissional de Luiza, reconhecida internacionalmente, associada à sua filosofia

*Sede da Divisão de Psicologia Aplicada da PUC-Rio
Fonte: Núcleo de Memória / PUC-Rio*





Instituto GayLussac
Fonte: Gay Lussac

humanista, de como uma escola deve desenvolver valores humanos e enfatiza que “empatia, compaixão e respeito devem ser também ensinados na escola, porque não se educa só com palavras, mas sobretudo com exemplos e atitudes”. E o que mais me encantou/encanta na trajetória profissional de Luiza é que essa mesma atitude de valorização da educação ela aplica e pratica tanto na escola particular quanto na escola pública, como tive oportunidade de comprovar na Escola Municipal Lúcia Maria Silveira Rocha, em Jurujuba, que ela presidia à época, quando fui fazer uma palestra com a Professora Iolanda Oliveira sobre Relações Raciais e Educação, para os professores da referida escola. E vi a mesma Luiza, com o mesmo procedimento, em dois espaços escolares distintos.

“Dizem que a vida é para quem sabe viver, mas ninguém nasce pronto. A vida é para quem é corajoso o suficiente para se arriscar e humilde o bastante para aprender.” (Clarice Lispector)

E o nome Luiza já carrega essa definição em sua origem que apresenta duas versões, mas que no final convergem para o que Luiza representa em nosso contexto. Nome de origem germânica que significa “combatente gloriosa”, variante de Louisa, variação de Louise, que vem do germânico hludwig, significando “renomado guerreiro”. Outra versão diz que o nome Luiza foi criado a partir da palavra francesa Louise que significa famosa guerreira. Isso faz com que o nome Luiza simbolize força, determinação e coragem.

E as características do nome também se incorporam perfeitamente em Luiza: dedicada ao lar, ao marido Fabrício Franco Sassi, que ela chama de “amor mio”, e sendo a “mama” amorosa,

dedicada aos filhos Victor, engenheiro e Giovanna, atriz, atualmente atuando, em São Paulo, na peça *Kafka e a boneca*, em que ela representa Dora, o último amor de Kafka. Filha de Maria Luiza Rangel Pinto e de Abdel Kader Nogueira Pinto. E com os sogros italianos, a Itália se faz presente na família. Luiza gosta de dar e receber afeto. “Amor tem que encher o coração, a casa, a alma.”

Generosidade, equilíbrio e harmonia estão no centro de sua personalidade. Sua acolhida ao Cenáculo na Sala Reggio de Cultura, na Lemos Cunha e depois na Scuola Italiana de Cultura, na Avenida Presidente Roosevelt, em São Francisco, bem demonstram seu espírito acolhedor e solidário.

“Ela acreditava em anjos e, porque acreditava, eles existiam”. E assim, Luiza, como educadora, acreditava, acredita que o sentido de civismo pode ser estimulado envolvendo a criança em causas sociais. E como foi dito na epígrafe, que ela pode ser leve como a brisa ou forte como uma ventania, ao sentir situações de injustiça e de preconceitos no sistema educacional, “Porque há direito ao grito. Então eu grito”.

Escola Municipal Lucia Maria Silveira Rocha
Fonte: Divulgação



E é essa Luiza Cristina Rangel Pinto Sassi, amálgama de Educação, Literatura, Psicologia, via-láctea cultural, que hoje recebemos na Centenária Academia Fluminense de Letras.

Luiza, chegou a sua Hora de Estrela em nossa instituição.

Seja bem-vinda!

DISCURSO DE POSSE

27 de maio de 2023



LUIZA SASSI*

*Acadêmica Titular da Cadeira nº 25
Classe de Letras*

Senhora Presidente da Academia Fluminense de Letras Marcia Pessanha, nosso Vice-Presidente Sr. Eduardo Klausner.

Ilustres membros da mesa.

Senhoras acadêmicas e senhores acadêmicos.

Minhas senhoras, meus senhores, minha querida família e meus amados amigos

Será possível dizer?

Será possível discursar?

Aprendi ainda jovem, estudando psicanálise freudiana, que o discurso é impossibilidade, porque a falta está presente na enunciação.

Para Lacan o discurso é um modo de relacionamento social constituído por uma estrutura sem palavras, que se revela numa cadeia de significante.

O que tudo isso quer dizer? Que estou diante de uma missão quase impossível. Não seria possível discursar?

Então, vou fingir me comunicar, porque sei que tudo que tentar enunciar em palavras, indicará a falta do quanto meu coração deseja expressar. Para agradecer, lançarei mão das hipérboles como força de motivação para transmitir minha enorme

gratidão.

Já que está selado meu destino faltoso das palavras, evocarei as vozes da literatura para enriquecer e iluminar aquilo que essa casa, a ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS, tem como causa – o amor às letras e aos textos.

Aqui temos pessoas semelhantes à vela, que se consomem para alumiar o caminho alheio, diz Padre Antonio Vieira. E uma dessas pessoas é a minha querida madrinha Márcia Pessanha, que depositou luz nas suas palavras a meu respeito. Sua enunciação brilhou meu simples caminhar dizendo com Guimarães Rosa que o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. Estar nessa casa ocupando a Cadeira número 25, certamente me faz feliz porque estou aqui para continuar a caminhar e, conseqüentemente, aprender com vocês. Nessa travessia “passei a minha vida tentando corrigir os erros que cometi na minha ânsia de acertar. Ao tentar corrigir um erro, eu cometia outro. Sou uma culpada inocente”. Junto com Clarice Lispector.

Caminhos se cruzam e, sendo católica, não seria coincidência ter um padre como patrono. Uma importante personalidade que se chamava JÚLIO CESAR DE MORAES CARNEIRO, nascido em Angra dos Reis, aos 20 de agosto de 1850, filho de Firmino Júlio de Moraes Carneiro e de Maria Angélica de Moraes Carneiro. Seu perfil era descrito como um homem de estatura baixa, moreno, traços grossos, olhar brilhante, discurso fácil, estudioso, alegre, inteligente. Graduou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo no ano

*Padre Julio Maria, Patrono da Cadeira nº 25
Fonte: A12*



de 1875 e destacou-se na sua tese de doutorado sustentando sua veia socialista. Há controvérsias sobre essa perspectiva, visto que sua tese abordava matéria de direito mercantil. Foi promotor público em Minas Gerais e atuou como advogado. Exerceu o jornalismo na imprensa acadêmica em São Paulo e no *Correio Fluminense*. Casou-se duas vezes e duas vezes enviuvou. Ingressou para a vida política e sempre esteve disposto a lutar pelo bem público. Participou como membro do Partido Conservador e apresentava um perfil político conservador e democrata e contribuiu para as bases de uma república eticamente saudável.

Infelizmente Júlio Cesar apresentava algumas preocupações descabidas porque externava dúvidas com a solução que a lei do ventre livre poderia trazer para a economia. Ou seja, não sabia dosar o sentimento da humana e justa liberdade para os negros com a humana repercussão da abolição na vida econômica e social. Assim, mais de um século depois, podemos dizer que o Brasil carrega a vergonha de ter sido uns dos últimos países do mundo a acabar com a escravidão. Ascendeu à magistratura e fragilizou-se no exercício da Justiça quando entendeu à luz de Salomão que “quando se houver de praticar um ato de justiça, é preciso escolher dentre três injustiças a menor”. E assim, desiludido com a vida se aproxima do criador e se converte ao hábito, se tornando PADRE JÚLIO CÉSAR e convenceu-se que a vida terrena era pequena e passou a pregar pelos diferentes estados do Brasil. Em seu livro *Pensamentos e Reflexões*, Padre Júlio Maria anuncia: “Deus é infinitamente grande e infinitamente pequeno: encontramos-lo num grão de areia e no maior astro.” Fiel ao evangelho, Júlio César aos 41 anos faleceu mantendo-se fiel ao clero nacional por quase duas décadas. Criou uma extensa bibliografia ao longo de sua curta vida e assim, a Cadeira 25 teve posteriormente 5 (cinco ocupantes).

J. Demorais, convertido à fé cristã, tinha escritos na área da Filosofia Universal e participou da Nova Classificação das Ciências. Faleceu de modo precoce aos 28 anos.

Em seguida Nelson Rangel, reconhecido como um destacado promotor de Justiça de Cabo Frio.

O terceiro titular desta cadeira foi o professor de Português do colégio Liceu Nilo Peçanha, filólogo e estudioso do folclore, exímio

pianista, Newton Perissé Duarte que faleceu em 1973. Em sequência, o professor Lourenço Luis Lacombe, importante referência educacional no país. E por fim, o antecessor Professor Roberto dos Santos Almeida, no qual eu me debruço para registrar a honra de vir ocupar a sua cadeira, pela segunda vez em minha vida.

Professor Roberto era uma personalidade marcante, forte, inteligentíssimo, doce, estudioso da literatura e da biografia do poeta Fernando Pessoa. Possuía uma oratória incrível e foi um ícone na cidade de Niterói como educador. Com uma capacidade mnemônica fabulosa, sempre expressava citações literárias que distribuía em todas as conversas. Estar ao seu lado no cotidiano da vida era ter a garantia de sempre ter algo a aprender. Não havia quem tivesse sido seu aluno que não fizesse referências às suas aulas magnânimas de genética e biologia.



Newton Perissé Duarte

Fonte: autorescampistas.blogspot.com

Fundou o Instituto GayLussac, uma das escolas mais tradicionais em nossa cidade, rumo aos 70 anos de existência, junto ao Professor Renato Garcia de Freitas e o Professor Manoel Francisco dos Santos Neto e ensinou de modo emblemático, que não se educava só com palavras, mas sobretudo com exemplos e atitudes (frase de seu amigo Professor Renato Garcia de Freitas). É isso! Quem teve o privilégio de conviver com Professor Roberto podia observar e aprender com seu modo de ser, modo de transitar pelas



Luiza Sassi, Julio Cezar Vanni e Roberto dos Santos Almeida em solenidade do Cenáculo Fluminense de História e Letras
Foto: Alberto Araújo

instituições culturais da cidade que tanto valorizava e das quais foi membro atuante.

Aprendi com Professor Roberto a olhar para o futuro da educação. Sempre criou projetos inovadores educacionais. Nos estimulava a ter um pensamento disruptivo e criativo. Ele, com um olhar aguçado, reencantava a educação. Contribuiu para a educação pública de Niterói na ocasião em que foi Secretário Municipal de Educação e também com a cadeira de professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Educação e Cultura estavam sempre presentes na sua vida. Participava de modo ativo da vida cultural da cidade de Niterói, transitando nas Academias literárias da cidade – a Fluminense, a Niteroiense e o Cenáculo de Histórias e Letras. Era verdadeiramente um profundo conhecedor da literatura de Pessoa. E como tal, Professor Roberto também possuía pseudônimos e escrevia suas lindas e interessantes crônicas no jornal *O Fluminense*, como Fernando de Aviz. Apresentava um humor inteligente e costumava dizer que “escrevia para fora” diante de tantas demandas de produções de discursos.

Apresentou-me ao Julio Vanni, querido amigo promotor das instituições culturais da cidade de Niterói, e também ao Cénaculo Fluminense de História e Letras, instituição secular em que ocupei a Cadeira 38, Patronímica de

Gonçalves Dias que me ensinou que “a vida é luta renhida, que aos fracos abate e aos fortes só faz exaltar” – um lema de vida.

Declaro aqui a minha paixão herdada pelo Professor Roberto em relação à Cultura e à Educação. Perspectivas de vida que constituem o ser humano com a força da transformação, porque nas letras de Freire aprendemos que “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. E para as pessoas, eu quero reverenciar dois grupos que fazem parte do cotidiano da minha vida – os professores e os artistas – conviver com eles me traz a certeza

de que devemos viver e lutar para nos humanizar.

E hoje as minhas causas são o meu modo de vida porque Mario de Andrade nos ensina que o tempo foge e eu também contei meus anos, “e não tenho tempo para lidar com mediocridades, não quero reuniões em que desfilam egos inflamados. Inquieto-me com invejosos cobiçando o lugar de quem eles admiram. Detesto pessoas que não debatem conteúdos, mas apenas rótulos. Quero viver ao lado de gente que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita antes da hora, não foge de sua mortalidade”.

Estou aqui, junto a todos vocês nessa encantadora Academia, rodeada pela minha família e amigos queridos porque, ainda com Mario de Andrade: só quero caminhar perto de coisas e pessoas de verdade. Apenas o essencial faz a vida valer a pena. E para mim, basta o essencial. Porque com Oswaldo Montenegro, por vocês estarem aqui comigo, parte de mim é amor, e a outra também.

Muito obrigada por estarem aqui comigo!

*“Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu.”
Rubem Alves*

SAUDAÇÃO PELOS 106 ANOS DA AFL EXALTAÇÃO À FALERJ

Solenidade Comemorativa do

106º Aniversário da AFL

XVIII Jornada Sociocultural da FALERJ

22 de julho de 2023



CÉLIO ERTHAL ROCHA*

Acadêmico Titular da Cadeira nº 27
Classe de Letras

Exma. Sra. Márcia Pessanha, que preside esta solenidade

Exmo. Sr. Antônio Torres, destacado membro da Academia Brasileira de Letras

Exmo. Sr. Waldenir de Bragança, ex-presidente da AFL, através do qual saúdo a todos os acadêmicos e intelectuais presentes

Minhas senhoras e meus senhores

Certa vez, um jornalista perguntou ao grande memorialista Pedro Nava qual a razão de sua vocação para ocupar-se, com tanto empenho, de fatos pretéritos, no seu clássico *Baú de Ossos*. De pronto, respondeu: “É porque só existe passado”. Com efeito, o presente não passa de um átimo de segundo, que, de imediato, se transforma em passado, ao passo que o futuro não existe ainda.

É por essa razão que aqui estamos, comemorando acontecimentos pretéritos, como o 106º aniversário da Academia Fluminense de Letras, fundada em 22/07/1917, e o 6º aniversário

da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro, fundada em 22/07/2017 – dentro do 1º Congresso Brasileiro de Academias de Letras, comemorativo do Centenário da AFL.

A FALERJ é resultado de um ideal de parceria e intercâmbio entre as Academias de Letras fluminenses. Nos últimos 6 anos, vem crescendo e expandindo-se, buscando realizar os objetivos para os quais foi criada, em especial, de congregar, estimular e apoiar as Academias de Letras sediadas no Estado do Rio de Janeiro, consolidando a união em torno do pensamento acadêmico.

A AFL foi fundada por grupo de intelectuais que idealizaram uma instituição nos moldes da vetusta Academia Francesa, tendo entre seus objetivos estimular e promover a cultura; valorizar o Idioma e as Letras Nacionais; preservar a memória dos vultos que se distinguiram na história literária, em especial do Estado do Rio; apoiar iniciativas literárias e artísticas; fomentar a cooperação e o intercâmbio entre entidades congêneres.

Foi seu presidente provisório Epaminondas de Carvalho, sucedido pelos primeiros presidentes oficiais Homero Pinho (ascendente de nosso confrade Eduardo Klausner) e Joaquim Peixoto. Nos primeiros anos, se reuniu em diferentes locais. Em 1927, lhe foi finalmente concedida a sede própria e permanente – este belíssimo espaço onde nos encontramos hoje – graças à Lei 2.162, assinada pelo Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Feliciano Pires de Abreu Sodré, na qual instalou-se oficialmente em 1935 após a inauguração do prédio, na gestão do Almirante Ary Parreiras.



Durante a gloriosa trajetória da Academia Fluminense de Letras, muitas figuras se destacaram em seu engrandecimento. Pela limitação de tempo, citarei apenas algumas:

* *biografia dos autores nas págs. 121-124*



Registro oficial do término da construção do prédio da Academia e da Biblioteca.

Fonte: Cultura Niterói

Nelson Lacerda Nogueira, professor e jornalista, foi um dos nossos Fundadores, ocupando a secretaria da instituição por várias décadas, merecendo o título de Secretário Perpétuo; foi autor do primeiro histórico da memória da instituição e seu incansável baluarte.

Albertina Fortuna Barros, 1ª mulher a ingressar na AFL. Consagrada professora e filóloga, autoridade incontestável no ensino do Latim e do Português, tornou-se acadêmica em 1959 – 18 anos antes da admissão da primeira mulher na Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz. Sucedeu a Lacerda Nogueira na secretaria da instituição, ocupando a função por 15 anos. Tornou-se, também, a 1ª mulher a exercer a presidência da Academia, em dois mandatos (1974-78). Tem como sucessora, no magistério e em sua cadeira na AFL, a filha Eneida Fortuna Barros, nossa querida confreira e 1ª Secretária, aqui presente.

Edmo Rodrigues Lutterbach, nascido em Cantagalo, advogado, procurador de Justiça

e escritor, memorialista, historiador e poeta, um gigante intelectual, um dos maiores conhecedores da obra de Euclides da Cunha. Edmo liderou a AFL por mais de 30 anos, mantendo-a viva e atuante e nela imprimindo indelevelmente as marcas de sua liderança.

Waldenir de Bragança – que hoje nos dá o prazer e a honra de sua presença – médico, professor, homem público de dignidade irretocável, integrante, fundador e presidente de várias entidades científicas e culturais, que sucedeu a Edmo com a missão de revitalizar a Academia. Em mais de uma década, levou a AFL a promover inúmeras ações culturais, inclusive em parceria com entidades congêneres e órgãos governamentais. Em sua gestão, a Academia alcançou cada vez maior projeção no cenário cultural – obtendo, inclusive, o reconhecimento pela ALERJ como Academia Oficial de Letras do Estado do Rio de Janeiro, através de projeto de lei dos deputados Waldeck Carneiro e Comte Bittencourt.

Com a colaboração de sua diretoria, celebrou o centenário da AFL com extensa programação, que culminou no 1º Congresso Brasileiro de Academias de Letras, realizado com o apoio da Secretaria de Cultura de Niterói – que contou com a presença do então Presidente da Academia Brasileira de Letras Domício Proença, e durante o qual foi criada a Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro, a nossa FALERJ, da qual foi o 1º presidente. Também com a Secretaria de Cultura celebrou

1ª Jornada Cultural da FALERJ, realizada em Teresópolis, em 05/11/2017

Foto: Deborah Eltz





Acadêmica Márcia Pessanha
Foto: Christiane Vítter

acordo de fomento para a promoção de uma série de ações culturais. Por questões de saúde, Waldenir precisou restringir suas atividades; mesmo à distância, porém, continua a oferecer sua preciosa participação na vida da AFL, através de seus artigos e mensagens.

E chegamos à nossa operosa congreira **Márcia Pessanha**, a 2ª mulher a presidir a Academia Fluminense de Letras. Exemplo de excelência no magistério, professora de Português e Francês, doutora em Literatura, ex-diretora da Faculdade de Educação da UFF, escritora e poetisa, ela coordena o Núcleo de Educação e Cidadania da UFF e o Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Integra, ainda, o Conselho Municipal de Educação de Niterói.

Ao liderar a Academia Fluminense de Letras, dá continuidade a uma trajetória de pioneirismo: foi a 1ª mulher a presidir as Academias Guanabara e Niteroiense de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras. Membro da diretoria da AFL desde 2011, sempre esteve ao lado do Presidente Waldenir, participando ativamente em todas as suas ações na última década. Como sua sucessora, deu continuidade aos projetos do acordo de fomento celebrado com a Secretaria de Cultura, concluindo o compromisso assumido. Promoveu

a reabertura das atividades presenciais na Academia depois do longo período de restrições em decorrência da Pandemia.

Preside atualmente, também, a FALERJ, para dar seguimento às ações de incentivo às atividades das Academias de Letras dos municípios fluminenses. Trabalha para cada vez mais valorizá-la e expandi-la, como com a criação do Polo do Vale do Café.

A intelectualidade fluminense deve a Márcia Pessanha preito de reconhecimento pela sua dedicada atuação à frente das duas instituições, em cujas caminhadas rumo ao futuro vai deixando as marcas de sua personalidade.

Saúdo, também, as outras anfitriãs deste encontro, a Academia Niteroiense de Letras, que acaba de celebrar seus 80 anos, e o Cenáculo Fluminense de História e Letras, que festejará seu centenário em setembro.

O Cenáculo Fluminense de História e Letras foi criado em 1º de setembro de 1923, no lendário Café Paris, local de encontro de boêmios e intelectuais de Niterói. Curiosamente, consta que a ideia surgiu a partir de um grupo que projetou a fundação de uma instituição de linha “menos conservadora” do que a AFL. Denominado originalmente Academia de História e Letras do Brasil, era conhecido pelo codinome Cenáculo Ambulante, passando depois ao nome que traz até hoje, dando continuidade à sua missão em busca de novos horizontes culturais. Jacques Frederico de Beaurepaire Rohan foi o primeiro presidente da nova entidade, permanecendo no cargo por 29 anos. O Cenáculo já foi presidido por Márcia Pessanha, e hoje tem a liderança da nossa congreira Matilde Carone Slaibi Conti, que está projetando variada programação cultural para comemorar o centenário da instituição.

Presidida hoje por Paulo Roberto Cecchetti, a Academia Niteroiense de Letras foi fundada em 11 de junho de 1943, no gabinete do diretor do Departamento de Educação do Estado do Rio, Rubens Falcão. Como assinala o Acadêmico Wanderlino Teixeira Leite Netto em sua notável obra *Dança das Cadeiras*, foi feito presidente provisório Myrtharístides de Toledo Piza – meu antigo professor na Faculdade de Direito de Niterói.

Na solenidade de instalação, o presidente recém-empossado ressaltou: “Já temos em



*Acadêmico Horácio Pacheco
Foto: Divulgação*

nosso Estado, como árvore frondosa e que tantos frutos de ouro nos têm dado, a Academia Fluminense, berço, sem dúvida, do que há de mais representativo em nossas letras e, como suas filhas diletas, a Academia Petropolitana e a Academia Campista, dois outros adiantados centros onde se desenrolam magníficos torneios intelectuais. (...) A Niterói faltava, também, um centro de cultura que a representasse mais diretamente, já que a Academia Fluminense era como um foco de luz que se projetava mais ao longe (...)”.

E assim seguiu a ANL em sua missão em favor da Memória e da Cultura no município de Niterói, reunindo personalidades como Brígido Tinoco, Geraldo Bezerra de Menezes, Guaracy de Albuquerque Souto Maior, Marcos Almir Madeira, Raul de Oliveira Rodrigues, e nosso eterno Professor Horácio Pacheco – que por seis décadas se doou à Academia, com tal dedicação que esta é chamada carinhosamente “Casa de Horácio Pacheco”. Foi durante a sua gestão que, em 1988, a entidade conquistou sua sede própria, 45 anos após sua fundação, através do então Prefeito Waldenir de Bragança, que bem conhecemos como permanente incentivador do movimento cultural.

Participando hoje da 18ª Jornada Sociocultural da FALERJ, entidade

congregadora das Academias de Letras do território fluminense, e celebrando o seu aniversário de fundação, cumpre ressaltar que, a despeito das diferentes datas e circunstâncias de seu surgimento, a AFL, a ANL e o Cenáculo estão aqui hoje como anfitriões deste evento, a exemplo de muitos outros dos quais participam em parceria. Seus objetivos são semelhantes, possuem diversos integrantes em comum, e consubstanciam o pensamento que guiou a criação da FALERJ: a busca da “união construtiva em torno do pensamento acadêmico”.

É neste propósito que vemos aqui reunidos os representantes das Academias: Fluminense, Niteroiense, Cenáculo, Petropolitana, Teresopolitana, Campista, Friburguense, Volta-Redondense, de Vassouras, de Cambuci, de São Gonçalo, de São Cristóvão (SE), de Paty do Alferes (Academia Osório Duque Estrada) – além do Real Gabinete Português de Leitura e da Academia Brasileira Rotária de Letras / Seção Estado do Rio de Janeiro.

Que o lema da AFL, “per astra” – pelos astros – se perpetue através dos tempos, guiando a trajetória de todas as entidades culturais que aqui estão, comungando dos mesmos objetivos; e que a FALERJ, seguindo seus passos e seu exemplo, realize a nobre missão de conservar e incrementar a cultura e a memória da abençoada, sofrida e altaneira terra fluminense.

*Erthal Rocha, Leandro Garcia, Cláudia Coelho de Menezes (Presidente da Academia Teresopolitana), Márcia Pessanha, Paulo Roberto Cecchetti, Cleber Alves, Eneida Fortuna Barros, Gastão Reis (Academia Petropolitana), Matilde Slaibi Conti e Leda Mendes Jorge. XVI Jornada Cultural FALERJ, 19/11/2021, Petrópolis.
Foto: Aldo Pessanha*



A IMPORTÂNCIA DAS ACADEMIAS DE LETRAS NO CENÁRIO CULTURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Solenidade Comemorativa do
106º Aniversário da AFL
XVIII Jornada Sociocultural da FALERJ
22 de julho de 2023



ANTÔNIO TORRES*
*Acadêmico Titular da Cadeira nº 23
Academia Brasileira de Letras*

Senhoras e senhores,

Não são poucas as entidades acadêmicas deste nosso imenso país a enviar saudações à FALERJ pela realização desta sua XVIII Jornada Sociocultural, ao mesmo tempo em que os seus presidentes chancelam plenamente o tema da conferência que aqui ora se inicia.

Começo pelo educador e escritor cearense Tales M. de Sá Cavalcante, por ser ele o presidente da mais antiga das academias literárias do país, a do Ceará, que foi fundada em 1894, ou seja, três anos antes da Academia Brasileira de Letras, que ontem, 21 de julho, festejou os seus 126 anos.

Eis a mensagem do mestre Tales Cavalcante:

“O homem tomou a palavra para si e por meio dela se imortalizou.

Quando se reúnem os membros da Federação das Academias de Letras do Estado do
* *biografia dos autores nas págs. 121-124*

Rio de Janeiro, são celebrados a palavra, a criação literária, e aqueles ‘que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando’.

A Academia Cearense de Letras, a mais antiga das academias literárias do país, saúda a Academia Fluminense de Letras pelo seu 106º Aniversário e deseja um memorável encontro às nossas irmãs e aos nossos irmãos acadêmicos, que tanto engrandecem as artes brasileiras e contribuem para a formação e a defesa de uma consciência crítica ao valorizar a cultura nacional”.

O homem que ao tomar a palavra para si por meio dela se imortalizou foi um grego, sabemos todos. Era discípulo de Sócrates, e veio a ser mestre de Aristóteles. No ano 387 antes de Cristo ele instaurou uma escola de filosofia junto a um jardim que pertencera a um personagem mitológico chamado Akademos. E ali começou a lançar na terra as primeiras sementes do debate, do humanismo, do conhecimento, da convivência, quatro dos pilares que fundamentam as bases de qualquer academia literária do mundo, ontem e hoje, como bem o disse o presidente de uma delas – e do Estado do Rio de Janeiro –, Sérgio Fonta, ao falar pela Academia Carioca de Letras no Painel Literário do Brasil Central, ocorrido em Goiânia, em outubro do ano passado.

De Goiânia pulemos para Salvador, de onde o Presidente da Academia de Letras da Bahia, Ordep Serra, nos envia o seguinte depoimento:

“Desde que Platão plantou a primeira delas num jardim, Academias existem para o cultivo do conhecimento, o exercício do pensamento livre e criativo e, portanto, para dar combate

*Detalhe de Escola de Atenas, afresco de
Rafael no Vaticano
Foto: vatican.va*



ao obscurantismo e à barbárie. Nossa vocação é cuidar da cultura, o que exige o fomento da liberdade. Não se concebe hoje cultura sem democracia. Por isso mesmo a ALB está lançando um programa intitulado 'Cultura e Democracia'. A literatura é um objeto muito importante do nosso empenho, mas atuamos também no campo das artes e das ciências. Música, teatro e artes visuais nos interessam muito. Também abrimos espaços para a discussão de temas filosóficos, de assuntos que têm a ver com direito e ciências sociais, com as humanidades em geral. Entendemos que as academias têm um papel educativo e de difusão cultural e devem esforçar-se por prestar bons serviços à sociedade".

Já o Presidente da Academia Mineira de Letras, Rogério Faria Tavares, vê as academias como espaços de sociabilidade e de convivência amena que propiciam um ambiente adequado ao encontro das pessoas e suas ideias sem preconceitos de qualquer natureza, na crença de que é da pluralidade e da diversidade de opiniões e de visões de mundo que se alimenta a inteligência humana.



Academia Mineira de Letras
Foto: Sudhertzen / Wikipedia

"Aqui não há o velho e o ultrapassado a conflitar com o novo e o moderno" – diz Rogério Faria Tavares, referindo-se ao ambiente na Academia Mineira de Letras. "Aqui há uma confluência de temporalidades, uma mistura – saudável e necessária – entre as diversas formas possíveis de encarar os fenômenos da Cultura, fenômenos que não se cansam de nos surpreender, sobretudo nesta tumultuada segunda década do século vinte e um".

Ele nos conclama a ficarmos atentos aos

fenômenos da Cultura que no Brasil de hoje não acontecem somente nas universidades, nas bibliotecas ou nos centros culturais das grandes metrópoles. Eles estão nas comunidades, nas aldeias indígenas, nos presídios e nas periferias das capitais. Não ocorrem apenas nos salões ou entre aqueles beneficiados pela renda e pela sorte. Estão por toda a parte. Há que ter olhos para ver e ouvidos para escutar. O tão aclamado cânone, hoje, se expandiu. Está dilatado. Justamente para ser capaz de abrigar aquilo que antes não passava por seus dutos estreitos e excludentes.

Aqui cabe uma notícia: no próximo dia 13 de agosto, três membros da ABL, Marco Lucchesi, Carlos Diegues e o orador que lhes fala, estaremos na Bienal do Livro de Alagoas para uma roda de conversa e leitura em torno de uma personalidade literária caríssima ao presidente da Academia Petropolitana de Letras, o confrade Leandro Garcia Rodrigues. Trata-se do poeta alagoano Jorge de Lima, de quem o mestre Leandro Garcia organizou a correspondência dele, Jorge de Lima, com Alceu Amoroso Lima, também conhecido como Tristão de Athayde, o seu grande exegeta, no dizer do imortal Cacá Diegues, que faz a apresentação do livro do nosso amigo Leandro, primorosamente publicado pela editora carioca Francisco Alves, do querido editor Carlos Leal.

Outro destaque nesta nota é que a mesa da Bienal do Livro de Alagoas em torno de Jorge de Lima será comandada pelo Presidente da Academia Alagoana de Letras, Alberto Rostand Lanverly, que envia as suas saudações à FALERJ, pela realização desta Jornada Sociocultural, ao mesmo tempo em que procura inserir a entidade que ele dirige na agenda desse nosso encontro aqui:

"Seguindo a tendência secular defendida por instituições literárias mundo afora, dentre elas a ABL, que possui entre suas missões a imortalidade da língua, a Academia Alagoana de Letras tem sido, nos últimos anos, referência cultural e literária no estado a que pertence.

O sodalício Jorge de Lima, através de atividades diversas, tem não somente incentivado a fundação de novas academias em municípios do estado, como tem se firmado como o mais importante veículo de divulgação da literatura, quer seja praticada por filhos da terra, como outros aclamados escritores além-fronteiras.



Academia Alagoana de Letras
Fonte: Cesmac

Isso vem acontecendo em variados eventos que chamam a atenção daqueles que carecem de incentivo para dedicar-se à leitura e aprofundar conhecimentos.

Hoje, prestes a completar 104 anos (em novembro próximo), a Academia Alagoana de Letras é aclamada também pelo fato de haver definitivamente saído do casulo, passando a não somente ser a casa de Lêdo Ivo, Guedes, Pontes de Miranda, Jayme de Altavilla e tantos outros, mas tendo simbolicamente suas portas sempre abertas, como templo do saber do povo da Terra dos Marechais”.

Senhoras e senhores,

No início desta conferência aludi aos 126 anos da ABL, comemorados ontem em cerimônia que culminou com a entrega do Prêmio Machado de Assis à escritora Marina Colasanti pelo conjunto da sua obra.

Este prêmio também tem história: foi instituído em 1941, tendo entre seus agraciados nomes como Rachel de Queiroz, Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Fernando Sabino, Carlos Heitor Cony, Ana Maria Machado, Ignácio de Loyola Brandão, tantos, tantos, um por ano.

Um dos fundadores da ABL, e seu primeiro Presidente, Machado de Assis traçou na sessão inaugural o caminho que ela teria pela frente: conservar, no meio da federação política, a unidade literária. E que tal propósito, acrescentou ele, exige não só a compreensão pública, mas ainda, e principalmente, a constância dos seus membros.

E foi exatamente por essa constância que a hoje dita Casa de Machado de Assis tornou-se a célula mater das nossas academias de letras, hoje contadas às centenas em todo o território

nacional, todas a favor da cultura, como dizia a primeira mulher a presidir a ABL, a saudosa Nélida Piñon.

Já o seu atual Presidente, Merval Pereira, em sua coluna no jornal *O Globo* de 13 deste julho, escreveu o seguinte: “Ontem a cultura brasileira teve um dia de celebração”.

Ele se referia à inclusão da Academia Brasileira de Letras entre as entidades e pesquisadores que foram premiados pelo governo federal por mérito científico, o que significa um reconhecimento pelos serviços que ela presta à ciência e à inovação.

E assim a cultura ganhou o espaço da política num jornal de grande circulação, que destaca: essa premiação valoriza as instituições culturais que ajudam no desenvolvimento do país. “A amplitude das condecorações demonstra a intenção de explicitar a importância que o governo dá à ciência, à tecnologia, à inovação e também à cultura de maneira mais alargada, pois além da ABL foram homenageadas a Biblioteca Nacional, a Academia Brasileira de Ciências, a Fundação Portinari”, e mais e mais.

Outra boa notícia que o presidente da ABL trouxe do palácio do Planalto: “O governo decidiu que o Programa Minha Casa Minha Vida terá obrigatoriamente uma biblioteca para uso dos



Biblioteca Nacional do Brasil
Fonte: wikipedia.org

moradores. A Academia Brasileira de Letras dará apoio institucional e incluirá o projeto do Ministério das Cidades no seu programa de doações, já em atividade, que leva livros a comunidades carentes, presídios, quilombolas e aldeias indígenas”.

Enfim, como se constata aqui e agora, a Academia Brasileira de Letras e as associações

análogas há muito deixaram de ser torres de marfim onde se acolhem espíritos literários com uma única preocupação: literária. A esse respeito vem muito a propósito outra tomada de posição do Presidente da Academia Mineira de Letras, Rogério Faria Tavares:

“As academias precisam estar cada vez mais atentas e sensíveis, porosas, permeáveis, abertas ao que intriga e ao que espanta, sem medo, sem juízos previamente formados, sem o olhar elitista, que exclui e afasta”.

Pois ainda assim não falta quem enxergue nas academias (ainda, ainda...) um sentido pejorativo, como se elas fossem redutos de beletristas pomposos, pretensiosos, artificiosos, conforme vituperam os seus detratores – que existem, sim, e numa escala que não dá para ser ignorada.

Digam o que disserem, a verdade é que sempre prevalecerá o que disse o Acadêmico Afrânio Peixoto, em discurso na ABL em 1934: “As academias são o abrigo, o seguro de vida literário”.

Presidente da ABL em 1923, o baiano Afrânio Peixoto figura na abertura de uma coleção

*Academia Brasileira de Letras
Foto: Wolfhardt / Wikipedia*

de discursos acadêmicos, cujo primeiro volume abrange de 1897 a 1919. O dele começa assim:

“Disse um Acadêmico, Anatole France, que os habitantes de certa ilha, perdida no Pacífico, comiam os velhos: nós fazíamos deles acadêmicos. As academias são mais. São instituições de defesa mútua, contra o canibalismo natural das novas gerações”.

Quem sabe foi ao ler isso que Jorge Amado se inspirou para perpetrar a seguinte pérola:

“O escritor que aos 20 anos queira entrar para uma academia é um idiota. Assim como idiota é o que passou dos 40 e não o queira”.

Também um tanto brincante e falando sério foi o saudoso poeta Ivan Junqueira, em sua posse na ABL na noite de 7 de julho de 2000:

“Não somos imortais, sequer imorríveis, como querem alguns. Quando era de penúria a situação financeira da ABL, o Acadêmico Olavo Bilac, em um de seus chistes, chegou a dizer que éramos imortais porque não tínhamos onde cair mortos. Ora, direis, agora temos. Enfim, imortal será, quando se for, a obra, que porventura deixarmos à posteridade, mas a posteridade não passa de uma esfinge que sempre nos dirá: ‘Decifra-me. Ou te devoro’. Pouco ou nada sabemos agora de tudo o que escrevemos”.



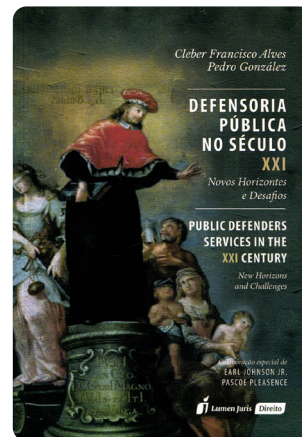
OBRAS DOS ACADÊMICOS

DEFENSORIA PÚBLICA NO SÉCULO XXI: NOVOS HORIZONTES E DESAFIOS DE CLEBER FRANCISCO ALVES

Acaba de ser lançada a 3ª edição revista e ampliada de *Defensoria Pública no Século XXI: Novos Horizontes e Desafios*, de autoria do Acadêmico Cleber Francisco Alves e do Defensor Público Pedro González (Editora Lumem Juris).

Conforme a Apresentação, a obra busca “contribuir para melhor compreender o papel que cabe à Defensoria Pública na ampliação do acesso à justiça e na efetivação do direito de assistência jurídica gratuita aos necessitados, indicando – como expressamente destacado no título – os novos ‘horizontes e desafios’ que precisam ser enfrentados”.

O Acadêmico Cleber Francisco Alves



é defensor público do Estado do Rio de Janeiro, pesquisador e professor universitário. Representante do Brasil no International Legal Aid Group, conferencista em congressos nacionais e internacionais, acaba de retornar de Taiwan, onde participou de fórum internacional sobre assistência jurídica. Autor, dentre outros, dos livros *Justiça para todos! A assistência jurídica gratuita nos Estados Unidos, na França e no Brasil*; e *O princípio constitucional da dignidade da pessoa humana: o enfoque da Doutrina Social da Igreja*.



MEUS VERSOS DE SANDRO PEREIRA REBEL

Advogado, procurador do Estado, com longa carreira no serviço público, o Acadêmico Sandro Pereira Rebel teve ainda notável trajetória como jornalista e escritor, publicando vários livros.

Pouco antes de nos deixar, lançou sua última obra: *Meus Versos*, pela Editora Parthenon, na qual, segundo prefácio de Hilário Francisconi,

“ratifica seu poder de controle sobre os artifícios exigentes do nosso idioma e, da mesma forma, sobre o difícil manejo da arte das palavras no processo estilístico de sua expressão”.

Trovador e haicaísta premiado, um eterno apaixonado pela poesia, parece natural que o saudoso confrade tenha se despedido de nós com uma coletânea poética:

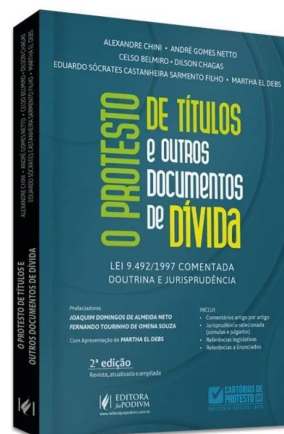
Aqui vão, ou aqui ficam,
estes meus pobres versos,
dispersos no papel,
lançados a esmo,
na direção do léu.
(...)
Por tudo isso,
porque me falam de uma vida que não
tive,
mas que decerto ainda vive
no mais recôndito dos meus universos,
é que ainda vejo nos meus pobres versos
um sentido e um fim
que me animam a guardá-los
ao menos para mim.

O PROTESTO DE TÍTULOS E OUTROS DOCUMENTOS DE DÍVIDA DE ALEXANDRE CHINI

O Acadêmico Alexandre Chini acaba de lançar a 2ª edição – revista, atualizada e ampliada – de seu livro *O Protesto de Títulos e Outros Documentos de Dívida – Lei 9.492/1997 Comentada*, pela Editora JusPODIVM.

Indicada especialmente para profissionais, a obra, escrita em coautoria com André Gomes Netto, Celso Belmiro, Dilson Chagas, Eduardo Sócrates Sarmiento Filho e Martha El Debs contém comentários, jurisprudência selecionada (súmulas e julgados), referências legislativas e referências a enunciados, e recebeu os parabéns do Desembargador Joaquim Domingos de Almeida Neto em seu prefácio:

(...) O certo é que discutir temas tão complexos, de forma tão aprofundada, clara e qualificada, torna-se mais fácil e eficiente quando há autores do nível desta obra. Vale a pena debruçar na leitura



destes avissareiros comentários à Lei de Protesto de Títulos e outros Documentos de Dívida.

Professor universitário, magistrado há 25 anos, atualmente integrante da 3ª Turma Recursal dos Juizados Especiais Cíveis do TJRJ, titular da 71ª Vara Eleitoral e membro do Fórum Permanente de História do Direito da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, Alexandre Chini Neto também é autor de *Juizados Especiais Cíveis e Criminais no Âmbito da Justiça Federal – Lei N.º 10.259/2001 Comentada* (2020) e *Juizados Especiais Cíveis e Criminais – Lei 9.099/1995 Comentada* (2023), além de diversos artigos doutrinários.



TROVAS E HAICAIS DE ALBA HELENA CORRÊA E UYÁRA SCHIEFER

No dia 27 de junho aconteceu o lançamento de *Trovás e Haicais*, das Acadêmicas Alba Helena Corrêa e Uyára Schiefer. Alba conta que a ideia nasceu do convite de Uyára para juntas

elaborarem uma coletânea, em que a primeira forneceria trovas (tema escolhido - profissões), e a segunda, haicais (inspirados na natureza e nos sentimentos):

Honra e glória ao professor:
com seu trabalho fecundo
é, da Pátria, o construtor
em qualquer nação do mundo!

Aquele que parte,
vive, ainda, na lembrança:
eterna saudade...

A pedagoga e mestra em Educação Alba e a advogada, assistente social e bibliotecária Uyára se identificam, especialmente, pela vocação para o magistério e a inspiração poética. Elas descrevem *Trovás e Haicais* como o resultado dos esforços de duas poetisas da Terceira Idade que partilham os dons de ensinar e de escrever poesias “e procuram dar o exemplo de que, enquanto houver sonhos, a vida continua”.

**AUTORES DESTE
NÚMERO**



ALBA HELENA CORRÊA

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 13
Classe de Letras

Pedagoga – Faculdade Fluminense de Filosofia, pós-graduada em Orientação Educacional – Faculdade Nacional de Filosofia. Mestre em Educação – UFF. Trovadora, sonetista, cordelista, haicaísta, cronista, contista, biógrafa, ensaísta e declamadora diplomada. Colaboradora do jornal *Unidade* e da Universidade Aberta da Terceira Idade. Membro das Academias Brasileiras de Literatura de Cordel e de Trovas, e membro correspondente das Academias Itaperunense de Letras e Cachoeirense de Letras. Vice-presidente da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói. Integrante dos Escritores ao Ar Livro e do Calçadão da Cultura.

“A mente não é um recipiente a ser preenchido, mas sim uma fogueira a ser acesa.”

Plutarco



CÉLIO ERTHAL ROCHA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 27
Classe de Letras

Jornalista, escritor, advogado e defensor público aposentado. Formou-se na Faculdade de Direito da UFF. Foi apresentador do *Grande Jornal Fluminense*, transmitido pelas Rádios *Tamoio* e *Jornal do Brasil*; repórter do jornal *O Fluminense*, no qual chefiou o Departamento de Relações Públicas; assessor de Comunicação Social do Governo do Estado do Rio de Janeiro e assessor da Procuradoria Geral de Justiça. Exerceu o mandato de deputado estadual. Autor de artigos, crônicas e dos livros: *Jornalismo, política e outras paragens* e *Um olhar sobre o Ministério Público Fluminense*.

“Ser livre não é meramente se livrar do que nos acorrenta, mas viver de uma forma que respeite e expanda a liberdade dos outros.”

Nelson Mandela



ANTÔNIO TORRES DA CRUZ

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 23
Academia Brasileira de Letras

Jornalista, publicitário e escritor. Atuou como repórter no *Jornal da Bahia*, em Salvador, e *Última Hora*, em São Paulo. Foi redator e diretor de criação em várias agências de publicidade. Autor de 17 livros publicados em diversos países e idiomas. De 1999 a 2005, foi Escritor Visitante da UERJ. É membro titular da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Letras da Bahia e da Academia Petropolitana de Letras, entre outras instituições. Agraciado com o Prêmio Machado de Assis (ABL), o título de “Chevalier des Arts et des Lettres” (França), o Prêmio Zaffari & Bourbon, da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo / RS, entre outras condecorações e homenagens.



CLEBER FRANCISCO ALVES

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 12
Classe de Letras

Professor universitário e defensor público. Graduado em Direito pela Universidade Católica de Petrópolis, com pós-doutorado na Universidade de Londres. Mestre e doutor em Ciências Jurídicas pela PUC-RIO. Professor da Universidade Católica de Petrópolis e da Faculdade de Direito da UFF. Autor dos livros *Justiça para todos! A assistência jurídica gratuita nos Estados Unidos, na França e no Brasil*; *Defensoria Pública no Século XI: Novos horizontes e desafios*; e *O princípio constitucional da dignidade da pessoa humana: o enfoque da Doutrina Social da Igreja*, além de inúmeros artigos em periódicos nacionais e estrangeiros.



**EDUARDO ANTÔNIO
KLAUSNER**
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 8
Classe de Letras

Mestre e doutor em Direito Internacional e da Integração Econômica, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Juiz de Direito do Poder Judiciário/RJ e professor permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito da Universidade Católica de Petrópolis. Foi defensor público e advogado. Membro de diversas entidades educacionais e culturais. Autor de *Direitos do Consumidor no Mercosul e na União Europeia: acesso e efetividade* e *Direito Internacional do Consumidor: a proteção do consumidor no livre-comércio internacional*. Coautor de outras 12 obras. Autor de artigos e trabalhos jurídicos.

"Todos que recordam sua própria educação recordam professores, não métodos ou técnicas. O professor é o coração do sistema educacional."
Sidney Hook



ENEIDA FORTUNA BARROS
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 19
Classe de Letras

Vice-presidente da AFL 2014-2016 e 2016-2018. Livre-docente em Teoria Literária, UFF. Mestrado em Teoria Literária, UFRJ. Formada em Línguas Neolatinas, UERJ. Professora de Teoria Literária da UFF, até aposentar-se; e da FANELT/Associação Plínio Leite. Chefe do Departamento de Literatura (1975) e membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF. Autora da tese *A escrita em processo*; da dissertação *Literalidade/Literariedade: reflexão sobre a tentativa de ultrapassagem do texto metafísico*; do trabalho de pesquisa intitulado *Dimensões do texto*; do livro *Registros de memória: momentos da prática acadêmica*; e de artigos em jornais e revistas literárias.



JOAQUIM ELOY DOS SANTOS
Acadêmico Eleito da
Cadeira nº 26
Classe de Letras

Professor, jornalista, historiador e dramaturgo, lecionou na Universidade Católica de Petrópolis, Colégio Estadual D. Pedro II, Instituto Brasileiro de Ensino e Colégio Roberto Silveira (que dirigiu), entre outras. Trabalhou na administração da Escola de Música Santa Cecília, onde ministrou Curso de Artes Cênicas. Cofundador e diretor-ensaiador do Teatro Experimental Petropolitano e criador do Grupo Recontando de Comédia. Publicou livros de crônicas, contos, poesias, ensaios, peças teatrais, biografias – inclusive a premiada "Nilo Peçanha, vulto inconfundível". Dirigiu e atuou em espetáculos premiados. Integra a Academia Petropolitana de Letras (que presidiu), o Instituto Histórico de Petrópolis e a Academia Brasileira de Poesia, entre outras entidades culturais.

"A palavra é o instrumento irresistível da conquista da liberdade."
Rui Barbosa



LEDA MENDES JORGE AIDAR
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 5
Classe de Belas Artes

Formada em Piano pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro. Ex-presidente da Associação Niteroiense de Escritores, ex-secretária da Academia Niteroiense de Letras, ex-vice-presidente e atual secretária da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói. Colegiada acadêmica do Clube de Escritores de Piracicaba. Membro correspondente da Academia Rio Cidade Maravilhosa. Livros publicados: *Haicais*, tema de tese de mestrado na UFRJ; *Sinceramente* (que teve versão em CD com acompanhamento musical de Mauro Costa Júnior); e *Poucas palavras*. Participou de várias antologias.



**LUCIA MARIA
BARBOSA ROMEU**
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 10
Classe de Letras

Integrou conjunto musical folclórico enquanto estudante do Colégio São Vicente de Paulo, com disco gravado contendo músicas de sua autoria. Formada em Letras pela UFF, onde lecionou Literatura Norte-Americana por 25 anos. Mestrado em Língua Inglesa, com aperfeiçoamento na Universidade de Maryland, EUA. Participa do programa "Companheiros das Américas", de intercâmbio cultural entre EUA e Brasil. Poeta e cronista, com 13 livros publicados, sendo um bilíngue. Escultora, com trabalhos em bronze, acrílico e terracota, com prêmios em exposições no Clube Naval do Rio de Janeiro. Violinista da Orquestra de Câmara de Niterói.

*"Mesmo sem querer fala em verso
quem fala a partir da emoção."*

João Cabral de Melo Neto



**LUIZ ALBERTO
BARBOSA ROMEU**
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 6
Classe de Belas Artes

Graduado em Engenharia Industrial Mecânica com especialização em Gerenciamento de Empreendimentos (UFF); especialização em Business Economics pela Universidade de Santa Bárbara, Califórnia, Estados Unidos; mestrado de Administração de Negócios pela Fundação Getúlio Vargas. Exerceu atividades no SERPRO, Atlantic de Petróleo, Esso, Concremat Engenharia, Exxon Company, entre outras, gerenciando implantações de fábricas e plataformas de petróleo, no Brasil, na Austrália e nos Estados Unidos. Autor dos livros *Política de Capilarização na Distribuição de Gás Natural no Brasil* e *Técnicas de Negociação*. Pintor de telas a óleo premiadas em exposições no Salão de Belas Artes do Clube Naval do Rio de Janeiro.



**LUIZA CRISTINA RANGEL
PINTO SASSI**
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 25
Classe de Letras

Graduação em Pedagogia (UFF); graduação e mestrado em Psicologia (PUC-Rio); várias especializações nas áreas de Educação Infantil, Gestão Pública e Empresarial. Diretora do Instituto GayLussac. Diretora do Grupo Cognita Schools no Brasil. Pedagoga da Fundação de Educação de Niterói. Responsável técnica apela Clínica Sassi e Caminha Consultoria em Psicologia e Educação. Diretora do Departamento de Ensino Fundamental e Médio do SINEPE- Rio. Membro do Cenáculo Fluminense de História e Letras, da Associação Brasileira de Educação, do Conselho de Educação de Niterói, do Grupo Somos Empreendedoras. Escritora de Literatura Infantil. Editora da *Revista Grão – Semeando Educação*. Autora de diversos artigos educacionais.

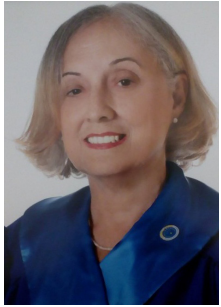
*"Há coisas que melhor
se dizem calando."*

Machado de Assis



**MÁRCIA MARIA DE JESUS
PESSANHA**
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 6
Classe de Letras

Formada em Letras Português/Francês, mestrado e doutorado em Literatura pela UFF. Primeira mulher a presidir as Academias Guanabarina e Niteroiense de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras. Segunda mulher a presidir a Academia Fluminense de Letras em 106 anos. Governadora do Distrito 8 do Elos Internacional da Comunidade Lusíada (RJ). Autora de: *Borboletrando* e *Fatias do viver*; *Casimiro de Abreu: o poeta das Primaveras*; *Interfaces da cotidianidade no romance Léonora*; *Quarto de despejo de Carolina de Jesus*; *A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagens negros*; *Conceitos de Literatura e Cultura*; *O Memorialismo Epistolar* e vários outros.



**MARIA DO CARMO
SOARES CORDEIRO**
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 9
Classe de Letras

Bibliotecária, professora, escritora e poetisa. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação, UFF. Trabalhou na Biblioteca Pública Estadual de Niterói. Organizou o acervo da Casa da Cultura e respondeu pelo Departamento de Cultura de Rio Bonito. Publicou *Como foi que um rio bonito transformou-se numa cidade sorriso; Jardim de sonhos; Duque de Caxias, 22: o endereço da felicidade; Como somos: o rio-bonitense tal qual ele é; Ao pé da serra: um paraíso* (colaboração). Compôs a Oração de Graças pelo Centenário da Academia Fluminense de Letras.

"A linguagem é o mapa para uma cultura. Ela diz de onde seu povo veio e para onde ele está indo."

Rita Mae Brown



**SARA RIFER
(JUSSARA RIBEIRO DE
SOUZA FERREIRA)**
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 42
Classe de Letras

Curso de Formação de Professores (IEPAM). Licenciatura/Habilitação em Matemática (FFC). Por concurso, ingressou nas Redes Municipal e Estadual. Especializou-se em Problemas Ambientais Regionais (UFF). Atuou em unidades privadas e na UENF. Convidada a assumir cargos em comissão na Secretaria Municipal de Educação e na Coordenadoria Regional-NF1, foi coautora de Portarias e Resoluções da SMECE e de inúmeros materiais didáticos, com destaque para a coleção *Aprender Fazendo*, (Matemática e Ciências). Sob o pseudônimo de Sara Rifer, lançou os romances regionais: *Sob a luz do Farol* (2012), *Longe de Casa* (2013), *Amor e Ódio: laços do passado* (2015), *Além das Cinzas* (2016) e *Uma luz a me guiar* (2018).



WALDENIR DE BRAGANÇA
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 29
Classe de Letras

Médico, professor, advogado, jornalista. Foi secretário municipal de Saúde, deputado estadual e prefeito de Niterói. Preside a Academia Fluminense de Letras, a Universidade Aberta da Terceira Idade e a UBT-Niterói. Presidiu a Federação Brasileira de Academias de Medicina e a Academia Brasileira Rotária de Letras. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Autor dos livros *Terceiridade e Marketing Social: relevância e resultados*; das publicações *Origem do ensino médico no Brasil em 1808 e panorama atual das escolas médicas, O direito do idoso e a realidade, O Brasil na Organização Mundial de Saúde e Direito Médico – Direito Médico-Social*. Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ANM).



*Interior da Igreja Nossa Senhora da
Conceição de Niterói
Foto: Acadêmico Antônio Machado*

NOMINATA

CLASSE DE LETRAS

CADEIRA 01

Patrono: Alberto Silva

Fundador: Salomão Cruz

Ocupantes: Hélio Nogueira, Élio Monnerat Solon de Pontes

Membro atual: Alexandre Gazé (Alexandre Gazé Filho)

CADEIRA 02

Patrono: Alberto de Oliveira

Fundador: Antônio Lamego

Ocupantes: Phocion Serpa, Walfrido Faria, Maria da Conceição Pires de Melo

Membro atual: Waldeck Carneiro (Waldeck Carneiro da Silva)

CADEIRA 03

Patrono: Alberto Torres

Fundador: Carlos Maul

Ocupantes: Luiz Magalhães, José Raymundo Martins Romeo

Membro atual: Vaga

CADEIRA 04

Patrono: Alcindo Guanabara

Fundador: Alceste Fróes

Ocupantes: Alfredo Cumplido de Sant'Ana, Enéas Marzano

Membro atual: Luiz Felizardo Barroso

CADEIRA 05

Patrono: Andrade Figueira

Fundador: Henrique Castrioto

Ocupantes: Abel Sauerbronn de Azevedo Magalhães, Edmo Rodrigues Lutterbach, Franci Machado Darigo (renunciou)

Membro atual: Vaga

CADEIRA 06

Patrono: Antônio Aguiar

Fundador: Jônatas Botelho

Ocupantes: Ramon Alonso, Mario Ritter Nunes

Membro atual: Márcia Pessanha (Márcia Maria de Jesus Pessanha)

CADEIRA 07

Patrono: Azeredo Coutinho (Bispo)

Fundador: Olímpio de Castro

Ocupantes: Arnaldo Nunes, Antônio Carlos da Rocha Villaça

Membro atual: Marcus Antônio de Souza Faver

CADEIRA 08

Patrono: Azevedo Cruz

Fundador: Homero Pinho

Ocupantes: Jacy Pacheco, Paulo Campos, Herval de Souza Tavares, Waldir Pinto de Carvalho

Membro atual: Eduardo Antônio Klausner

CADEIRA 09

Patrono: B. Lopes

Fundador: Olavo Bastos

Ocupantes: Maurício de Lacerda, Lyad de Almeida, Leir

de Souza Moraes

Membro atual: Maria do Carmo Cordeiro

CADEIRA 10

Patrono: Belisário Augusto

Fundador: Epaminondas de Carvalho

Ocupantes: Paulino Neto, José Antônio Soares de Souza, Hilton Massa

Membro atual: Lucia Romeu (Lucia Maria Barbosa Romeu)

CADEIRA 11

Patrono: Benjamin Constant

Fundador: Ricardo Barbosa

Ocupantes: Oscar Fontenelle, Dayl de Almeida, Etacyr Guimarães de Campos

Membro atual: Fernando Gama (Fernando Gama de Miranda Netto)

CADEIRA 12

Patrono: Carlos de Lacerda

Fundador: Tomé Guimarães

Ocupantes: Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes

Membro atual: Cleber Francisco Alves

CADEIRA 13

Patrono: Casimiro de Abreu

Fundador: Altino Pires

Ocupantes: Vilmar de Abreu Lassance

Membro atual: Alba Helena Corrêa

CADEIRA 14

Patrono: Castro Menezes

Fundador: Creso Braga

Ocupantes: Marcos Almir Madeira

Membro atual: João Batista Thomaz

CADEIRA 15

Patrono: Duque de Caxias

Fundador: Soares Filho

Ocupantes: Oswaldo Paixão, Henrique Glória Serpa Pinto

Membro atual: Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun

CADEIRA 16

Patrono: Euclides da Cunha

Fundador: Cortes Junior

Ocupantes: Vasconcelos Torres

Membro atual: Cybelle Moreira de Ipanema

CADEIRA 17

Patrono: Ezequiel Freire

Fundador: Manuel Duarte

Ocupantes: Elói Pontes, Mário Newton Filho, José Newton de Almeida Baptista Pereira (Arcebispo)

Membro atual: Cláudia Cataldi

CADEIRA 18

Patrono: Fagundes Varela

Fundador: Emílio Kemp

Ocupantes: Luiz Reid, Luiz Carlos Silva Lessa

Membro atual: Marcelo Moraes Caetano

CADEIRA 19

Patrono: Felisberto de Carvalho
 Fundador: Quaresma Júnior
 Ocupantes: Agenor de Roure, L.F. Carpenter, Albertina Fortuna
 Membro atual: Eneida Fortuna Barros

CADEIRA 20

Patrono: Firmino Silva
 Fundador: Eugênio Cordeiro
 Membro atual: Jota Carino (Jonaedson Carino)

CADEIRA 21

Patrono: Francisco de Lemos (Bispo)
 Fundador: Serpa Pinto
 Ocupantes: Ismael de Lima Coutinho, Maria Alice Barroso, Elídio Robaina (Monsenhor)
 Membro atual: Vaga

CADEIRA 22

Patrono: Guilherme Briggs
 Fundador: Edmundo March
 Ocupantes: Sylvio Figueiredo, Mário Duarte Monteiro, Maximiano de Carvalho e Silva
 Membro atual: Vaga

CADEIRA 23

Patrono: Joaquim Manuel de Macedo
 Fundador: Armando Negreiros
 Ocupantes: Leopoldo Teixeira Leite Filho, Xavier Placer, Hélio Alonso
 Membro atual: Peterson Barroso Simão

CADEIRA 24

Patrono: José do Patrocínio
 Fundador: Levi Fernandes Carneiro
 Ocupantes: Tarcísio Meireles Padilha
 Membro atual: Delmo Geraldo Ferreira

CADEIRA 25

Patrono: Júlio Maria (Padre)
 Fundador: J. Demorais
 Ocupantes: Nelson Rangel, Newton Perissé Duarte, Lourenço Luiz Lacombe, Roberto dos Santos Almeida
 Membro atual: Luiza Sassi (Luiza Cristina Rangel Pinto Sassi)

CADEIRA 26

Patrono: Lúcio de Mendonça
 Fundador: Ildefonso Falcão
 Ocupantes: Sávio Soares de Sousa
 Membro atual: Joaquim Eloy dos Santos

CADEIRA 27

Patrono: Luiz Pistarini
 Fundador: Gomes Leite
 Ocupantes: Alberto Lamego, Alberto Torres
 Membro atual: Erthal Rocha (Célio Erthal Rocha)

CADEIRA 28

Patrono: Macedo Soares (Conselheiro)
 Fundador: Júlio Salusse
 Ocupantes: Toledo Piza, Romeu Silva, Lourival Ribeiro

Membro atual: Maria Beltrão (Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão)

CADEIRA 29

Patrono: Manuel Carneiro
 Fundador: Múcio Paixão
 Ocupantes: Teófilo Guimarães, Hamilton Nogueira
 Membro atual: Waldenir de Bragança

CADEIRA 30

Patrono: Martins Teixeira
 Fundador: Alfredo Rangel
 Ocupantes: Luiz Lamego, Amélia Tomás, Vera de Vives
 Membro atual: Leslie Aloan (Leslie de Albuquerque Aloan)

CADEIRA 31

Patrono: Paulo da Silva Araújo
 Fundador: Castro Menezes
 Ocupantes: J.E. da Silva Araújo, Francisco Pimentel, Raul de Oliveira Rodrigues
 Membro atual: Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

CADEIRA 32

Patrono: Pedro Luiz
 Fundador: Belisário de Souza
 Ocupantes: Kleber de Sá Carvalho, Emmanuel de Macedo Soares
 Membro atual: Vaga

CADEIRA 33

Patrono: Pedro II
 Fundador: Alberto Fortes
 Ocupantes: Magalhães Gomes, Dulcydides de Toledo Piza
 Membro atual: Wainer da Silveira e Silva

CADEIRA 34

Patrono: Pereira da Silva (Conselheiro)
 Fundador: Honório Silvestre
 Ocupantes: Thiers Martins Moreira, Celso Kelly, Walter Di Biase
 Membro atual: Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva

CADEIRA 35

Patrono: Quintino Bocaiúva
 Fundador: Horácio Campos
 Ocupantes: Nelson Rebel, Artur de Almeida Torres
 Membro atual: Fátima Cunha Ferreira Pinto

CADEIRA 36

Patrono: Raja Gabaglia
 Fundador: Henrique de Araújo
 Ocupantes: Everardo Backheuser, Brigido Tinoco, Waldyr Jansen de Mello
 Membro atual: Vaga

CADEIRA 37

Patrono: Raul Pompeia
 Fundador: Adelino Magalhães
 Ocupantes: Alípio Mendes, Luiz Calheiros Cruz
 Membro atual: Marcelo Câmara (Marcelo Nóbrega da Câmara Torres)

CADEIRA 38

Patrono: Saldanha da Gama

Fundador: Lacerda Nogueira

Ocupantes: Godofredo Tinoco, Ayrton Pinto Ribeiro, Alberto Valle, Luiz de Albuquerque (Luiz Carlos de Albuquerque Santos)

Membro atual: Elias Rocha Gonçalves

CADEIRA 39

Patrono: Salvador de Mendonça

Fundador: Sena Campos

Ocupantes: Henrique Lagden, Valfredo Martins, José Geraldo Pires de Mello

Membro atual: Flávio Chame Barreto

CADEIRA 40

Patrono: Silva Jardim

Fundador: Olavo Guerra

Ocupantes: Mauricio de Medeiros, João Rodrigues de Oliveira, José Alfredo de Andrade

Membro atual: Rogério Devisate

CADEIRA 41

Patrono: Silva Marques

Fundador: Eurípedes Ribeiro

Membro atual: Marco Lucchesi (Marco Americo Lucchesi)

CADEIRA 42

Patrono: Soares de Souza Júnior

Fundador: Martins Teixeira Júnior

Ocupantes: Alberto Ribeiro Lamego, Togo de Barros

Membro atual: Sara Rifer (Jussara Ribeiro de Souza Ferreira)

CADEIRA 43

Patrono: Teixeira de Melo

Fundador: Ernesto Paixão

Ocupantes: Arthur Nunes da Silva, Heitor Gurgel, José Inaldo Alves Alonso

Membro atual: Amanda do Nascimento dos Santos Almeida

CADEIRA 44

Patrono: Teixeira e Souza

Fundador: Osório Dutra

Ocupantes: José Cândido de Carvalho, Hervê Salgado Rodrigues, Milton Nunes Loureiro

Membro atual: Marcello Cerqueira (Marcello Augusto Diniz Cerqueira)

CADEIRA 45

Patrono: Visconde de Araguaia

Fundador: Joaquim Peixoto

Ocupantes: Prado Kelly, Alaor Eduardo Scisínio, Kleber Leite (Sebastião Kleber da Rocha Leite)

Membro atual: Vaga

CADEIRA 46

Patrono: Visconde de Beaurepaire Rohan

Fundador: Antônio Figueira de Almeida

Ocupantes: Alves Cerqueira, Renato de Lacerda, Luis Antônio Pimentel

Membro atual: Andréa Caldas (Andréa Christina Silva Panaro Caldas)

CADEIRA 47

Patrono: Visconde de Itaboraí

Fundador: Oliveira Viana (Francisco José de Oliveira Viana)

Ocupantes: Sabóia Lima, Alcydes Machado Gonçalves, Angelo Longo, Sandro Pereira Rebel

Membro atual: Vaga

CADEIRA 48

Patrono: Visconde de Sepetiba

Fundador: Melquíades Picanço

Ocupantes: Macário Picanço, Aloysio Tavares Picanço

Membro atual: Lúcio Picanço Facci

CADEIRA 49

Patrono: Feliciano Sodré

Fundador: José Mauro Haddad

CADEIRA 50

Patrono: Ary Parreiras (Almirante)

Fundador: Alexandre Chini (Alexandre Chini Neto)

CLASSE DE BELAS ARTES

CADEIRA 01

Patrono: Acácia Brazil de Mello

Fundador: Dalka Azevedo (Dalka Lima Coutinho de Azevedo)

Membro atual: Gisela Lopes Peçanha

CADEIRA 02

Patrono: Affonso Gonçalves Reis

Fundador: Maestro Bernardo (José Bernardo de Souza)

Membro atual: Vaga

CADEIRA 03

Patrono: Alcyr Pires Vermelho

Fundador: Deila Scharra (Deila Maria Ferreira Scharra)

CADEIRA 04

Patrono: Chiquinha Gonzaga

Fundador: Lúcia Motta (Lúcia Regina Antunes da Motta)

CADEIRA 05

Patrono: Francisco Mignone

Fundador: Leda Mendes Jorge (Leda Mendes Jorge Aidar)

CADEIRA 06

Patrono: Israel Pedrosa

Fundador: Robert Preis

Membro atual: Luiz Alberto Barbosa Romeu

CADEIRA 07

Patrono: Jayme Moreira de Luna

Fundador: Antônio Machado (Antônio Alberto Carvalho Machado)

CADEIRA 08

Patrono: Leopoldo Fróes

Fundador: Veronica Debellian Accetta

Membro atual: Gracinha Rego (Maria das Graças Alves de Azevedo Rego)

CADEIRA 09

Patrono: Lourenço Fernandes

Fundador: Magda Belloti (Magda Telles Loureiro Belloti)

CADEIRA 10

Patrono: Margarida Lopes de Almeida

Fundador: Maria Aparecida Barreto da Silva

CADEIRA 11

Patrono: Maria Sabina

Fundador: Neide Barros Rêgo

Membro Atual: Vaga

CADEIRA 12

Patrono: Noel Rosa

Fundador: Myrtis Ruschel Bergamaschi de Leoni Ramos

CADEIRA 13

Patrono: Raimunda Viana

Fundador: Maria de Carvalho Mendes

CADEIRA 14

Patrono: Silvio Vianna

Fundador: Marly Prates (Marly Soares Prates Lima)

Membro atual: Vaga

CADEIRA 15

Patrono: Villa-Lobos

Fundador: Therezinha de Maria Carvalho Pinto

CLASSE DE CIÊNCIAS

CADEIRA 01

Patrono: Américo Braga

Fundador: Aristeu Pessanha (Aristeu Pessanha Gonçalves)

CADEIRA 02

Patrono: Aurora de Afonso Costa

Membro atual: Vaga

CADEIRA 03

Patrono: Carlos Chagas

Fundador: Luiz Augusto de Freitas Pinheiro

CADEIRA 04

Patrono: Emilia de Jesus Ferrreiro

Membro atual: Vaga

CADEIRA 05

Patrono: João da Silva Vizella

Fundador: Alcir Chácar (Alcir Vicente Visela Chácar)

CADEIRA 06

Patrono: Marcolino Candau

Fundador: Wanderley Francisconi Mendes

Membro atual: Vaga

CADEIRA 07

Patrono: Osvaldo Monteiro de Carvalho

Fundador: Alcides Pissinatti

CADEIRA 08

Patrono: Osvaldo Cruz

Fundador: Demócrito Jonathas de Azevedo

Membro atual: Vaga

CADEIRA 09

Patrono: Ottílio Machado

Fundador: Salvador Borges Filho

CADEIRA 10

Patrono: Paulo Pimentel

Fundador: Cláudio Chaves (Cláudio do Carmo Chaves)

CADEIRA 11

Patrono: Roched Seba

Fundador: Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

CADEIRA 12

Patrono: Rodolpho Albino

Fundador: Sidney Gomes

CADEIRA 13

Patrono: Romero Cunha

Fundador: Guilherme Eurico Bastos Cunha

Membro atual: Vaga

CADEIRA 14

Patrono: Sylvio Pires de Mello

Fundador: Luiz Rogério Pires de Mello

CADEIRA 15

Patrono: Vital Brazil

Fundador: Antônio Werneck (Antônio Joaquim Werneck de Castro)

CLASSE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CADEIRA 01

Patrono: José de Anchieta (Padre)

Fundador: Carlos Wehrs

Membro atual: Uyára Alves Schiefer

CADEIRA 02

Patrono: Darcy Ribeiro

Fundador: Luiz Augusto Erthal

CADEIRA 03

Patrono: João VI

Fundador: Francisco Tomasco de Albuquerque

CADEIRA 04

Patrono: Durval de Almeida Baptista Pereira

Fundador: Aidyl de Carvalho Preis

CADEIRA 05

Patrono: Emilio do Carmo

Fundador: Matilde Carone Slaibi Conti

CADEIRA 06

Patrono: Francisco Alves

Fundador: Aníbal Bragança (Aníbal Francisco Alves Bragança)

Membro Atual: Vaga

CADEIRA 07

Patrono: Hipólito José da Costa

Fundador: Mário Sousa (Mário José Fernandes Rodrigues de Sousa)

CADEIRA 08

Patrono: Jalmir Gonçalves da Fonte

Fundador: Nagib Slaibi Filho

CADEIRA 09

Patrono: João Brasil

Fundador: Clélio Erthal

CADEIRA 10

Patrono: José Bonifácio da Silva

Fundador: Sylvio Lago Jr. (Sylvio Pereira Lago Júnior, renunciou)

Membro Atual: Vaga

CADEIRA 11

Patrono: José Clemente Pereira

Fundador: José Alves Pinheiro Júnior

CADEIRA 12

Patrono: Nina Rita Torres

Fundador: Haroldo Zager (Haroldo Zager Faria Tinoco)

CADEIRA 13

Patrono: Princesa Izabel

Fundador: Antônio Izaías da Costa Abreu

Membro Atual: Djalma Augusto dos Santos Mello

CADEIRA 14

Patrono: Teixeira de Freitas

Fundador: Edson Alvisi (Edson Alvisi Neves)

CADEIRA 15

Patrono: Violeta Campofiorito Saldanha da Gama

Fundador: Andréa Ladislau (Andréa Antônia Ladislau)

MEMBROS HONORÁRIOS

01 - Antonio Cláudio Lucas da Nóbrega

02 - Domício Proença Filho

03 - Pietro Novellino

04 - Roberto de Souza Salles

Detalhe da fachada do prédio da Academia Fluminense de Letras e Biblioteca Pública Municipal, na Praça da República, 7, Centro de Niterói (projeto do arquiteto Pedro Campofiorito, parte integrante do conjunto arquitetônico da Praça da República)

Foto: Acadêmico Antônio Machado





www.academiafluminensedeletras.com.br